

Jill
Mansell

Jogos Secretos

Tradução de Isabel C. Penteado

A presente obra respeita as regras do Novo Acordo Ortográfico.



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

Outros títulos da autora:

A Felicidade Mora ao Lado

A Pensar em Ti

Doce Vingança

Irresistível Tentação

Uma Oferta Irrecusável

Resistir ao Amor

Romance Atribulado

Encontro Inesperado

Amores Proibidos

Pura Malícia

Paixões à Solta

Capítulo 1

Suzy apaixonou-se por Harry Fitzallan assim que lhe mostrou a amostra de esperma do marido.

Claro está que a amostra não pertencia propriamente ao marido. Principalmente porque ela não era casada.

Também não se tratava de uma amostra de esperma, era um copo de papel do *McDonald's* com o restinho do batido de morango. Mas quando o nosso irmão acaba de ser mandado parar por excesso de velocidade e não quer mesmo nada ficar sem a carta de condução... bem, por vezes é mesmo necessário improvisar; fazer o melhor que se pode com o que se tem.

Ah, e na realidade também não se tratou de amor à primeira vista. Contudo, foi inegavelmente um fortíssimo ataque de desejo sexual.

— Ah, que maravilha, era só isto que me faltava! — Rory Curtis, que nunca praguejava, soltou um gemido baixo quando o carro da polícia se colocou diante dele com as luzes de «foste-apanhado» a piscar e o condutor gesticulou calmamente para que encostasse numa das áreas de repouso da autoestrada.

— Sacana! — Ao contrário do irmão mais velho, Suzy Curtis era apreciadora de um pouco de blasfémia. — Francamente, o que querem estes chatos?! Porque não vão fazer alguma coisa de útil, como por exemplo prender ladrões? Quando é que param de chatear condutoras inocentes que...

— Isto não é nada bom. — Rory interrompeu bruscamente a invetiva dela. — Já tenho duas contraordenações muito graves. Vou ficar sem a carta de certeza. — Exalou pesadamente. — Como posso trabalhar sem carro?

Rory era picuinhas e fanático pelo trabalho. Suzy, que não era, conseguiu perceber a agitação do irmão, quando este travou e encostou o carro, e começou a mexer no copo de batido que tinha no colo, sentindo-se bastante tentada a descarregar a própria frustração e a esmagá-lo como se de uma lata de *Coca-Cola* se tratasse. Só que se o fizesse, ia apenas conseguir espalhar gotas de batido por cima da saia *Agnès B* azul-marinho.

Rory parou com relutância atrás do carro da polícia e os dois viram os agentes saírem do carro.

— Caraças! — disse Suzy com voz entrecortada, imediatamente distraída e assobiando de espanto por a visão dele ser tão inesperada. — Não me importava nada de ser mãe dos filhos dele.

— Podias começar já. — Rory tinha o maxilar tenso, o tom era de resignação. — Podia ser que ele se esquecesse de me multar.

Não havia como negar; aquele polícia era lindo de morrer. Registrando cada pormenor delicioso, desde os olhos azuis-claros que enrugavam nos cantos até ao corpo que, sinceramente, era excelente em todos os aspetos, Suzy teve de fazer um esforço consciente para fechar a boca. Afinal, não há nada de remotamente atraente numa miúda que se baba.

Os dedos dela apertaram impotentemente o copo de batido. Ao seu lado, no banco do condutor, a respiração de Rory acelerou e uma veia na têmpora começou a latejar. Enquanto o agente se aproximava deles, Suzy imaginou-se fugazmente a ter os filhos dele. Olhou pensativamente para o copo que tinha na mão e removeu a palhinha.

— Pronto, estou tramado — disse Rory, aflito, massajando a testa.

— Shhhh, deixa-me tentar uma coisinha. — Suzy deu-lhe uma palmadinha suave no braço, abriu a porta do passageiro, saiu rapidamente para a berma arrelvada, olhou para o polícia mais lindo que já tinha visto...

... e desatou a chorar copiosamente.

Ele fez um ar de surpresa.

— Ora, então...

— Por favor, senhor agente, por favor, eu sei que íamos um bocadinho depressa de mais, mas...

— Um bocadinho depressa? Cento e cinquenta quilómetros por hora, de acordo com o nosso computador de bordo.

— Mas todos os segundos contam nesta nossa última t-t-tentativa — disse Suzy aos soluços. — Seis anos de angústia, quatro fertilizações *in vitro* e não podemos mesmo pagar mais nenhuma tentativa. Senhor agente, imploro-lhe... — A tremer, levantou o copo de batido vivamente colorido que publicitava o último filme da Disney. — Temos trinta minutos para chegar ao hospital. Os médicos estão todos à nossa espera. Já tomei todas as injeções... esta é a minha derradeira oportunidade de ter um bebé e se não nos deixar ir imediatamente... — apertou o copo contra o peito agitado — eles vão morrer todos!

Suzy pestanejou, os lábios corajosamente contraídos, a angústia patente nos olhos. E pronto, não se podia dizer que não tinha dado o seu máximo. Céus, ele era lindo!

Agora calma, lembrou a si mesma. *Independentemente do que aconteça, não posso, de maneira nenhuma, atirar-me a ele.*

— Quer dizer... — Perplexo, o polícia apontou para o copo e depois para Rory no lugar do condutor. — Ele... para dentro de um copo de batido?

Suzy rezou para que ele não lhe pedisse para tirar a tampa. O morango era um bocadinho revelador.

— Bem, tem de se pôr dentro de alguma coisa. — As palavras saíram-lhe como um lamento indignado. — O que usaria você? Um copo de vinho? — Mordeu o lábio e limpou as lágrimas dos olhos. — Olhe, desculpe, perdoe-me, é que tem sido um stress terrível. Eles têm uma sala reservada no hospital para os homens... mas o meu marido não consegue... hum... é tudo tão impessoal, sabe... ele prefere fazer em casa. Vá, dê uma espreitadela se não acredita em mim! — Arriscando tudo, Suzy deu um passo em direção ao polícia e ofereceu-lhe ansiosamente o copo de papel. — Mas, por favor, não o entorne. Estão aí os meus bebês.

Quando o polícia hesitou, a porta do lugar do passageiro do carro policial abriu-se e o segundo agente saiu. Era rechonchudo, andava pela casa dos cinquenta e tinha uma respiração pesada, e a cara tinha a cor do rabo de um babuíno.

Hum, ali não havia perigo de sedução inadvertida. — Algum problema?

— Oh, por favor, deixe-nos ir — suplicou Suzy, desmoronando uma vez mais (embora não sem algum encanto). — Não compreende? Todos os segundos contam!

O bem-parecido olhou por cima do ombro para o colega. Depois, virando-se de novo para Suzy, anuiu com a cabeça na direção do carro.

— Então é melhor irem andando. Não há tempo a perder.

— Oh, obrigada, senhor agente! — Suzy ficou tão exultante que quase largou o copo de batido para se lançar nos braços dele. Em vez disso, limitou-se a imaginar qual seria a sensação de se atirar nos braços dele. Toda aquela sarja azul áspera contra o seu corpo quente e nu (céus, um homem de uniforme era realmente um caso à parte). — Não sabe o que isto significa para mim!

— Boa sorte. — Dirigiu-lhe um sorriso pesaroso, como se, noutras circunstâncias, claro, não se tivesse importado de descobrir por ele próprio qual seria a sensação de ter o corpo quente e nu dela magistralmente apertado contra o seu peito de sarja azul.

— Nem sequer os vais atuar? — O feio parecia dececionado.

Ignorando-o, Suzy disse: — Tem de me dizer o seu nome.

— Fitzallan.

— Eu estava a referir-me ao nome próprio.

— Oh. — Ele sorriu, corando ligeiramente. — Harry.

Rory estava a manter a porta do carro aberta para ela. Sentindo-se como se fossem Bonnie e Clyde prestes a fazerem uma fuga apressada, Suzy entrou no carro e baixou o vidro.

— Se tivermos um menino, vamos dar-lhe o seu nome! — gritou ela, acenando-lhe enquanto se afastavam a grande velocidade.

Quinze dias depois, no último dia de julho, Suzy reuniu os empregados da Curtis & Co no bar do Avon Gorge Hotel para comemorar um mês de negócios recorde. Ela tinha conseguido até convencer Rory a parar de se matar no trabalho durante umas horas e a tomar antes alguns copos ganhos à custa de muito esforço.

Os restantes tomaram mais do que alguns. Suzy, que tinha excedido o seu objetivo de vendas em trezentos por cento, atirou-se alegremente à tequilha. Martin Lord, seu colega negociador, acompanhou-a bebida a bebida. Quando Donna — a extraordinariamente eficiente secretária gótica — avistou um grupo barulhento da Slade & Matthews, uma agência rival de Clifton, Martin depressa os atraiu para um espalhafatoso jogo de Desafio ou Consequência.

— Consequência! — bramiram os adversários deles quando Martin se recusou a despir-se todo. — Uma volta ao terraço com a Suzy às cavalitas, a cantar «My Way» e a chicotear-te com um cinto de cabedal.

— Consequência? — Martin fez um sorriso malicioso. — Há anos que tenho essa fantasia.

— Nem te atrevas a deixá-la cair — avisou Rory quando Suzy, já bastante tocada, levantou a saia e saltou para as costas de Martin. — Ela é a minha vendedora principal.

— Para não dizer uma cantora fantástica. — Inclinando-se para a frente, Suzy despenteou afetuosamente o cabelo escuro do irmão. — Donna, preciso de uma ajudinha para começar. Dá-me um C menor.

Dando umas pancadinhas nos bolsos do longo vestido preto, Donna disse: — Não tenho nenhum.

— Deixa estar, pode ser antes um *Marlboro*. — Suzy inclinou-se precariamente de lado, tirou uma garrafa de vinho meio vazia da mesa e arrancou um cigarro aceso dos dedos de Martin. — Agora só preciso de um par de esporas. Eia, Silver, vamos! Cuidado com essas mesas...

Estavam todos a aplaudir entusiasticamente, mas era uma consequência muito extrema para Martin, que tinha bebido sete *shots* de tequilha em jejum. Ele cambaleou, embateu contra uma das mesas e desequilibrou-se antes de Suzy ter sequer a oportunidade de começar a cantar. E,

provavelmente, ainda bem, porque ela tinha uma voz calamitosamente desafinada.

— Aaaaaii! — Ao tombar para trás, ela indagou-se vagamente se o rabo estaria à altura de lhe amortecer a queda. Suzy sentiu-se a cair em câmara lenta. Os braços, abertos ao estilo reflexo de Moro, só alcançaram ar fresco. Atrás dela, uma cadeira caiu ao chão e um par de braços fortes, aparecidos do nada, seguraram-na na queda.

Espantada, Suzy fitou as mãos desconhecidas que lhe agarravam firmemente a cintura. Alguém com reflexos tão rápidos tinha-a salvado de um destino verdadeiramente horrível e ela nem sequer conseguia ver-lhe a cara. Além disso, as coxas dela continuavam a envolver a cintura de Martin.

O que era embaraçoso e não propriamente elegante.

Lentamente, Suzy desenleou as pernas. Por um golpe de sorte, tinha conseguido não largar nem o cigarro nem a garrafa de *Pouilly Fumé*. Para se acalmar, deu uma grande passa num e um gole no outro. Felizmente, na ordem certa.

Depois virou-se ao contrário para ver quem tinha ocorrido tão magnificamente em seu auxílio.

Por instantes, não o reconheceu, tão fortemente ele estava associado na sua mente com sarja azul rugosa. Então Suzy viu a forma como os olhos dele enrugavam nos cantos e reviveu de imediato todos os pormenores do último encontro. Desta vez sem chapéu, verificou que o cabelo dele era mais encaracolado do que se tinha apercebido. Os olhos estavam igualmente azuis. E, agora que envergava um polo amarelo-claro e umas calças de ganga justas, ela pôde apreciar os melhores aspetos do seu corpo, que era seco, bem tonificado e nitidamente capaz de levantar pesos consideráveis quando a ocasião o exigia.

Bem, pesos mais ou menos consideráveis. Não havia nada de errado em pesar cinquenta e sete quilos. — Detesto mesmo ter de dizer isto, — disse Suzy, — mas parece que fui apanhada com a boca na botija.

— Realmente — concordou Harry Fitzallan com uma expressão triste. — A fumar, a beber, a correr às cavalitas, já para não falar do seu marido ali a vê-la a galopar às costas de outro homem.

As tequilhas que ela tão temerariamente bebera mais cedo estavam a deixá-la zozna. — Na verdade, ele não é meu marido. É meu irmão — disse ela.

— Nesse caso, espero mesmo que não fosse com a amostra de esperma dele que você estivesse com tanta pressa de ser inseminada.

— Que posso dizer? Disse uma grande mentira. — Suzy tentou fazer um ar adequadamente envergonhado. — Era batido de morango.

— E eu a pensar que estava a ser um tipo tão simpático. — Harry olhou

pesarosamente para ela. — A ter uma atitude correta e tudo. Sabe, não parei de pensar em si. Depois. Na esperança de que tudo corresse bem para si e para o seu marido...

— Mas quando eu tiver realmente um bebê, — disse-lhe ela com ar sério, — prometo-lhe que lhe vou dar o seu nome.

Ele levantou uma sobrancelha cética.

— Nem sequer consegue lembrar-se do meu nome.

Suzy, que se lembrava, gesticulou com o braço e anunciou: — Vou chamar-lhe Polícia.

Saiu-lhe como «Polichia».

Harry sorriu.

— Você está bêbeda.

— Eu sei, eu sei. — Anuiu vigorosamente com a cabeça, novamente fascinada com o azul espantoso dos olhos dele. — Mas, como disse Winston Churchill uma vez, quando eu acordar de manhã, você vai continuar a ser lindo.

— Ele quase disse isso. Bem, quase disse algo vagamente parecido com isso.

— Então e agora? Vai prender-me?

— Porquê? Por estar bêbeda e em posse de um *Marlboro*?

Ele viu-a tentar sacudir os três centímetros e meio de cinza para dentro de um cinzeiro e falhar. Suzy abanou a cabeça e sacudiu para trás os longos cabelos dourados, não os incendiando por pouco.

— Vá lá, você sabe do que eu estou a falar. Transpiração... não, conspiração para corromper a aplicação da lei... foi o que eu fiz, não foi? — Oh, era tão fácil uma pessoa arrepender-se dos pecados quando sabia que não ia ser castigada! — Oh, senhor agente, como é que poderei alguma vez agradecer-lhe?

Harry sorriu ironicamente.

— Deixe-me primeiro verificar uma coisa. É casada?

— Eu, senhor agente? Credo, não! — Um pouco cambaleante, Suzy localizou o copo quase vazio em cima da mesa e ergueu-o com solenidade. — Sou completamente solteira, senhor agente. Tão sozinha como esta tequilha.

— Nesse caso, — disse Harry, — sempre podia sair para jantar comigo amanhã à noite.

Sim, sim, sim! Emborcando triunfantemente as últimas gotas tépidas da bebida, Suzy congratulou-se pelo excelente resultado obtido. Era como vender uma casa fabulosa poucas horas depois de esta ter sido colocada à venda. *Mas isto é ainda melhor*, pensou ela alegremente; *um encontro em poucos minutos. Bolas, sou mesmo boa!*

Uh, oh! Ao erguer o copo vazio em direção à luz, ela constatou que a

boca já não estava a deixar marcas na borda. E se o batom já tinha desaparecido, significava que o mais provável era a sua cara também já estar a brilhar. Já para não falar no cabelo, que devia estar a precisar de uma boa escovadela.

Basicamente, estava na hora da revisão do meio da noite.

— Sabe o que eu detesto? — A cabeça de Harry estava inclinada para um lado e o tom de voz era loquaz. — Detesto quando convido uma rapariga linda para jantar fora e ela não diz nada. Fica simplesmente a olhar fixamente para o copo. Então, posso assumir isso como um não?

— Espere aqui. — Suzy pegou na mala. — Não se vá embora, não mova um músculo. — À laia de explicação, agitou os dedos na direção da casa de banho das senhoras que ficava no átrio de entrada perto da receção.

— Nem sequer sei o seu nome — protestou Harry. — Pelo menos diga-me isso. — Fez um ar preocupado quando Suzy se aproximou das portas duplas. — Não me vai abandonar, pois não? Vai fazer aquela coisa da Cinderela e desaparecer?

O quê? Deixar para trás um dos seus adorados *Manolo* de verniz preto? Estaria ele a gozar? Tinham-lhe custado uma fortuna!

— Volto dentro de dois minutos. — Suzy soprou-lhe um beijo. — Prometo.

Ela tinha estado certa quanto ao fator brilho. Aliviada por, pelo menos, a maquilhagem dos olhos ainda estar intacta, Suzy retirou o estojo de maquilhagem da mala e começou a reparar os estragos. Primeiro, pó mate para restaurar a tão necessária ordem à sua agitada tez. Em seguida, batom — nada de pincel para lábios, ela não conseguia usar tanta coisa —, depois uma camada de *lipgloss* para um acabamento mais voluptuoso. Claro está que o *lipgloss* era um pesadelo quando se pretendia beijar alguém, porque a) todos os homens se encolhiam só de pensar e b) se conseguiam ultrapassar o medo, acabavam invariavelmente os dois de queixo lustroso.

Suzy passou-o, de qualquer forma, porque a) dava um ar sexy e b) não tinha intenção de beijar Harry naquela noite.

Posso estar um pouco alegre, pensou ela com orgulho, mas ainda consigo fazer-me de difícil.

Ah, não, ele que espere.

Pelo menos, até amanhã à noite.

A porta para a casa de banho das senhoras escancarou-se menos de um minuto depois. Debruçada em frente do espelho ornado a dourado a borrar vigorosamente com *Elnett* as raízes do cabelo acabado de escovar para lhe dar dinamismo — e ainda por cima a sentir-se um pouco zonza —, Suzy

soltou um grito quando, pela segunda vez naquela noite, se sentiu inesperadamente agarrada por trás.

Por assim dizer.

Céus, era como um *déjà vu*, só que estava a acontecer na realidade. Só que daquela vez as mãos que a agarravam eram maiores, mais peludas e... hum, parecia haver umas poucas.

— Um, dois, três, PUXEM! — gritou um dos do grupo da Slade & Matthews. De um modo nada galante, Suzy caiu. As paredes da casa de banho começaram a girar quando ela se viu arremessada para cima de um ombro forte.

— Pronto, já a tenho. Mike, traz a mala dela. Si, abre a porta. Aguenta-te, minha linda, tu vens connosco.

— Não quero — disse Suzy, atrapalhada, o cabelo descontrolado caindo-lhe sobre o rosto enquanto ela tentava salvar a própria vida.

— Não tens escolha, querida. Desafio ou Consequência, é esse o jogo, e foi este o desafio que nos colocaram.

Si manteve a porta aberta. Denzil, o raptor de Suzy, carregou-a porta fora. Mike vinha em último lugar, com a mala dela numa mão e a lata de *Elnett* fixação extraforte na outra.

A oscilar para cima e para baixo sobre o ombro forte de Denzil quando passavam a correr pela receção, Suzy disse ofegante: — Não estão a compreender, eu tenho de v-voltar. Estou prestes a conseguir um j-j-jantar.

Já se encontravam no exterior do hotel a subir a Princess Victoria Street e a atrair olhares curiosos dos transeuntes. Suzy rezava para que as cuecas não estivessem à vista.

Denzil deu-lhe uma palmadinha tranquilizadora nas nádegas.

— Com um polícia. Nós sabemos, o Rory disse-nos. Foi por isso que tivemos de te raptar, querida. Para te salvarmos de ti mesma.

— Mas ele é l-lindo!

— Não é, é um agente da brigada de trânsito. — Denzil estava no gozo. — Imagina se te casasses com ele. Ele ia multar-te sempre que espremesse o tubo da pasta de dentes pelo meio, ou deixasses uma saqueta de chá em cima do lava-louça.

— Tu não compreendes — queixou-se Suzy. — Ele não é como os outros. E tem uns olhos azuis incríveis!

Tinham chegado ao Clifton Wine Bar, onde estava a decorrer uma enorme festa de sexta-feira à noite. Ainda carregando Suzy ao ombro, Denzil abriu caminho pelo meio da multidão barulhenta e agitada.

— Ficas aqui connosco, pétala. Vai por mim, é o melhor. Nunca te envolvas com um polícia, têm todos uma fixação por algemas. — À laia de consolação, presumivelmente, deu-lhe mais uma palmadinha nas nádegas

antes de a baixar, de um modo algo turbulento, até ao chão. — Além disso, pensa no que isso faria à tua reputação.

Minutos depois, Rory, Martin e Donna juntaram-se a eles.

— Ele ainda lá estava quando vocês saíram? — Com a mão livre, Suzy agarrou-se ao braço do irmão. A outra permaneceu firmemente presa a Denzil.

— Quem? O rapaz de azul? — Rory, que não estava habituado a beber, estava tão atordoado depois de duas canecas de cerveja como os restantes outros depois de dez. — Acho possível. — Franziu o sobrolho a Suzy. — Porquê? Estava a incomodar-te?

— Ele estava a convidar-me para sair!

Os irmãos, francamente! Às vezes não apetecia simplesmente dar-lhes um pontapé? Rory fez um esgar solidário e deu-lhe uma consoladora palmadinha desajeitada no ombro.

— Azar. Mas não importa, nós não dissemos a ninguém aonde íamos. Ele nunca irá encontrar-nos.

A mão de Denzil permaneceu fechada em volta do pulso de Suzy durante a hora seguinte.

Até a natureza chamar.

— Se achas que me vais arrastar para a casa de banho dos homens contigo, — disse-lhe Suzy, — bem, não vais e pronto, ok?

Denzil tirou uma nota de vinte libras da carteira.

— Então, sê boazinha e vai buscar a próxima rodada. — Fez um lento sorriso malicioso. — Eh, és linda, sabias?

— Sim.

— Porque estás a trabalhar para aquele teu irmão, quando podias estar a trabalhar para nós?

— Denzil, eu gosto de trabalhar lá.

— Gostavas de ser recrutada?

— Não — disse pacientemente Suzy.

— Ora, sabes bem que és doida por mim. Íamos formar uma equipa fantástica.

— Sou fantástica onde estou, obrigada.

Por aquela altura, a natureza estava já a martelar nas janelas e a berrar por um megafone, a exigir atenção.

— Vá, estou aqui a esfalfar-me — disse-lhe Denzil (romântico, não?). — Vai lá buscar as bebidas. Linda menina. Volto num piscar de olhos.

Era uma sorte ele ser agente imobiliário e não um guarda prisional, pensou Suzy quando se esgueirou do bar e desceu apressadamente a Princess Victoria Street, saltos altos martelando nas pedras da calçada como castanholas.

Por favor, está lá. Espero mesmo que ainda lá estejas...

Mas claro está que quando ela chegou ao bar do Avon Gorge Hotel, ele não estava.

Capítulo 2

O funeral de Blanche Curtis, mãe de Rory, Julia e Suzy foi encomendado para ter lugar no crematório de Canford em Westbury-on-Trym ao meio-dia da última terça-feira de agosto.

Dois dias antes do funeral, Jaz Dreyfuss, ex-marido de Suzy, disse: — Gostavas que eu fosse?

— Vem se quiseres. — Suzy encolheu os ombros. — Mas ela não gostava de ti.

— Claro que não gostava de mim. Nunca te terias casado comigo se ela gostasse. — Jaz sorriu maliciosamente. — Sempre me disseste que uma ambição que tinhas na vida era fugir com um homem que a tua mãe detestasse verdadeiramente.

Suzy estava de pé em cima de uma cadeira, no meio da sala de estar, a ver a sua imagem refletida no espelho por cima da lareira e à espera que Fee acabasse de lhe marcar a bainha do vestido.

— Pobrezinha da Blanche, que forma de morrer — disse Jaz. — Onde quer que esteja agora, aposto como está furiosa.

Era verdade. A mesma ideia tinha passado pela cabeça de Suzy. Depois de uma vida inteira obcecada pela aventura, Blanche ambicionaria certamente uma morte com mais emoção. Mais impressionante. Talvez a cair numa emboscada e a ser devorada por crocodilos enquanto fazia esqui aquático no Amazonas. Ou a cair do céu num balão de ar quente e a mergulhar numa fissura alpina.

Como forma de morrer, qualquer uma destas teria sido, de longe, muito mais ao estilo de Blanche.

Basicamente, qualquer coisa teria servido, desde que fosse excêntrica, dramática e tivesse bravata.

Só que não tinha acontecido nada desta forma. Em vez disso, Blanche Curtis tinha sucumbido tranquilamente, em casa, a um enfarte cardíaco durante o sono. Nada de crocodilos nem de abismos gelados à vista.

— Pronto, já está — disse Fee com a boca cheia de alfinetes. — Despe-o com cuidado para eu lhe fazer a bainha.

— És um anjo. — Suzy estava profundamente grata. Se lhe dessem uma casa, vendia-a, mas costurar era um daqueles mistérios da vida. E embora Blanche aprovasse, sem dúvida, o vestido de veludo vermelho que ela tinha comprado especialmente para o funeral, era capaz de começar a bater de indignação na tampa do caixão se Suzy aparecesse no cemitério com uma saia de um comprimento que não lhe ficasse bem.

Quando Suzy acabou de despir o vestido e de o passar a Fee, bateram à porta de casa.

Saltando da cadeira, Suzy olhou alegremente para Jaz e gritou: — A Maeve voltou!

Momentos depois, a porta da sala de estar escancarou-se e Maeve McCourt, com a sua capa impermeável púrpura a cintilar com a chuva, apareceu à entrada. Estendeu os braços e afirmou: — Minha pobre bebezinha, vem cá!

Suzy atravessou a sala num ápice, abraçando a governanta de Jaz e sendo abraçada em resposta até ambas perderem o fôlego.

— Olha para ti, praticamente nua de sutiã e cuecas! — repreendeu Maeve. Enfiou a mão na grande bolsa púrpura a tiracolo e retirou de lá uma caixa de tamanho familiar de lenços de papel. — A chorar dessa maneira e a molhares-te toda com a chuva do meu impermeável, apanhas pneumonia na certa. Pronto, pronto, minha querida, chora o quanto quiseres. Mas primeiro veste alguma coisa quente.

— Isto não é um sutiã e isto não são cuecas — disse Suzy, limpando os olhos e fungando ruidosamente. Na verdade, tratava-se de um top branco de desporto *Donna Karan* e uns microcalções a condizer. — E só estou a chorar porque estou contente em ver-te.

Era verdade. Eram as primeiras lágrimas que derramava desde que soubera da morte de Blanche. Com um ligeiro sentimento de culpa, Suzy constatou que era mais apegada a Maeve do que alguma vez fora à própria mãe. Se alguma coisa acontecesse a Maeve, ela ficaria desesperada.

— Vamos despir-te isto. — Pelo meio de muito ranger de plástico, Jaz ajudou-a a despir a capa. — Porque não se sentam as duas e põem a conversa em dia? Então, foram umas férias boas, Maeve?

Maeve, que tinha estado em Dublin a visitar a sua extensa família, olhou afetuosamente para Jaz e disse: — Ótimas, amor. Do melhor. Depois conto-te. Vão-se os dois embora agora?

Fee e Jaz dirigiam-se ambos discretamente para a porta. Fee levantou o vestido de veludo vermelho.

— Tenho de terminar isto.

— E eu tenho um compromisso — disse Jaz. — Às oito estou de volta. — Não havia necessidade de mais explicações; elas sabiam a que tipo de compromisso Jaz estava a referir-se.

— Bom menino. — Maeve acenou a cabeça com aprovação, sabendo muito bem que isso o irritava.

— Não faça isso — disse Jaz com um suspiro. — Se voltas a chamar-me menino, vou ser obrigado a despedir-te.

— Bah! — disse Maeve, piscando o olho a Suzy e Fee. — Gostava de te ver tentar.

— Deviam ter-me avisado mais cedo do que aconteceu à Blanche — ralhou Maeve depois de os outros dois terem saído. — Sabes que eu vinha logo a correr.

— E arruinavas o teu descanso. — Suzy dirigiu-lhe um olhar de admiração. — Foi exatamente por isso que não te contámos. Eu tenho andado bem, a sério. — Sorriu. — Mas estou muito feliz por estares aqui agora.

Maeve deu-lhe outro abraço perfeito, do tipo que tanta falta fizera a Suzy durante a infância. Este durou vários minutos, o que foi divino, pois era precisamente disso que ela estava a precisar.

Por fim, Maeve afastou-se e disse alegremente: — Bem, minha querida, hoje de manhã comprei-te um presentinho! Só uma coisinha para te animar.

Há muito que Suzy descobrira que era possível amar-se muito alguém, mas ainda se encolhia por dentro quando essa pessoa abria a boca e trinaava certas palavras. Preparou-se mentalmente quando Maeve se debruçou sobre a bolsa para a vasculhar. O problema maior não era a paixão de Maeve por lojas solidárias, mas sim o trágico gosto que tinha a escolher os «presentinhos» que comprava num abrir e fechar de olhos.

— Maeve, não era preciso — disse Suzy, embora se tratasse de um conselho que, infelizmente, Maeve continuava a ignorar.

— Disparate! Assim que o vi, soube que era perfeito para ti. — Maeve deu-lhe um beijo e observou com orgulho quando o papel de seda se abriu.

Era um broche. Um enorme broche em vidro acrílico com uma fotografia do jovem Donny Osmond no interior. Donny mostrava os dentes num daqueles inesquecíveis sorrisos Osmond e tinha na mão um ramo de rosas vermelhas com um aspeto suspeitosamente falso.

Novas lágrimas começaram a formar-se nos olhos de Suzy. Ela estava tocada com o gesto, mas também confusa.

Porquê? Porque é que teria achado que aquele broche era perfeito para ela?

— Ele não tem uns olhos maravilhosos? — disse Maeve alegremente. — Foi o destino, garanto-te, tê-lo encontrado ali naquela loja.

— Destino...?

— Claro. Ainda na semana passada não estiveste a falar-me de um po-

lícia que achavas o máximo? O que foi que disseste na altura? — Maeve ergueu as sobranceiras, incitando-a a recordar-se. Como Suzy encolheu os ombros e abanou a cabeça, ela continuou: — Disseste que ele tinha um par de olhos de morrer, uns lindos olhos azuis, por isso eu achei logo que era o prenúncio perfeito. — Levantou um dedo. — E depois tudo começou a encaixar-se.

— Continua — disse Suzy, bastante certa de que Donny e os seus quinhentos irmãos tinham tido uns grandes olhos castanhos. Não que ela tivesse idade suficiente para se lembrar.

— Ok, o Donny Osmond era uma estrela pop e tu és louca por estrelas pop! — Maeve levantou o segundo dedo com um ar triunfante. — Não dirias que se trata de outro prenúncio?

— Eu sou louca por estrelas pop?

— Eh, casaste-te com o Jaz, não foi?

Então era daí que vinha essa parte. Suzy escondeu um sorriso. Outra coisa que irritava solenemente Jaz era que lhe chamassem estrela pop.

Mas ela conseguia perceber que Maeve estava mortinha por lhe dizer qual era o terceiro prenúncio.

— Eu casei-me com o Jaz. Claro que sim. E o que mais, Maeve?

— Vê o que ele tem na mão! Rosas vermelhas! E aqui estás tu prestes a enterrar a tua mãe!

— Não encomendei rosas vermelhas para a coroa — disse Suzy.

— Ah, mas vais usar aquele vestido de veludo vermelho, não vais? — Maeve bateu palmas, encantada com a própria clarividência. — E as rosas do broche não são exatamente da mesma cor do vestido? É o que te digo, vão fazer uma combinação de sonho.

Pronto. Suzy sabia que ia ter de usar o broche. Era como uma mãe ter de usar um crachá dado pelo filho de cinco anos, com a mensagem: «A Melhor Mãe do Mundo!!!» Só se podia prendê-lo na roupa, cruzar os dedos e rezar — muito — para que todos entendessem.

— Adoro-o. — Deu mais um abraço a Maeve. — E adoro-te.

— Vou fazer um chá para nós e tu podes contar-me tudo — disse Maeve. Com um ar grave, acrescentou: — Assim que vestires alguma coisa.

— Mas não estou com frio — protestou Suzy.

— Não é correto andares a dançar de ceroulas em frente do Jaz.

— Eu não estava a dançar. E não são ceroulas. De qualquer forma, eu nado na piscina do Jaz de biquíni e tu não armas confusão por causa disso.

— É completamente diferente — afirmou Maeve.

— Completamente tolo, se queres saber a minha opinião.

— Olha, não vês a Fee a andar por aí meio nua em frente do Jaz, pois não? Porque não é um comportamento aceitável. Chama-se a isso observar as conveniências — disse Maeve. — E não agir como uma rameira oferecida.

— Maeve, sabes o quanto gosto da Fee. Ela tem sido fantástica comigo e eu adoro-a. Mas nós temos precisamente uma coisa em comum, que é o facto de, há muito tempo, termos sido suficientemente tolas para nos casarmos com o Jaz. Admite — disse Suzy. — Fora isso, não somos propriamente parecidas.

Maeve olhou severamente para os seios bronzeados de Suzy, que transbordavam do curto top desportivo *Donna Karan*.

— Queres dizer que és uma rameira oferecida e ela não é.

Aos dezoito anos de idade, Jaz Dreyfuss tinha alugado uma garagem ao pai de Fee. Ele e a banda precisavam de um local para ensaiar sem que alguém lhes gritasse de dez em dez minutos para baixar o som. A garagem ficava a mais de cem metros da casa e o pai de Fee era surdo como uma porta, por isso o barulho que faziam não o incomodava minimamente.

Fee tinha ficado possessa por a barulheira abafar totalmente as suas tão adoradas músicas da Enya, mas como Jaz e os colegas de banda estavam a pagar pela utilização da garagem, ela não podia propriamente queixar-se. E embora só o tivesse visto de longe, Fee não podia deixar de pensar que o vocalista — Jaz, é claro — não tinha nada mau aspeto, apesar do estilo desmazelado, dos cabelos compridos e dos múltiplos brincos.

Incapaz de se concentrar na sua música mais calma, e facilmente distraída dos exames de admissão ao banco, para os quais deveria estar a fazer revisão, não demorou muito até Fee começar a deslocar-se à garagem enquanto os rapazes ensaiavam. Depois de uma pessoa se habituar àquele estilo de rock pesado, algumas das músicas nem eram más. Por vezes levava-lhes canecas de café, enfiando os dedos nas asas como se de um punho americano se tratasse e entornando metade do conteúdo antes sequer de chegar à garagem, mas recusando-se a usar um tabuleiro porque, da única vez que tentara, Ken, o baterista, tinha cantado com a sua voz esganiçada: «Credo, um tabuleiro, que objeto mais foleiro.»

Jaz tinha sido o único que não tinha desatado a rir às gargalhadas. Enquanto Fee tinha corado intensamente, ele tinha sacudido os cabelos louros para trás e dito em solidariedade: «Ignora-os, são um caso perdido, não passam de um bando de cretinos ignorantes.»

Ela tinha-se apaixonado perdidamente por ele nesse preciso momento.

Durante os meses seguintes, Fee tornou-se indispensável à banda. Transformou-se num café ambulante, providenciando-lhes sanduíches de bacon e intermináveis canecas de chá. Ajudava a carregar amplificadores de e para a carrinha, limpava as latas de cerveja vazias e cosia meticulosamente o novo nome da banda — Fireball — nas costas dos blusões de ganga deles em tons de vermelho, laranja e ocre. Passava também horas a afixar os car-

tazes, que ela própria tinha projetado, e a promover os concertos em Bristol e arredores.

— É embaraçoso — queixou-se Ken uma noite, após um espetáculo com lotação esgotada no Pig & Whistle. — Somos uma banda de *hard rock* e temos uma *roadie* que parece uma escuteira. — Apontou para Fee, com a sua blusa impecavelmente engomada e saia prática, os óculos cintilando enquanto discutia com o gerente do pub sobre os honorários deles. — Por amor de Deus, ela parece uma empregada bancária! O que tem isso de *rock'n'roll*?

— Houve um tipo na semana passada que me perguntou se ela era nossa *groupie* — acrescentou Vince, o baixista. — Jaz, estou a falar a sério, ela está a dar cabo da nossa imagem. As pessoas estão a começar a gozar!

— Seus filhos da mãe ingratos! O que se passa com vocês? — Jaz estava bastante bêbedo, mas defendeu Fee como era habitual. — Sem ela não estaríamos aqui. É ela, praticamente sozinha, que está a manter esta banda na estrada.

— Não me digas que gostas dela — zombou Vince.

— Claro que não — mentiu Jaz. Porque gostava, e muito. — Só estou a dizer que ela faz um excelente trabalho.

O sonho de Jaz era tornar-se famoso, por isso tornou-se esse também o sonho de Fee. Mas em vez de deixar as coisas à sorte como o resto da banda, que achava que — muito como o amor à primeira vista — ser-se descoberto e conseguir-se um contrato com uma editora deveria acontecer simplesmente como que por milagre, Fee enviou reproduções das seis melhores músicas dos Fireball a todas as editoras discográficas de Londres e disse-lhes que se achavam que a demo era boa, deviam ver a banda tocar ao vivo.

A SellOut Records contratou os Fireball quinze dias depois.

— É bastante diferente da carrinha, não é? — disse Jaz, na noite seguinte, depois de chegar a casa de Fee numa limusina branca com motorista. — Então, vamos dar uma volta pela cidade ou quê?

— Isto é tudo para mim? — De olhos esbugalhados e passando os dedos pelo cabelo avermelhado, Fee estava simultaneamente boquiaberta e maravilhada.

Jaz sorriu abertamente e pegou-lhe na mão trémula. — Porque não? Tu mereces.

— Onde vamos?

— A toda a parte, visto que isto me custou oitenta libras e agora estou tesoso. — Jaz fez um ar pesaroso. — É esse o problema com estas editoras discográficas, não nos pagam assim que assinamos o contrato. Infelizmente, temos primeiro que o ganhar.

Foram até Burnham-on-Sea, comeram peixe com batatas fritas e beberam cidra *Blackthorn* — pago por Fee — na parte de trás da limusina, e depois fizeram amor nas dunas de areia, enquanto o motorista esperava no carro e ouvia a Radio 2.

Foi a noite mais feliz da vida de Fee. Depois de ter passado os últimos seis meses a sentir inveja das miúdas de minissaia que se juntavam em volta de Jaz, sabia agora que tudo o que perdera durante todo aquele tempo era tão maravilhoso como tinha imaginado.

Mesmo que a areia fosse um bocadinho... bem, arenosa.

— Não posso acreditar que isto está a acontecer — sussurrou Fee deitada de costas a olhar para as estrelas.

— Nem eu. Vamos ser a maior banda do mundo. — Jaz pegou na garrafa de *Blackthorn* que tinha levado com ele. — E é tudo graças a ti.

Não era bem a isso que Fee estava a referir-se, mas não se importou. Lágrimas de alegria encheram-lhe os olhos.

— Amo-te.

Pronto, tinha dito. Ela sabia que não devia, mas quem se ralava?

— Antes do Natal podemos estar a tocar no Wembley. Imagina dar a volta ao mundo de jato, a ouvir a nossa música na rádio... a ir às mesmas festas que o Bono.

Fee mordeu o lábio. Naquele momento desejava mesmo não o ter dito. Uma brisa fria roçou-lhe as pernas nuas e fê-la arrepiar-se.

— O que foi? Calaste-te — disse Jaz. Colocou a mão na coxa dela. — Não achas que vai ser fantástico?

— Ah, sim.

— Não estás entusiasmada? — Franzindo o sobrolho, ergueu-se ligeiramente e apoiou-se nos cotovelos. — Não gostas do Bono?

— Importa se eu gosto ou não? Não vou ser eu a conhecê-lo. — Virando a cara para que ele não visse, Fee enxugou os olhos. — Mas estou entusiasmada por ti, a sério.

Com os dedos no queixo dela, Jaz puxou-lhe delicadamente o rosto.

— Porque estás a chorar? Achas que fiz isto esta noite por causa de uma aposta ou coisa do estilo?

— Não. Bem, não exatamente por causa de uma aposta. Mas talvez como uma espécie de agradecimento — admitiu Fee.

— Agradecimento por nos teres arranjado um contrato com uma editora? — Jaz sorriu para ela. — Credo! Deves ter uma opinião bastante baixa acerca da minha pessoa.

— Errado — disse Fee. — Tenho uma elevada opinião acerca da tua pessoa e uma baixa opinião acerca da minha.

Ele não suportava pensar que ela estivesse infeliz. Eles deviam-lhe

tudo. E ela valia vinte das lambisgoias louras de minissaia que o observavam vorazmente sempre que ele pisava o palco.

— Então, para. — Jaz afastou-lhe afetuosamente o cabelo avermelhado do rosto. — Agora és minha namorada. Tu e eu formamos um casal. Uma equipa.

Ele também estava a falar a sério. Quanto mais as pessoas escarneciam e diziam que não iria durar, mais absolutamente determinado Jaz ficava em garantir que durasse. E quando o primeiro single dos Fireball subiu disparado ao topo das tabelas, ele comemorou bebendo uma garrafa de *Jack Daniel's* e pedindo Fee em casamento. Fee, que já não trabalhava no banco, entreteve-se a procurar um lugar para morarem. Com o dinheiro que tinha começado a entrar, compraram uma enorme casa vitoriana no Sion Hill em Clifton, com uma vista espetacular sobre a Ponte Pênsil e o desfiladeiro de Avon. Os vizinhos, um aposentado coronel do exército e a sua mulher, ficaram horrorizados quando descobriram quem iria mudar-se para a casa ao lado. Ficaram ainda mais horrorizados quando Jaz e Fee deram uma festa de inauguração da casa para quinhentos convidados e o coronel encontrou algumas dezenas deles na manhã seguinte desmaiados no seu jardim.

Nos três anos subsequentes, os Fireball tiveram mais quatro singles no topo das tabelas de vendas e mais dois álbuns de grande sucesso. As festas tornaram-se cada vez mais loucas e Jaz começou a beber descontroladamente. Quando Fee tentava dizer-lhe para abrandar, ele chamava-lhe desmancha-prazeres. Quando ela ameaçava deixá-lo, ele olhava-a com os olhos raiados de sangue e dizia friamente: «Não me dês sermões, não sou nenhum miúdo.»

O coronel e a mulher já estavam fartos. Puseram a casa à venda, mas nessa altura as façanhas de Jaz eram já tão famosas que ninguém a quis comprar.

— Ele vai processar-te, — disse Fee ao ler a carta do advogado dos vizinhos, — por teres desvalorizado a propriedade dele.

Eram dez da manhã e Jaz estava a beber *Stolichnaya* de uma lata de 7-Up para que Fee não reparasse e começasse de novo a chateá-lo.

Jaz fechou os olhos. — Como é que posso livrar-me deste tipo?

— Podias comprar a casa — sugeriu Fee.

Isso resolveria os seus problemas? Algo confuso, Jaz concluiu que sim.

— Ok, vamos a isso. Trata do assunto.

No quarto aniversário de casamento, e sem saber o que fazer, Fee deu-lhe um ultimato.

— Estás sempre bêbedo. Não posso continuar assim. Ou te tratas ou eu deixo-te.

— Blá, blá, blá — disse Jaz com um suspiro. — E ainda te perguntas porque é que eu prefiro estar com os meus amigos do que contigo.

A tremer, Fee manteve-se firme.

— Estás a matar-te. Podes parar de beber? Por favor?

Ele fez uma careta. Porque é que ela tinha de estar sempre a fazer aquilo?

— Não quero parar. Estou a divertir-me.

Olhando para Jaz deitado na cama, Fee disse com tristeza: — Tens a certeza?

Fee saiu de casa... para a do lado. Tal atitude causou estranheza a algumas pessoas, mas como se adequava aos seus objetivos e lhe era conveniente, ela ignorou-as e seguiu em frente, apesar de tudo. Para se ocupar, resolveu converter a casa em apartamentos de luxo.

Ligeiramente incomodado com a partida da mulher, Jaz decidiu que ela só o tinha feito para o aborrecer. Para se vingar, atormentou-a com uma sucessão de *groupies*, jovens bonitas com cabelos louros oxigenados e sorrisos de adoração.

— Se estás a tentar provocar-me ciúmes, — disse-lhe fatigadamente Fee um dia, — não estás a funcionar. Sinto pena delas e sinto pena de ti. Não sinto, decididamente, pena nenhuma de mim.

Capítulo 3

Agência imobiliária Curtis & Co ocupava uma posição privilegiada no coração do subúrbio de Clifton. Com dez minutos disponíveis antes do compromisso seguinte, Suzy estava empoleirada na borda da secretária a lamber o açúcar glacê de um éclair de chocolate branco da Charlotte's Patisserie quando Jaz espreitou pela porta.

— É assim que recrutas os teus clientes hoje em dia? — Sorriu maliciosamente e acenou rapidamente a Donna que estava atarefada a escrever ao computador.

— Claro que sim. — Suzy deu uma dentada no éclair. Os olhos cintilaram quando ela lambeu creme dos dedos. — O senhor deseja comprar uma casa?

— Obrigado, mas já tenho muitas. É o que faz eu ser tão rico.

— Casas nunca são de mais, senhor.

— Então, vá, quero uma dúzia — disse Jaz. — Na verdade, estou de caminho para o ginásio. A Maeve pediu-me para passar por aqui a convidar-te para jantares lá esta noite. Ela vai fazer uma das receitas especiais.

Suzy ergueu uma sobrancelha cética.

— A Maeve *pediu-te*?!

— Ok, foi uma gafe. Ela disse-me. E não estás convidada, é uma ordem — corrigiu Jaz. — Às sete, não te atrases. — Calou-se por instantes. — Estás bem?

O funeral era no dia seguinte. Daí a preocupação de Maeve, abençoada. Suzy anuiu com a cabeça.

— Estou muito bem.

— Na verdade, não estás — disse-lhe ele alegremente. — Tens açúcar no queixo.

— Agora me lembro porque me divorciei de ti — disse Suzy, pegando numa caneta e atirando-a contra ele.

— Já trabalho aqui há seis meses e ainda não sei como vocês os dois se conheceram — disse Donna depois de Jaz ter saído.

— Não? Na verdade, foi tudo graças à minha mãe. O que a irritou

solenemente. — Suzy cruzou as pernas e agitou levemente um sapato de salto alto. — Estávamos no carro numa acesa discussão e eu saí de repente. Como se costuma fazer. Ela arrancou e deixou-me pendurada na berma da estrada.

— Onde estavas tu? — interrompeu Donna, empenhada em visualizar a situação.

— Na M4. Algures entre Reading e Swindon.

— Céus, na autoestrada!

— Bem, eu estava a chorar desalmadamente. Os meus sapatos tinham ficado no carro e eu não sabia o que fazer. Então um *Porsche* branco parou à minha frente e o Jaz saiu. Ele estava de regresso a Londres (por milagre, estava num dia sóbrio) e perguntou-me se eu tinha tido uma avaria. Eu choraminguei um bocadinho e contei-lhe tudo sobre a discussão com a minha mãe e ele ofereceu-me boleia até casa.

— Fixe — disse Donna, impressionada. — A mim nunca me acontecem essas coisas.

— Então, no caminho de volta ele descobriu que eu também vivia em Bristol, a poucos quilómetros dele. E foi tão querido; como eu não parava de chorar ruidosamente e de dizer que nunca mais queria ver a minha odiosa mãe, ele ofereceu-se para me levar para casa dele até eu me acalmar.

— Muito fixe — suspirou Donna. — E depois calculo que ele te tenha simplesmente seduzido.

O sorriso de Suzy foi forçado.

— Bem, gosto de pensar que fui eu que o seduzi, mas que posso dizer-te? Eu tinha dezoito anos. — Encolheu os ombros. — Pensava que estava apaixonada por Jaz Dreyfuss.

— E não estavas?

— Era atração física. — Suzy hesitou, esforçando-se para ser sincera. — Ou, melhor, estava apaixonada pela ideia de sair de vez da casa da minha mãe.

Perplexa, Donna disse: — Não podias pura e simplesmente ter-te mudado para um estúdio?

— Podia, mas não a teria irritado nem um décimo.

Donna estava a tentar encontrar um grão de romance entre os escombros.

— Mas gostavas dele, não?

— Oh, claro que sim, gostava imenso dele. — A sorrir, Suzy recordou aquela sensação na barriga, como um aviário cheio de colibris. — Ele era muito querido para mim, era lindo de morrer, era rico e uma estrela de rock famosa... credo, quem não gostaria?

— E ele gostava de ti. — Donna estava otimista.

— Oh, sim, ele gostava de mim. Quase tanto como gostava de beber.

— Era assim tão horrível? Não consigo imaginar como ele era.

— O Jaz? — Suzy calou-se por instantes; era mais uma coisa de que se lembrava demasiado bem. — Bem, bebia. E bebia. E bebia e bebia e bebia. E depois bebia mais um pouco. O que tens de entender é que naquela altura eu era bastante inocente a esse respeito. Nunca tinha conhecido um alcoólico. Durante um tempo não me apercebi da gravidade da situação. Metade do tempo achava simplesmente que ele estava inconsciente porque era uma estrela de rock e... basicamente é isso que as estrelas de rock fazem.

Donna agitou as pestanas carregadas de rímel. — E então casaste-te com ele.

— Tinha dezanove anos. As pessoas não deviam poder casar quando têm dezanove anos e estão determinadas a vingarem-se da mãe. Deviam ter casamentos a fingir, — disse Suzy, — como as crianças têm lojas a fingir com dinheiro do Monopólio, pacotes de gomas variadas e pequenas caixas registadoras que fazem *plim*.

— Mas deve ter sido fascinante — insistiu Donna. — Viajar de jato pelo mundo, fazer férias fantásticas, conhecer gente famosa.

Suzy lançou-lhe um olhar tipo «deves-estar-a-gozar».

— Não há nada de fascinante em viver-se com um bêbedo. É desgastante. E dá connosco em doidas, saber que podia ser fantástico, se ao menos ele não bebesse. O Jaz era encantador quando estava sóbrio — disse Suzy com tristeza. — Não fazes ideia da quantidade de discussões que tivemos por causa disso. Uma noite cheguei mesmo a ajoelhar-me e a implorar-lhe que parasse. Eu tinha-o inscrito numa clínica, o táxi estava lá fora à espera e a Maeve estava a ameaçar carregá-lo três lanços de escadas e atirá-lo lá para dentro...

— E?

— Ele recusou-se a ir. Não conseguimos obrigá-lo. Foi inútil.

— Então deixaste-o — disse Donna.

Suzy acenou afirmativamente com a cabeça.

— Uma semana depois. Já não aguentava mais. Independentemente do que sentisse pelo Jaz, já não conseguia continuar a viver com ele. Ah, e devias ter ouvido a Julia e a minha mãe. Entre as duas, devem ter-me dito «eu bem te avisei» pelo menos um milhão de vezes. O pior foi que assumiram imediatamente que eu iria a correr para casa ter com elas. Credo, preferia que me espetassem agulhas nos olhos! — Suzy estremeceu. — Seja como for, eu sentia-me bastante infeliz, como podes imaginar. Por isso mudei-me para a casa ao lado, para o apartamento acima do da Fee. Ela foi fantástica.

— E o Jaz deixou de beber — disse Donna.

— Céus, não! Nada tão lisonjeiro. — Suzy oscilou as pernas, batendo distraidamente com os saltos contra a parte lateral da secretária e empurrando o cabelo para trás. — Pode-se até dizer que começou a beber mais. E assim foi. O nosso casamento acabou e eu fiquei solteira de novo. Saí com alguns homens, na esperança de que isso lhe provocasse ciúmes e o fizesse organizar as ideias, mas nada disso o afetou. Ele não podia ter-se marimbado mais. — Fez uma pausa e olhou para as horas; o cliente estava atrasado. — De qualquer forma, seis meses depois comecei a sair com um tipo chamado Marcus e uma noite cruzámo-nos com o Jaz no bar do Avon Gorge Hotel. Ele disse que estava contente por eu estar feliz e perguntou-me se não estava na hora de nos divorciarmos. E o Marcus disse que achava uma ótima ideia, e o Jaz pôs os advogados a tratar do assunto. Disse-me que tinha de ir uns meses para os Estados Unidos, para trabalhar num álbum, mas quando regressasse, já estaria tudo tratado. Não brigámos por causa de dinheiro — explicou Suzy. — Foi tudo bastante amigável. Então o Jaz desapareceu, o divórcio foi para a frente e dez semanas depois ele regressou... foi então que descobrimos que afinal ele não tinha estado a trabalhar em nenhum álbum. Tinha-se internado numa clínica de desintoxicação, algures no meio do deserto do Nevada, sem dizer nada a ninguém. E conseguiu — disse Suzy. — Conseguiu realmente. E desde então que não põe uma gota de álcool na boca.

— Assim simplesmente — disse Donna, maravilhada, os olhos delineados a *Kohl* completamente esbugalhados. — Fácil.

— Não foi nada fácil. Mas ele tinha tomado a decisão sozinho, sem ser intimidado nem chantageado. E olha para ele agora. Se havia pessoa que eu sempre pensei que não iria conseguir, era o Jaz. Mas ele conseguiu.

— E o que aconteceu com o Marcus?

— Ah, *esse*. — O tom de Suzy era desdenhoso. — Só andava atrás de mim por causa da minha pensão de alimentos. Acabei com ele poucos meses depois de o Jaz ter regressado.

— Nunca te esforçaste por tentar de novo com o Jaz?

— Nunca surgiu a oportunidade. — Suspirando, Suzy disse: — Pouco tempo depois ele contraiu aquele tumor maligno.

Os olhos de Donna quase saltaram das órbitas.

— Tumor maligno?! Eu não sabia que ele tinha um tumor maligno!

Suzy fez-lhe uma careta. — Estou a falar da Celeste.

O mais esquisito em colocar-se um anúncio de um funeral no jornal era não se fazer a mínima ideia de quem iria aparecer. Era como afixar cartazes a anunciar uma *rave*, pensou Suzy, e esperar para ver o que acontecia... Iria o local ser invadido por dez mil adolescentes prontos para a diversão, ou

sairiam cinco hippies desmazelados de uma furgoneta a resmungar: «Eh, bacano, onde é a festa?»

Todavia, naquele dia as coisas até tinham corrido bem. A capela estava cheia e não tinha aparecido nenhum hippie desmazelado, o que tinha de ser encarado como bónus.

Não que o facto tivesse animado Julia, a incrivelmente correta irmã mais velha de Suzy, que conseguia sempre encontrar alguma coisa nova com que se ofender. Embora, estritamente falando, corrigiu Suzy, a coisa que estava a perturbá-la naquele momento não fosse de todo nova; devia ter, pelo menos, trinta anos de idade.

Atrás delas, o resto do cortejo fúnebre cantava «All Things Bright and Beautiful» — de acordo com Julia, aquele tinha sido um dos hinos preferidos da mãe. Ao seu lado, no banco da frente da igreja, Suzy sabia que Julia estava a lançar-lhe furiosos olhares de soslaio, tão bronzeada e voluptuosa no seu vestido justo de veludo vermelho.

— Por amor de Deus, — ciciou ela agitadamente entre estrofes, — vai despir *isso*.

— Não posso — sussurrou Suzy em resposta. O que a incomodaria mais? — Tem uma enorme nódoa de geleia por baixo.

— Então tapa-o. Com o teu casaco. Senão todos vão pensar que enlouqueceste.

— É o funeral da minha mãe, posso usar o que quiser. — Suzy deu uma pancadinha tranquilizadora no broche de Donny Osmond e olhou por cima do ombro para Maeve e Jaz, alguns bancos atrás.

— Para de *olhar!* — Julia deu-lhe uma cotovelada nas costelas. — Não és nenhuma turista japonesa.

— Não faço a mínima ideia de quem são algumas destas pessoas — disse Suzy, admirada. No momento em que o organista os conduziu com gestos floreados para o último refrão, espreitou para trás de Maeve na tentativa de decifrar as feições de uma figura indistinta que estava mesmo ao fundo da capela ao lado das portas duplas.

Suzy só conseguia ver alguém de chapéu com um casaco escuro comprido. O chapéu estava descaído para a frente num ângulo que não permitia sequer dizer se se tratava de um homem ou de uma mulher. Profundamente frustrada, Suzy resistiu ao forte desejo de enfiar os dedos na boca e emitir um assobio estridente, obrigando, quem quer que fosse, a levantar a cara. De qualquer forma, ela não precisava de o fazer, o serviço estava quase a terminar. A qualquer instante iriam todos sair, e o «não-sei-quantos-de-chapéu» iria pôr-se na fila para lhe apertar a mão e oferecer as habituais condolências.

E, de qualquer forma, saber de quem se tratava iria certamente ser

uma grande decepção, como desembulhar um presente de Natal de aspeto entusiasmante e descobrir que se tratava de um aspirador. *Se o do chapéu for homem, deve ser um dos cabeleireiros da Blanche*, decidiu Suzy. Se for mulher, deve ser alguém que trabalhou numa das tabacarias locais.

— ... *the Lord God made them all!* — berrou o padre, concluindo o último refrão. Seguiu-se um momento de silêncio, quebrado apenas por um dos soluços semicontidos de Julia, e depois o organista começou a tocar algo muito mais leve e o padre estendeu um braço solícito à fila da frente, indicando que deviam ser os primeiros a sair.

Rory foi o primeiro. Depois Julia, secando os olhos com um lenço rematado com renda preta. Suzy, a última a sair do banco, estava a ter dificuldade em acreditar que ainda fosse possível comprar lenços orlados a renda preta. Devia ter sido a própria Julia a guarnecê-lo.

Depois animou-se, divertida com a ideia de que agora ia poder começar a combinar caras com «quem-tinha-sido-quem» na vida da mãe.

Por exemplo, a mulher de meia-idade adiante, que se assoava ruidosamente... ah, sim, já a tinha visto, era membro do clube de bridge.

E aquele jovem bastante bem-parecido que estava perto da saída de emergência? Esperem, não era o leiteiro da mãe? Céus, seria costume os leiteiros assistirem aos funerais dos seus clientes? E *chorarem*?! Bem, Blanche era assim, pensou Suzy enquanto descia lentamente a nave lateral da igreja; as pessoas que não a conheciam assim tão bem achavam-na fantástica; ela sempre fora muito melhor a cultivar novas amizades do que as antigas.

Ah, tinham chegado às portas duplas. Suzy passou rapidamente os olhos pelas pessoas que tinham ficado para trás em busca da do chapéu.

Sem sucesso.

Quem quer que estivesse debaixo daquele elegante chapéu já se tinha ido embora.

A reunião que se seguiu ao funeral, realizada na casa de Blanche em Sneyd Park, prolongou-se noite dentro.

— O clube de bridge da mãe emborca bem — disse Rory a Suzy quando passou por ela com mais copos de whisky.

Suzy descobriu Julia atrapalhada na cozinha. Para a animar, disse: — Viste a Margot que vive aqui em frente a fazer-se ao advogado da mãe? Francamente, aquela mulher não devia sair de casa!

— Não encontro luvas de forno. Onde é que a mamã guarda as luvas para o forno? — Enervada e chorosa, Julia estava a contar os minutos até poder tomar o Valium seguinte. — Os vols-au-vent estão a queimar-se e eu não consigo tirá-los do forno e só queria que se fossem todos embora e nos deixassem em paz.

Pobre Julia. O funeral tinha sido uma experiência muito penosa para ela, constatou Suzy. Para além do sofrimento, havia toda uma etiqueta fúnebre a seguir.

— Vá, senta-te aqui. — Sentindo pena da irmã mais velha, Suzy conduziu-a delicadamente a uma cadeira, serviu-lhe um copo de vinho e desligou o forno. — Não te preocupes com a comida, já comeram mais do que o suficiente. Agora vou começar a expulsar toda a gente. E não há motivo nenhum para o Douglas ter de ler o testamento esta noite; mandamo-lo para casa e marcamos uma reunião no escritório dele para o final da semana.

Douglas Hepworth entrou na cozinha com Rory naquele momento. Tendo escutado a conversa, pestanejou nervosamente a Suzy por detrás dos óculos redondos e encolheu ligeiramente os ombros como sempre fazia quando estava ansioso com alguma coisa.

— Ah, para ser sincero, preferia resolver isto esta noite. A vossa mãe pediu especificamente isso... hum, há um motivo...

Mais ligeiros encolhimentos de ombros. Suzy concluiu que era uma forma de descolar a camisa de poliéster dos rechonchudos ombros transpirados. Douglas tinha o ar de quem preferia realmente não estar ali naquela noite. Passava-se, nitidamente, alguma coisa. Determinada a partir com espalhafato, Blanche tinha, sem dúvida, delineado planos estranhos para o seu património. Suzy só podia imaginar os termos e condições que a mãe teria tido tanto gozo em compor. Por exemplo, se Julia queria herdar a sua parte do dinheiro, teria primeiro de patinar nua por Park Street... e Rory teria de circular por Clifton num *Robin Reliant*, usando um gorro de pompom em poliéster e umas pantufas com gorilas...

Ou será que a mãe me obrigaria a fazer isso?

Mas também podia não ter nada a ver com termos e condições. Podia ser a infeliz tarefa de Douglas informá-los de que não iriam receber absolutamente nada, que a mãe tinha deixado tudo a uma tribo de índios amazónicos.

Ou a um santuário de burros cegos.

Ou a Peter Stringfellow.

No que dizia respeito a Blanche, nada era impossível.

— São nove horas. — Rory olhou para o relógio. — A Suzy tem razão, bem podiam começar a ir-se embora.

— Mas isso é tão indelicado — lamentou-se Julia.

— Ela não nos deixou dinheiro nenhum? — perguntou Suzy a Douglas, que estava também a olhar sub-repticiamente para o seu relógio.

— Oh, não, quero dizer, sim... não se preocupem, — dois encolhimentos de ombros, — não é nada disso.

Uma das machonas do clube de bridge espreitou pela porta.

— Alguma hipótese de mais umas garrafas de puro malte?

Julia, a perfeita anfitriã, enxugou os olhos e levantou-se obedientemente. Suzy colocou uma mão no ombro dela e obrigou-a a sentar-se de novo.

— Desculpe, não ouviu? — Exibiu o seu mais encantador sorriso à mulher que estava à porta. — Solicitámos que fizessem os últimos pedidos há dez minutos. O bar está fechado.

Um a um, os convidados beijaram e abraçaram todos os que estavam à vista, disseram uns aos outros que tinham oferecido a Blanche uma despedida de que ela se teria orgulhado, entraram numa variedade de carros e táxis e partiram ruidosamente.

— Vou fazer café — disse Rory depois de os últimos terem sido despachados. Fechou a porta de casa e alargou o nó da gravata preta.

— Se me dão licença por um instante, — disse Douglas com desânimo, tirando o telemóvel do bolso, — preciso de fazer uma chamada rápida.

Retirou-se discretamente para a estufa. Soltando um enorme suspiro de alívio, Julia disse: — Deem-me cinco minutos para me refrescar — e subiu as escadas em direção à casa de banho.

O ar na sala de visitas estava opaco com fumo de cigarro. Quando Suzy abriu as portas envidraçadas, o ar carregado tombou para o exterior como uma avalanche de ectoplasma. Em contraste, o ar da noite estava frio e límpido, e uma chuva leve tamborilava através das árvores.

Depois de se desencilhar dos sapatos de salto alto, Suzy saiu para o terraço pavimentado, sentiu as primeiras gotas de chuva aterrarem-lhe na cara e no pescoço e partiu jardim abaixo.

Apenas uma pequena volta para limpar as quantidades industriais de fumo dos pulmões e se preparar para o que Douglas lhes reservava. E era também uma oportunidade para arrefecer os pés. Afinal de contas, tinha sido um dia longo passado em cima de uns sapatos de salto-agulha particularmente impiedosos.

Realmente, agora que os tinha tirado, os pés estavam tão gratos que pareciam querer dançar como pintainhos.

Pula, pula.

Ah, assim estava melhor. Poder-se-ia quase dizer que os pés dela estavam exultantes.

Pula, pula.

Livres como passarinhos, pulando, pulando, felizes como... *crack!*

— Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! — gritou Suzy, sentindo-se nauseada.

Encolhendo-se e segurando o pé esquerdo o mais longe possível do resto do corpo, avançou ao pé-coxinho e agarrou-se a um ramo baixo de uma cerejeira para se equilibrar.

— O que foi? — berrou uma voz alarmada na escuridão. Um vulto saiu de trás do tronco da cerejeira. — Magoaste-te?

Um par de mãos quentes agarrou nos braços de Suzy. E ainda bem, porque senão ela teria tombado de choque.

— Não estou magoada. Pisei um caracol. — Suzy tinha o coração disparado. — E tu? És um assaltante?

— Não.

— Então quem és?

Um momento de silêncio. Quebrado por: — Não consegues adivinhar?

Perplexa, Suzy respondeu: — Claro que não consigo adivinhar!

— Ok, olha, e se tratássemos de ti primeiro? — Era uma voz feminina, rouca e tensa. — Desculpa, mas não consigo concentrar-me em nada enquanto tiveres pedaços de caracol agarrados ao pé.

Independentemente de quem fosse, tinha razão. Saltitando no meio da escuridão, Suzy conseguiu desapertar a liga da cinta e tirar a meia fina de uma só vez. Estremecendo de repugnância, atirou-a — juntamente com os restos do caracol — para cima de um arbusto de hortênsias que havia por perto. Depois, encostando-se ao tronco áspero da cerejeira, observou mais atentamente a intrusa.

Estava demasiado escuro para lhe ver o rosto, mas a silhueta tinha decididamente algo de familiar.

E o casaco comprido.

— Estiveste no funeral esta tarde.

Suzy viu a cabeça baixar em concordância.

— Sim.

— Saíste antes do final.

— Exatamente.

— Porquê? — Suzy estava fascinada com os estalidos que se ouviam cada vez que a rapariga acenava com a cabeça. (Estaria ela a usar maracas como brincos?) — E porque não vieste depois até cá a casa como todos os outros?

— Não me pareceu adequado.

— Desculpa, mas não estou a perceber nada.

— Não quis causar problemas, perturbar-vos mais do que já estavam... isto é, a última coisa de que qualquer um de nós precisa é de uma cena dramática em frente de uma assistência.

A voz da rapariga era vacilante, quase temerosa. Completamente desconcertada, Suzy imaginou algumas hipóteses improváveis. Lembrando-se subitamente do enredo de um filme que tinha visto há poucas semanas, exclamou: — Deus do Céu! Estás a tentar dizer-me que a minha mãe era lésbica?!

A pergunta foi recebida com um silêncio de perplexidade. Pelo menos, Suzy esperava que fosse de perplexidade. Era possível, claro, que se tratasse do tipo de silêncio de decepção emitido por alguém que não espera que acertemos tão rapidamente na resposta.

Ugh, Blanche lesbica! Decerto que não.

Os misteriosos estalidos recommçaram, mas desta vez a rapariga parecia estar a abanar a cabeça de um lado para o outro. Bem, isso já era um alívio.

— Não acredito nisto. Deves saber quem eu sou.

— Bem, lamento, — protestou Suzy, — mas o que pensas que eu sou? Alguma médium? Suzy, a Extraordinária Leitora de Mentes? Olha, podemos fazer isto com charadas, se quiseres. Começas por me dizer o teu nome. Primeira palavra, quantas sílabas? Espera, vem aí alguém...

Ao ouvir passos aproximarem-se, ela virou-se. Em seguida a luz intensa de uma tocha encandeou-a. Ofuscada e a pestanejar, Suzy levantou uma mão para se proteger da luz.

E uma voz perplexa masculina disse: — Não acredito. Céus!

A situação estava rapidamente a tornar-se cada vez mais estranha. Suzy sentiu o coração começar a agitar-se como um papagaio dentro de uma gaiola. Podia estar cega devido à luz da tocha, mas reconheceu de imediato aquela voz.

— Harry?! — O choque fê-la balbuciar. — Credo, com tantos jardins neste mundo e você tinha logo de entrar neste! Harry, não faço a mínima ideia do que você possa estar a fazer aqui, mas está a interromper um jogo de charadas verdadeiramente importante. Pode ficar na minha equipa, está bem?

Suzy decidiu que aquilo só podia tratar-se de uma espécie de cilada cuidadosamente preparada. Um estratagema para se encontrar de novo com ela. A não ser... e tendo em mente que, afinal, ele era um polícia...

— Esperem, isto é alguma operação secreta? — Suzy virou-se de novo de frente para a rapariga. — Trabalhas com o Harry? — Sorriu. — Ou és alguma contrabandista de droga internacional?

Harry mostrou um telefone.

— Tenho estado à espera que voltes para o carro. — Suzy constatou que ele estava a falar com a rapariga. — Ele acabou de ligar há uns minutos. Está na hora de avançarmos.

«Avançar» soava definitivamente a operação secreta. Talvez, afinal, a rapariga fosse também agente da polícia.

Ao lado dela, Suzy ouviu-a respirar fundo.

— Certo. — Virou-se para Suzy. — Sou a Lucille.

— O quê? — Suzy percorreu mentalmente as hipóteses à laia de charada. *Loo. Seal¹. Bem, teria sido canja.*

— Lucille Amory.

Suzy olhou inexpressivamente para ela. Era claramente suposto significar alguma coisa, mas ela não fazia a mínima ideia do quê.

— Desculpa, costume ser ótima com nomes. Podias...?

— Tua irmã — disse Lucille com algum embaraço.

Suzy riu-se.

— O quê?

Por amor de Deus, a irmã dela chamava-se Julia.

Harry pigarreou e disse: — Acho que talvez fosse melhor entrarmos.

¹ *Loo* – Casa de banho; *Seal* – Foca. (N. da T.)

Capítulo 4

Só quando Suzy se desviou para deixar Lucille passar à sua frente pelas portas envidraçadas é que se apercebeu de onde vinham os estalidos. Centenas de pequenas contas, enfiadas pelo meio das dezenas de tranças no cabelo de Lucille, entravam em contacto umas com as outras sempre que a rapariga mexia a cabeça.

A pele de Lucille era da cor do café *Gold Blend* feito com natas. Os olhos eram cor de castanha-da-índia. Ela parecia nervosa, mas belíssima, como uma jovem modelo que faz a sua estreia na passarela.

— Isto é uma piada, certo? — Suzy olhou para Lucille, depois para Harry e de novo para Lucille. — Foi o Jaz que tramou isto? — Reconhecidamente inverosímil, mas Jaz podia ter pensado que lhes fazia bem uma partida para aliviar o ambiente.

Mas se assim fosse, não estaria Lucille a rir às gargalhadas naquele momento em vez de estar a tremer descontroladamente e com ar de quem estava prestes a chorar?

Tem umas pestanas de Bâmbi, pensou Suzy. Que injustiça.

A porta abriu-se e Julia apareceu. O seu olhar passou das pernas de Suzy para Harry e para Lucille.

— Quem são estas pessoas?

Olhando para baixo, Suzy lembrou-se que tinha uma perna despida e outra com meia. Quando se mexeu, sentiu a presilha solta da cinta bater de forma atraente na parte de trás da coxa.

— Esta é a Lucille. Segundo parece, nossa irmã. Tecnicamente, é meia-irmã. E durante todo este tempo, nós a pensarmos que o papá querido era um santo. Bem, que bom para ele, é o que tenho a dizer. — Suzy calou-se por breves instantes e gesticulou em direção a Harry. — E este é o Harry, agente policial. Infelizmente não faço a mínima ideia do que ele está a fazer aqui. A não ser, é claro, que seja nosso irmão. — *Ugh!* — Céus, não é, pois não?

Harry estava a olhar para ela de uma forma estranha.

— A Lucille é minha amiga. Só estou aqui para lhe dar apoio moral.

Acredite que quando chegámos aqui esta noite, eu não fazia a mínima ideia de que ia vê-la.

— O papá nunca teria um caso — disse Julia a tremer de indignação. — *Nunca!* Esta rapariga está a mentir!

— O vosso pai não teve caso nenhum — disse Lucille. — A Blanche era minha mãe. Olhem, lamento, isto também não é fácil para mim. — Recobrando o fôlego, olhou com um desejo mal disfarçado para a bebida que estava na mão magra de Julia. — Pensei mesmo que sabiam.

Suzy constatou que era verdade assim que Douglas Hepworth quebrou o silêncio. Ao passar apressadamente por elas em direção à sala de visitas com a pasta bem apertada na mão rechonchuda, ignorou a expressão estupefata de Julia, sentou-se pesadamente na poltrona de pele e disse bruscamente a Lucille: — Que bom vê-la, ainda bem que pôde vir. Muito bem, se estão todos presentes, gostaria de começar.

Foi uma leitura de testamento ao estilo de um assalto-relâmpago. Empenhado em não se deixar enredar nas repercussões da descoberta de que afinal a família era... bem, maior do que sempre se pensara, confirmou em menos de três minutos que Lucille Amory era, de facto, filha de Blanche Curtis, e que o património iria ser dividido por igual entre os quatro filhos.

Então, como o Super-homem — *vuuummm!* —, desapareceu.

Bem, pensou Suzy, como o Super-homem, só que mais gordo e sem as cuecas encarnadas.

Mas, por outro lado, quem sou eu para falar, com uma perna enfiada numa meia de vidro preta e a outra completamente nua? Isto é que é desco-ordenação.

— Isto é ridículo, não acredito que esteja a acontecer! — disse Julia aos soluços.

— Nem eu. — Lucille entrelaçou as mãos sobre o colo. — Isto é, eu não estava propriamente à espera de uma receção efusiva, mas... — A voz sumiu-se.

— ... não estavas à espera de teres de nos revelar pessoalmente a notícia — disse Suzy, sentindo pena dela. — Convenhamos, era uma notícia bastante surpreendente de revelar. — Embora fosse, ao mesmo tempo, absolutamente típica de Blanche. — Hum... se não for indelicado perguntar, quantos anos tens?

— Vinte e seis. E uns meses.

— Nascestes quando eu tinha oito anos. — Rory tinha um diário praticamente desde que aprendera a escrever. Pensou por momentos. — Nessa altura a mãe partiu numa das suas viagens. Recordo-me que estive fora durante seis meses.

— Grande aventura pela selva sul-americana! — interpôs Julia amargamente. — Ela não esteve nada no Amazonas, pois não? Estava grávida. Oh, por amor de Deus, Rory, vais encher-me o copo, ou tenho de beber diretamente da garrafa?

Suzy sentia como se o seu cérebro tivesse crescido demasiado para o tamanho do crânio. Tinha milhões de perguntas a fazer.

— Onde vives?

— Aqui. — Lucille estava agarrada à mão de Harry em busca de apoio. — Quero dizer, em Bristol. Bishopston.

A poucos quilómetros de distância.

Céus, imagine-se!

— E foste adotada — disse Suzy.

— Não. Foi o meu pai quem me criou. A mãe só... hum, nos visitava muito de vez em quando.

— O teu pai é negro? — Julia parecia horrorizada.

— Não, verde pálido. Claro que é negro.

— O nosso pai sabia? — perguntou Rory.

Lucille abanou a cabeça.

— Mas tu achavas que nós sabíamos. — Suzy estava a tentar compreender.

— Eu estava curiosa. Depois de o vosso pai morrer, perguntei se podia conhecer-vos. A mãe disse-me que vos tinha contado tudo sobre mim, — o olhar dela tremeluziu na direção de Julia, — mas vocês decidiram que seria mais fácil se não nos conhecêssemos.

Indignada, Suzy disse: — Bem, isso é uma grande mentira. Não fazíamos ideia!

— Desculpem, desculpem, só não quero que isto seja verdade. — Julia agitou as mãos, angustiada. — Estamos a falar de uma vida dupla. A nossa mãe, nos últimos anos, só Deus sabe quantos, envolvida com um... um...

— Negro — disse Lucille tranquilamente. — O meu pai veio da ilha Maurícia para este país há trinta anos.

— Mas não se deu ao incómodo de vir ao funeral, pois não? — retaliou Julia com azedume.

— Isso porque está morto. De outra forma, — disse Lucille com um lampejo de humor, — tenho a certeza de que se teria dado ao incómodo.

— Olha, desculpa a minha irmã. — Suzy apressou-se a reparar o erro. — Ela é um bocadinho Hyacinth Bucket. Preocupa-se muito com o que os vizinhos pensam.

— Estás a chamar-me snob? Não sou nenhuma snob! — Julia estava já a estremecer de indignação.

— Ah, és sim. — Suzy sorriu para Lucille. — Ela é, sim, ela é horrenda.

Uma vez tentou subornar uma equipa da televisão porque a tinham filmado a sair de uns saldos no C&A. Quase morreu de vergonha quando a peça passou no noticiário local.

— Eu estava a fazer um atalho — insistiu Julia por entre dentes cerrados. — Não podes achar realmente que eu ia comprar alguma coisa no C&A!

Suzy sorriu.

— Vês o que estou a dizer?

— Isto é ridículo! Não estamos aqui para falar de mim. — Julia estava visivelmente furiosa; detestava que fizessem troça dela. — Convenhamos, a Lucille está aqui por um único e exclusivo motivo. Assim que deitar mãos ao dinheiro, acabou-se. Nunca mais lhe pomos a vista em cima, pois não?

Isso era o que Julia desejava claramente que acontecesse. Envergonhado com a impressionante insensibilidade da irmã, Rory disse desajeitadamente: — Calma aí. Essa é uma decisão exclusiva da Lucille.

— Se é o que querem que aconteça, — disse Lucille, sem graça, — então muito bem. Não é, de todo, meu objetivo embaraçar-vos a todos e trazer vergonha à vossa família. — As últimas palavras foram proferidas com um quê de irritação na voz. Os olhos estavam banhados por lágrimas. Suzy segurou-lhe instintivamente nos braços quando Lucille se levantou para sair.

— Por favor, não podes ir. A Julia não queria ser antipática. — Bem, provavelmente queria. — Foi um choque, só isso. E eu nem sequer sei porque havemos de estar chocados, porque isto é tão típico da Blanche. Um pouco de drama, um bom confronto... não era sempre isso que ela queria? Desde que não estivesse por perto para apanhar com as críticas.

— Não te atrevas a falar dela dessa maneira — vociferou Julia. — Não se deve falar mal dos mortos!

— Porque não? É verdade. Se ela estiver a ver-nos agora, está a adorar cada minuto. E porque é que ela não nos disse que tínhamos uma irmã? — perguntou Suzy, exaltada.

Só que eles já sabiam a resposta. A reação horrorizada de Julia era a única prova de que precisavam. Blanche sempre se deleitava em ser o centro das atenções, mas apenas quando era vista de forma lisonjeira.

— E então ela foi-se embora — concluiu Suzy, na manhã seguinte, depois de relatar os acontecimentos a Jaz e Maeve na cozinha da casa de Jaz. Esticou o braço e serviu-se de uma mão-cheia de uvas. — Na verdade, foi um bocado constrangedor. Eu tentei dar-lhe um abraço, para compensar o facto de a Julia ter sido uma autêntica vaca, e um dos meus brincos ficou preso numas das contas do cabelo dela. O Harry teve de nos desemaranhar. — Fez uma careta. — E depois a coisa ficou ainda mais estranha porque a

sensação foi a mesma de ter terminado um encontro amoroso desastroso. Pedi à Lucille o número de telefone dela e ela disse: «Olha, não precisas de estar a tentar ser simpática. Deixemos o advogado tratar das coisas.»

— Parece mais um dos meus casamentos desastrosos — comentou Jaz com um esgar.

— Mas eu quero mesmo voltar a vê-la. Imagine-se, todo este tempo eu tinha uma irmã e nem sequer sabia! Eu sempre quis ter uma irmã simpática, e não uma mais velha mandona e neurótica como a Julia. E pensem o que deve ter sido para Lucille, crescer na mesma cidade e pensar que não a queríamos conhecer.

— Como é ela? — Jaz parecia interessado.

— Linda.

— Então não é nada parecida contigo.

Suzy deu-lhe um pontapé em cheio por baixo da mesa.

— Ai!

— Sabes que eu sou linda. Ela é apenas diferente. Mais alta, mais magra, maçãs do rosto a sério, esse tipo de coisa.

— E esse tal Harry, aquele com que estavas tão entusiasmada, é namorado dela? — Maeve estava no topo da mesa a cortar energicamente uma montanha de tomates.

Suzy sacudiu a cabeça.

— Aparentemente, é só um amigo. Cresceram juntos em Stockwood; eram vizinhos. Eu consegui dizer-lhe que não o tinha abandonado naquele dia no Avon Gorge Hotel. Expliquei-lhe que tinha sido raptada e comentei de passagem que de momento não andava com ninguém. Estava com alguma esperança de que ele me convidasse para sair. — Suzy enfiou outra uva na boca. — Mas ele franziu o sobrolho e disse: «Não me parece que seja a hora nem o local apropriado.» O que foi uma bela droga. Mas não importa, — concluiu ela alegremente, — ele pode sempre pedir o meu número à Lucille.

— Tão subtil, tão tímida, tão reservada. — Jaz olhou-a com diversão. — Só podias mesmo ser uma agente imobiliária.

Suzy olhou para o relógio.

— Falando nisso, é melhor eu ir andando. Vou mostrar um apartamento novo a uma ginecologista, às nove e um quarto em Guthrie Place.

— O que faz ela na vida? — perguntou Jaz.

— Acabei de te dizer. — Suzy estava ocupada a entalar a blusa cor-de-rosa no cós da saia branca. — É ginecologista. É um tipo de trabalho esquisito para uma mulher, — fez o gesto de quem estava a espreitar por alguma coisa acima com uma tocha imaginária, — mas lá está, há gostos para tudo.

— Estava a falar da Lucille.

— Ah. — Suzy alisou apressadamente a saia sobre as ancas e pegou no casaco. — Não faço ideia. Ela não disse.

Ninguém tinha ficado mais espantado que a própria Suzy quando ela ganhara o gosto pela venda de imóveis como um escocês gosta de papas de aveia. Depois de ter chumbado de forma impressionante aos exames finais da escola — porque quem precisava de exames? Ela ia casar-se com uma estrela de rock! —, Suzy tinha emergido dois anos depois dos escombros do seu casamento com Jaz magnificamente mal preparada para... bem, praticamente tudo. Com pena dela, mas sem ter certeza alguma de que seria uma atitude inteligente para o negócio, Rory tinha-lhe oferecido emprego na agência e — sem ter certeza alguma de que fosse o seu género, mas tocada com a preocupação dele — Suzy aceitou.

Felizmente constatou-se que ambos estavam enganados. Conhecer potenciais clientes e arranjar-lhes a casa perfeita era algo tão natural para ela que, três meses depois, Suzy já tinha superado o desempenho da negociadora principal — que teve imediatamente um ataque de fúria e deixou a agência. Rory promoveu Suzy, fazendo figas e rezando para que ela não se aborresse.

Ela não se aborreceu. Suzy adorava a sensação de uma venda bem-sucedida. Fazia rir os clientes, assustava-os, por vezes, com a sua sinceridade, encantava-os tão naturalmente que eles ficavam meio apaixonados por ela, e nunca, por um minuto sequer, perdia o seu entusiasmo contagioso pelo trabalho.

— Então? — perguntou Rory quando ela irrompeu no escritório às dez e meia.

— Vendido à ginecologista com as horripilantes luvas de borracha. — Acenando com o telemóvel numa atitude triunfal, Suzy atirou-se para cima da cadeira giratória mais próxima e deu uma volta vitoriosa. — Ela ofereceu duzentas e trinta e cinco mil libras e os Clarkson aceitaram.

— Ela não se incomodou com a casa de banho? — Rory estava impressionado. A casa de banho acanhada dos Clarkson tinha feito uma série de clientes desistirem. — Pensei que ela ia escolher aquele apartamento de segundo andar na Pembroke Road.

— Ela ia escolher esse, mas eu disse-lhe que se comprasse o da Pembroke Road, ia viver por cima de uma família com três adolescentes. Ela não precisa de uma grande casa de banho, mas quer, definitivamente, paz e sossego. — Suzy fez um sorriso rasgado. — Eu disse, ok, este custa mais alguns milhares, mas pense no que vai poupar em tampões para os ouvidos e em tratamento psiquiátrico. E ela riu-se e ofereceu-me trabalho como rececionista.

— A Dra. Witherton? — Donna levantou os olhos do computador. — Riu-se mesmo? A minha amiga Hazel trabalha numa das enfermarias dela no Frenchay. De acordo com ela, a Esmé Witherton é verdadeiramente assustadora. Segundo consta, não se ri desde mil novecentos e setenta e seis.

— Ora, só porque ninguém lhe contou boas piadas! Ela adorou a minha sobre o Bill Clinton e as saquetas de chá. — Rory fez um ar horrorizado e Suzy encolheu modestamente os ombros. — Sou um génio, mais nada. Então... — continuou num tom forçadamente descontraído, — alguma mensagem enquanto estive fora?

— O inspetor da Halifax quer que lhe ligués de volta. — Donna consultou o bloco de notas. — E os Ferrise estão com vontade de ver a casa na Bell Barn Road esta tar...

— Eu estava a falar de mensagens agradáveis — protestou Suzy. — Mensagens interessantes. Mensagens do tipo convite para sair, de homens lindos, de preferência polícias. Com olhos azuis-claros. Chamados Harry. Ora, — lamentou-se ela, — ele deve ter telefonado!

— Hum... não. Embora, espera... — o coração de Suzy disparou por um nanossegundo — ... o inspetor da Halifax chama-se Barry. — A expressão de Donna era de inocência. — É quase o mesmo, não é?

— Não, não é. O Barry Bagshaw tem acne e cheira mal e umas sobrançelas de assassino. É quase tão lindo como um balde de vômito e tem uma ideia fixa muito chata.

— Sexo? — perguntou Donna.

— Pior. Aluimento estrutural.

— Oh. E o que te faz ter tanta certeza de que esse teu polícia sexy te vai contactar?

Suzy fez um ar presunçoso.

— Ele vai, eu sei que sim. Ele tem de me ligar... é o meu próximo namorado.

Rory, que tinha um compromisso com um desesperado aspirante a vendedor na Julian Road, pegou na pasta e nas chaves do carro e disse secamente: — Pobre diabo, ele só não sabe disso ainda.

Às sete horas dessa noite, Harry ainda não tinha telefonado. Suzy não conseguia compreender.

— Não compreendo — disse ela a Fee, magoada. — Ele sabe que gosta de mim. Como poderia não gostar? O que se passa com ele? Porque não me liga simplesmente e me convida para sair?

Fee nunca mais voltara a trabalhar num banco. Como forma de reconhecimento pelo trabalho árduo que ela tinha tido com a banda, Jaz tinha insistido em continuar a suportá-la financeiramente enquanto ela fazia as

coisas que mais queria. E havia tantas coisas que Fee queria fazer, desde trabalho solidário a instrução em part-time, que estava sempre ocupada a aproveitar ao máximo a sua nova vida.

Fee estava de saída para uma das suas adoradas aulas noturnas — arqueologia, pelo aspeto dos livros que estava a enfiar na mochila de juta.

— Talvez ele esteja a trabalhar.

— Mas podia telefonar na mesma!

— Porque não lhe telefonas tu?

— Demasiado atrevido. Não quero que ele me ache insistente. — Suzy franziu o sobrolho. — Além disso, ele não me deu o número dele.

— Foi um lapso — comentou Fee, pondo a mochila ao ombro. — Então quais são os teus planos para esta noite?

— Oh, não sei. — Suzy pensou por um momento e depois animou-se. — Talvez dê uma apitadela à minha nova irmã.

Capítulo 5

— Estou, Lucille? Sou eu, a Suzy! Estava a pensar se não gostarias de te encontrar comigo esta noite, talvez pudéssemos ir comer fora, tentar conhecermo-nos...?

Inclinada para a frente com o telefone equilibrado entre a orelha e o ombro, Suzy repintava cuidadosamente as unhas dos pés num ofuscante tom violeta. Fez uma pausa e ouviu a resposta de Lucille.

— Ah. Ah, estou a perceber. Bem, é uma pena, mas não faz mal. Fica para outra vez. Que tal amanhã? Ah, certo, também vais estar ocupada, é? Então talvez no fim de semana. Hum... por acaso não sabes de cor o número de telefone do Harry? É que ele deu-mo no outro dia, mas eu perdi-o.

Do outro lado da linha, Suzy detetou divertimento mal disfarçado.

— Não, não o perdeste, — disse Lucille, — porque ele nunca to deu. — Hesitou por um momento, debatendo-se nitidamente com as suas lealdades. — Olha, não lhe digas que te contei, mas o Harry apostou cinco libras comigo em como me ias pedir o número dele.

— Estás a brincar! A lata do tipo — exclamou Suzy.

— Pois, bem, é assim que ele é com as miúdas. Está tão habituado a que elas se atirem aos pés dele... oh, tu sabes como podem ser alguns homens.

Cada vez mais interessante.

— Queres dizer que ele é um sacana atraente que trata as mulheres como lixo. — O estômago de Suzy contorceu-se rapidamente de agrado. Sacanas atraentes sempre tinham sido a sua maior fraqueza, eram um enorme desafio.

Como Jaz, claro.

Bem, quem é que gosta de bananas?

— Acho que o Harry às vezes consegue ser um bocadinho... arrogante. — Lucille parecia estar a desculpar-se. — Isto é, ele é um querido, mas...

— Ah, dá-me lá o número. — Suzy sorriu, tocada com a preocupação dela. — E não te preocupes, eu sei cuidar de mim.

...

Não se podia censurar as raparigas por se atirarem a ele, pensou Suzy ao abrir a porta de casa uma hora depois.

Não havia como negar, ele era lindo.

— Desculpa, — disse ela a Harry, — mas tenho de te perguntar isto. Os teus olhos são verdadeiros?

— Parecem, não parecem? Mas, na verdade, não são. — Esbugalhou-os e virou-os de um lado para o outro. — São feitos de papel machê, cola e as tampas das garrafas de detergente líquido para a louça. Vi fazerem isto no *Art Attack*.

Suzy examinou atentamente os olhos dele. Ele não estava a usar lentes de contacto coloridas. Ufa, ainda bem! Ela não seria capaz de andar com um homem que se tivesse rendido às lentes de contacto coloridas.

E — melhor ainda — ele estava com um ar muito mais alegre do que na noite anterior.

— Espero que a Lucille não tenha pensado que só lhe liguei para lhe pedir o teu número — disse-lhe Suzy. — Achas que ela pensou isso? É que eu queria mesmo estar com ela. Ela disse que estava ocupada esta noite e também amanhã à noite... Sabes se é verdade?

Suzy tinha as suas dúvidas. Para ser sincera, Lucille soara-lhe evasiva.

Mas Harry anuiu com a cabeça.

— Ah, sim, ela está a trabalhar.

— Bem, isso é um alívio. E uma coincidência, — exclamou Suzy, — porque eu queria perguntar-te o que faz a Lucille. Espera, trabalha de noite, deixa-me adivinhar... é enfermeira?

— Bem, esta é uma situação um pouco constrangedora — disse Harry após uns instantes. Passou os dedos pelo cabelo escuro encaracolado. — A questão é que a Lucille não te quis dizer o que faz.

— Mas isso é loucura! Eu sou uma agente imobiliária, por amor de Deus! — Suzy estava estupefacta. — Não existem muitos outros trabalhos mais embaraçosos do que esse.

Biiip-biiip, soou o *Rover* de Harry quando ele lhe apontou a chave.

— O que a Lucille faz não é embaraçoso. Ela apenas morre de medo que penses que ela só queira aproximar-se de ti por um motivo. — Pegou na mão de Suzy e conduziu-a até ao outro lado da rua. — Olha, ela não vai ficar nada contente comigo, mas porque não lhe fazemos uma visita? Não dá contigo em doida, — continuou ele, — não consegues estacionar em frente à tua própria casa porque cretinos como este deixam os seus carros *idiotas* a bloquearem o caminho de acesso? — Enquanto falava, gesticulava com desdém na direção do *Rolls* encarnado, descuidadamente estacionado

em frente à entrada de casa dela. — Que tristeza! Que espécie de arrogante é que gostaria de andar por aí com um carro daqueles?

O *Silver Shadow* tinha sido um presente de Jaz pelo seu décimo nono aniversário, embora ele não conseguisse de todo lembrar-se de o ter comprado.

Suzy, que adorava o carro como se fosse um bebé, disse: — Eu sei, é mesmo patético, não é? Na verdade, é meu.

— Bem, são ossos do ofício — disse Harry, com os olhos azuis cintilando na direção dos seus sapatos. — Quando temos uns pés assim tão grandes, é certo que de vez em quando eles acabam na nossa boca.

Pés grandes, eh? Suzy fez um ar de inocência. Ela já tinha ouvido falar muito de homens com os pés grandes.

O Pineapple Bar, na zona das docas, não era um dos que Suzy frequentava regularmente. Um edifício antigo, de muitos andares, drasticamente renovado, dava para o Cais Báltico e o piso térreo fervilhava com adolescentes e retumbava ao som de música de discoteca. *Um pesadelo*, pensou Suzy, sentindo-se incrivelmente velha, aos vinte e quatro anos, quando seguia Harry escada acima.

— A Lucille trabalha no bar? Não entendo porque é que ela não queria que eu soubesse isso. Não há nada de mal com o trabalho de bar.

— Para de falar — disse Harry por cima do ombro. — E acompanha-me.

O segundo piso estava ainda mais animado, o ar enfumaçado repleto com os gritinhos de cerca de cinquenta raparigas superexcitadas, numa festa de despedida de solteira, que atacavam um stripper masculino. Um fio dental com brilhantes na frente voou pelos ares depois de um bramido de encorajamento.

— Não olhes — disse Harry em tom autoritário.

— Espero mesmo que a Lucille não seja um stripper masculino nos tempos livres. Quantas mais escadas? — queixou-se Suzy quando ele a conduziu ao lance seguinte.

— Desculpa. Isto antigamente era um armazém.

Ela estava a começar a ofegar como um São Bernardo.

— A Lucille está mesmo lá em cima, ou isto não passa de uma brincadeira cruel?

— Oh, ela está lá. Consigo ouvi-la.

Suzy só conseguia ouvir os guinchos ensurdecedores das raparigas na festa de despedida de solteira, que gritavam: «Tira, tira, tira!» para o stripper. E ele não tinha feito já isso? Quantos fios dentais de brilhantes podia um homem usar? E lá continuavam elas. *Céus*, pensou Suzy meio zozza, *fazem-me falta uns crampons e oxigénio. Para não falar nuns Sherpas.*

— Ali está ela — disse finalmente Harry, apontando para uma figura solitária ao fundo da sala. E estava certo, ali estava Lucille, empoleirada num banco com uma guitarra a tocar e a cantar uma música ao estilo de Sheryl Crow.

Ela não estava propriamente a provocar grande entusiasmo. Mais ninguém no quarto piso do Pineapple Bar estava a ligar-lhe. Quando Lucille concluiu a música, Suzy e Harry foram os únicos a aplaudir.

— Agora vou fazer uma pausa — disse Lucille, pondo de lado a guitarra e olhando para Suzy na defensiva. — Presumo que isto tenha sido ideia do Harry.

Ela usava umas calças de ganga pretas rasgadas e uma apertada camisola de alças de algodão escarlate. O cabelo entrançado com contas — de modo bastante apropriado, considerando o local onde se encontravam — estava apanhado no cimo da cabeça, estilo ananás. Ao regressar do bar com as bebidas, Harry disse: — É a noite Malibu. Trouxe para ambas um *Malibu* com *Coca-Cola*.

— Porquê? Eram dois pelo preço de um? — Suzy estava com um ar de indignação. — Espero que isto não queira dizer que sejas um unhas-de-fome.

— Quer dizer que este bar só vende *Malibu* — disse-lhe Harry pacientemente. — Se quiseres outra coisa, tens de ir lá abaixo.

Oh. Então estava bem. Suzy perdoava-o. Mesmo que detestasse *Malibu*.

— E, sim, — continuou Harry, dirigindo-se a Lucille, — foi ideia minha trazê-la aqui.

— Não sei porque quiseste fazer tanto segredo — exclamou Suzy. Embora soubesse, claro.

Bem, era bastante óbvio.

— Olha, já deve ser bastante mau eu cair-te assim do céu — disse Lucille abertamente. — Dizer: «Olá, adivinha, eu sou vossa irmã!» e reclamar a minha parte da herança. — Olhou fixamente para Suzy. — Por isso não ia propriamente ajudar se em seguida eu sacasse da minha guitarra e dissesse: «Ah, e já agora, eu sou cantora. Eh, não foste casada com o Jaz Dreyfuss? Talvez pudesses apresentar-me ao teu ex!»

— Tu não farias isso — disse Suzy, apanhada de surpresa.

Oh, céus, faria?

Lucille parecia ligeiramente exasperada.

— *Eu* sei que não. Mas tu não me conheces de todo, pois não? Podes achar que me estou a fazer a uma apresentação... sabes como é, algumas pessoas fazem tudo por uma oportunidade. Bem, de qualquer forma, — continuou ela, — só quero que saibas que não sou esse tipo de pessoa. Na

verdade, preferia que não disseses ao Jaz o que eu faço. Assim é menos constrangedor.

Suzy encolheu os ombros.

— Ok, se é o que queres.

Fazia diferença, sem dúvida. Segundo a experiência de Suzy, conseguir conhecer Jaz era a missão da maioria dos músicos. Surpreendentemente — do ponto de vista de Suzy —, eles não o viam como uma velha glória, um alcoólico acabado. Para eles, Jaz continuava a ser o génio que tinha escrito um dos álbuns de rock de maior sucesso de todos os tempos. Na verdade, era até bastante comovente. Era raro passar-se um dia sem que chegassem algumas demos de ansiosos aspirantes, pelo correio ou enfiadas por debaixo da porta.

Uma completa perda de tempo, claro, porque Jaz nunca as ouvia. A música já não fazia parte da sua vida.

— Ela não se empenha — disse Harry. — É esse o problema. Ela é uma excelente cantora.

— Tão boa, que fui ignorada em todos os bares da cidade por que passei. — O tom de Lucille era seco. Nesse momento, apareceu junto à mesa um sujeito careca com ar de gerente a apontar autoritariamente para o relógio.

— Nós não te pagamos para estares à conversa.

Aparentemente, ali as pausas não podiam durar mais de três minutos. *Que espelunca*, pensou Suzy.

Lucille esvaziou o copo e levantou-se. Quando viu Suzy despir o casaco e recostar-se para assistir, disse: — Oh, céus, não precisas de ser educada!

— Eu nunca sou educada — disse Suzy alegremente. — Não ficaria se não quisesse, garanto-te. Mas não consigo imaginar de onde herdaste tanta musicalidade; ninguém da família consegue cantar afinado. Bem, eu acho que consigo, mas os outros todos garantem-me que não. O Jaz diz que eu pareço a Lily Savage a ser estrangulada com os próprios collants.

Lucille pegou na guitarra.

— O meu pai era cantor.

— Uau! — Suzy estava impressionada. — Queres dizer que era famoso?

Lucille sorriu.

— Não, não era profissional. Cantava apenas por diversão. Na verdade, ele trabalhava como taxista.

Um taxista. Credo. Por muito que tentasse, Suzy não conseguia imaginar a vida dupla que a mãe tinha levado durante anos, saltando entre o cientista rico circunspecto e o — presumivelmente menos rico — taxista cantor.

...

Suzy não precisou de mais de quinze minutos para esvaziar o quarto piso do Pineapple. Cada vez que Lucille acabava uma canção, Suzy aplaudia e assobiava com ruidoso entusiasmo e olhava tão intensamente para os restantes clientes, desafiando-os a juntarem-se aos aplausos, que em menos de nada estavam a acotovelar-se, a emborcar as suas bebidas e a descer para o piso inferior.

Às dez horas, a assistência de Lucille resumia-se a Harry, Suzy e a dois empregados de bar um tanto pasmados.

— Ela não é o máximo? — Suzy enfiou os dedos na boca e assobiou estridentemente com agrado quando Lucille concluiu com uma canção melancólica de PJ Harvey. Não suficientemente melódica para o gosto de Suzy, mas aquele não era nitidamente o momento de ser crítica. — Ela é minha irmã, sabem? Imaginem-me a ter uma irmã que consegue cantar assim!

— Imaginem-na a ter uma irmã que consegue afugentar uma plateia assim — comentou o mais alto dos empregados de bar. — Especialmente antes de sequer ter tido hipótese de ter feito a coleta.

— É assim que funciona? — Horrorizada, Suzy tapou a boca com as mãos. — Oh, céus! Oh, céus! Não pensei! Rápido, onde está o chapéu? Deixem-me pôr alguma coisa lá dentro... Quanto é que ela costuma faturar?

— Não te preocupes. — Lucille surgiu ao seu lado quando ela procurava freneticamente a carteira. — Eles estão a brincar contigo. Eu recebo cachet.

Suzy não pareceu convencida.

— Quanto?

— Não é muito. Na verdade, é uma ninharia. Mas dá para desenrascar. E na próxima semana começo a trabalhar no Bar HoopLa na Whiteladies Road.

— Dá para desenrascar — repetiu Suzy com alguma hesitação. Sinceramente, havia ainda tanta coisa que queria perguntar. Sentia-se tentada a redigir um questionário de dez páginas, um pouco como uma declaração de impostos, com todas as coisas que estava mortinha por saber. — Fazes mais alguma coisa, para além de cantar?

— Também passeio cães — disse Lucille. — É bom. Flexível.

— Ela passeia o cão do meu irmão — afirmou subitamente Harry. O telemóvel que trazia no bolso do casaco começou a tocar. — Raios, espero que não seja trabalho!

— Passeias cães — disse Suzy, abanando a cabeça. — Sabes, isso é algo que nunca consegui compreender. Como podem as pessoas ter cães e dizerem-se amantes de cães, quando nem sequer se dão ao trabalho de levar os

seus animais a passear? Que coisa mais hipócrita — disse ela, começando a entusiasmar-se. — O que se passa com essa gente? Se gostassem dos seus cães, fariam questão em passeá-los, não? Mas não, isso dava-lhes muito trabalho! Para quê dar-se ao trabalho de levar o cão a passear quando se pode ficar de rabo gordo sentado e pagar a alguém que faça o serviço? Que gente mais preguiçosa...

— Certo. Certo — disse Harry, anuindo ao telefone. Estendeu-o a Suzy. — Para ti.

Suzy olhou para o aparelho.

— Como é que o teu telefone pode ser para mim?

Ele não estava a sorrir.

— Acredita que é.

Ela pegou cautelosamente no telemóvel.

— Estou?

— Nome? — perguntou uma autoritária voz masculina.

Oh, céus, o chefe de polícia não!

— Myfanwy. Eh, Myfanwy Shufflebottom — disse Suzy. Olhou alarmada para Harry, que encolheu os ombros e se recostou, com ar de quem estava com pena dela.

— Ok, escute-me bem. Todas as manhãs levo o meu cão a passear pelo parque de Downs. Ele é capaz de percorrer uns cinco quilómetros. E levo-o todas as noites à rua, desta vez para uma volta de uns seis a oito quilómetros. Mas durante o dia tenho de trabalhar e como o meu cão é um cão-lobo irlandês, ele gosta do máximo exercício possível todos os dias. E é por isso, menina Shufflebottom, que pago a uma pessoa para o ir passear durante uma hora à hora de almoço. — Fez uma pausa e depois concluiu: — Além disso, eu não tenho um rabo gordo.

— Que posso dizer? — disse Suzy. — Peço desculpa. Sinceramente.

A voz masculina disse de modo arrastado: — Bem me parecia. — E o homem desligou.

Suzy ouviu, incrédula, o sinal de término da chamada.

— Ele desligou.

— Decerto que não — disse Harry com um sorriso irónico.

— Quem era?

Mas Harry, nitidamente divertido, encolheu simplesmente os ombros. Suzy descobriu o número da última chamada recebida e premiu ligar. O telefone foi atendido ao segundo toque. — Estou?

— Quem é você?

Ela ouviu-o rir-se.

— Um amante de cães, menina Shufflebottom. Ou talvez possa tratá-la por Myfanwy?

Suzy apertou os dedos em redor do telemóvel.

— Olhe, digo-lhe o meu nome verdadeiro se me disser o seu.

Mais riso. *Por amor de Deus*, pensou Suzy, indignada. Que irritante era quando as pessoas faziam aquilo!

— Isto é como o rato que diz para o elefante: «Não te piso se não me pisares» — disse o homem do outro lado da linha. — Sabe, é que eu já sei quem você é.

Suzy tinha a orelha a formigar. Estava a adorar cada segundo. O mais inteligente a fazer naquele momento, claro, seria desligar. Ah! Isso ia mostrar-lhe que tipo de...

— Sacana! — queixou-se Suzy, olhando incrédula para o telefone.

Assustada, Lucille disse: — O que foi?

— Ele desligou outra vez! Deixou-me outra vez pendurada antes que eu tivesse tempo de lhe desligar na cara! Isso é tão injusto! — Virou-se para Harry, que estava a esforçar-se por manter um ar sério. — Era o teu patrão?

— Não, graças a Deus. — Harry trocou um olhar divertido com Lucille. — Era o meu irmão Leo.

Capítulo 6

Lucille recusou a boleia até casa que eles lhe ofereceram; tinha a bicicleta consigo. Acenando-lhe em despedida, Harry e Suzy viram-na pedalar noite fora com o penteado estilo ananás aos pulos e a guitarra a tiracolo.

— Ela é muito independente — disse Suzy.

— Pois é.

— Sinto-me como a nova dona de um cachorrinho do Battersea Dogs' Home. Desesperada para que ela goste de mim. Achas que gosta?

Harry encolheu os ombros e depois sorriu.

— Não sei. A Lucille é cautelosa, mas não é nenhum cachorrinho. Dá-lhe tempo. — Colocou o braço por cima dos ombros de Suzy enquanto se dirigiam ao carro. — Se te serve de algum consolo, eu gosto de ti. — Deu-lhe um breve apertão. — E muito.

Pararam, menos de dez minutos depois, em frente ao apartamento de Suzy. Ao ver o *Rolls* pomposamente estacionado, Harry disse: — Não podias simplesmente vendê-lo e comprar um *Porsche*?

Suzy adorava o seu *Rolls* porque ninguém estava à espera que tivesse um. Quando se tinha vinte e quatro anos de idade, cabelo solto com madeixas, pernas compridas e seios que gritavam frequentemente «Olá, rapazes!», era-se encaixado num determinado estereótipo. As pessoas imaginavam-na automaticamente a conduzir um pequeno carro desportivo, algo elegante e aerodinâmico com propensão para abrir o tejadilho.

Mas esse nunca fora o seu sonho. Quando, de pés descalços e abandonada, tinha sido socorrida por Jaz na berma da autoestrada tantos anos antes — bem, cinco anos antes, embora lhe parecessem mais cinquenta —, ele tinha-lhe perguntado qual era o seu carro favorito e ela tinha-lhe dito. E, seis meses depois, pelo seu décimo nono aniversário, ele tinha-lhe comprado o *Rolls*.

Tinha sido amor à primeira vista. E, é claro, tinha durado muito mais do que o casamento.

— Quando preciso de pagar para deixar o carro num estacionamento, — disse Suzy a Harry, — gosto de fazer valer o dinheiro gasto.

— Certo. Bem, amanhã tenho de me levantar cedo. É melhor ir andando. — Acelerou ligeiramente o motor e olhou para o relógio.

Suzy, que odiava quando os homens paravam em frente ao seu apartamento e desligavam o motor, ficou impressionada.

— Ok. Então, tenho direito a beijo de boa-noite?

Harry inclinou-se para a frente e beijou-a rapidamente na face. Depois sorriu. Oh, aquele sorriso arrebatador!

— Divertiste-te esta noite?

— Mais ou menos — disse Suzy. — Mediano. *Comme ci, comme ça.* — Calou-se por instantes. — Queres entrar para um café?

— É melhor não.

— Tudo bem. — Suzy também gostou da resposta. Ela gostava quando eles diziam que não. Desde que soubesse que, na verdade, eles até queriam. Dizerem que não porque na realidade não queriam... bem, era muito mau.

Quando se preparava para abrir a porta do carro, a porta de casa de Jaz abriu-se. Envergando apenas um par de calças de ganga, Jaz assobiou, olhou para longe e chamou: — Gato, eh, gato, anda cá! Bichano, bichano!

— O teu ex-marido — comentou Harry.

— Eh... sim. — O ex-marido que nem sequer tinha gato.

Jaz olhou na direção do carro, fez um olhar de surpresa (ainda bem que nunca tinha tido aspirações em ser ator, pensou Suzy) e gritou: — Eh, Suze, és tu? Queres entrar para tomar um copo?

— Um copo? Pensei que ele não bebia. — Harry parecia surpreso.

— E não bebe. Eu é que bebo. — Suzy sabia exatamente o que Jaz estava a tramar.

— Vá — disse Jaz. — Ainda é cedo. Só um copo.

— Vocês dois ainda...?

— Não — disse Suzy.

— Os dois — gritou Jaz com descontracção. — Queria dizer vocês os dois.

— Queres? — perguntou Suzy.

Harry hesitou e depois encolheu descontraidamente os ombros.

— Ok. Porque não?

Suzy sorriu interiormente. Funcionava sempre. Ninguém recusava a oportunidade de conhecer Jaz.

— O pior, — disse ela a Harry, — é que vais ter de conhecer também a Celeste.

Celeste, a namorada de Jaz, era a maldição da vida de Suzy. Com o cabelo curto louro, enormes olhos azul-porcelana e uma elegante silhueta trinta e seis, tinha aquele aspeto irritante de Barbie e um hábito ainda mais irritante de estar constantemente a lembrar aos outros o quão gira e frágil era.

Suzy, que gostava de ser um roliço quarenta e dois de longas pernas, estava saturada dos intermináveis comentários depreciativos de Celeste relativamente ao seu peso. Ela não conseguia perceber o que Jaz — que no passado sempre tivera um excelente gosto em mulheres — via nela.

Bem, isso não era estritamente verdade. Ela sabia. Porque Celeste tinha um trunfo e sabia utilizá-lo muito bem. Ela podia passar a vida a falar mal de Fee e de Suzy, e podia pavonear-se em chinelas felpudas com uns laços de cetim completamente ridículos na cabeça, mas era também — aí vem o trunfo! — uma alcoólica em recuperação, tal como Jaz.

E, aparentemente, Jaz tinha-se convencido de que Celeste lhe tinha salvo a vida. Agora, para ele, ela era o seu talismã, o seu amuleto.

Quando, na verdade, como tantas vezes Suzy lhe dizia, Celeste não passava de uma exploradora incrivelmente egocêntrica e totalmente insuportável.

— Nós conhecemo-nos numa reunião dos Alcoólicos Anónimos — disse Celeste a Harry, como se ele não soubesse já. O planeta inteiro já devia saber da história, pensou Suzy aborrecida. — Eu entrei e lá estava o Jaz. Não que eu o tenha reconhecido na altura, eu estava num estado deplorável. Depois da reunião, fui-me abaixo e desatei a chorar no meio da rua; estive prestes a dirigir-me ao pub mais próximo. Mas o Jaz viu-me a chorar e aproximou-se. Ajudou-me a ultrapassar a crise. — Acenou com a cabeça para dar ênfase e o enorme laço cor-de-rosa no topo da cabeça oscilou como um par de orelhas de coelho. — Conversámos a noite toda. Parecia que havia uma ligação incrível entre nós. Quero dizer, o Jaz estava sóbrio há quase quatro meses mas também continuava a batalhar. Se não tivesse sido ele, tenho a certeza de que teria recommençado a beber. E ele sente o mesmo em relação a mim. Apoiámo-nos, Harry, entendes? Sempre que um de nós enfraquecia, o outro tinha de ser forte. E conseguimos, não foi, querido? — Os enormes olhos azuis fitaram carinhosamente Jaz. — Salvámos a vida um do outro.

Foi o olhar carinhoso que mais afetou Suzy. Sempre que o via — o que, infelizmente, era com frequência —, sentia uma vontade avassaladora de enfiar dois dedos na boca e fazer ruídos nojentos. Porque seria que as mulheres eram capazes de enxergar Celeste em menos de nada e os homens caíam sempre nos seus encantos nauseabundos?

Lucille não se deixaria enganar por um instante, pensou Suzy com orgulho. Se ali estivesse naquele momento, veria imediatamente a lambisgoia em busca de fama que era Celeste. Suzy viu Harry cair na conversa que nem um patinho — bem, ele era homem, que mais se poderia esperar? — e voltou a atestar o copo de vinho da garrafa de *Pouilly Fumé* que Jaz tinha encetado para ela.

Escusado será dizer que Harry tinha seguido o caminho diplomático e ficado pelo café.

— Não te preocupes com a Suzy, ela faz de propósito — disse Celeste a Harry quando o pescoço da garrafa bateu contra o copo de Suzy. — Ela adora espicaçar-nos. Acho que deve dar-lhe um gozo qualquer.

— *Pouilly Fumé?* — Suzy ergueu uma sobranceira. — Não é de todo uma coisa qualquer.

A favor de Celeste, podia dizer-se que, pelo menos, não havia fingimento, não havia hesitações. Como não fazia segredo do desdém que sentia por Suzy, podiam zombar uma da outra à vontade. Suzy gostava imenso dessas sessões de insultos; só gostava que Jaz não se risse a bandeiras despregadas das duas e lhes chamasse as suas comediantes.

— Seja como for, — continuou ela, — depois de ter estado dois anos casada com o Jaz, mereço algumas emoções. E porque não haveria eu de tomar um copo? Não temos de sofrer todos o resto da vida só porque vocês dois estão em abstinência, pois não?

— Se alguém estivesse prestes a atirar-se da Ponte Pênsil, — disse Celeste a Harry, — ela ainda ajudava.

— Isto é o mundo real — disse Suzy. — As pessoas bebem. Ou vocês se isolam da tentação, ou habituam-se a lidar com ela.

— Ela não faz ideia. — Celeste deu uma palmadinha consoladora no braço de Harry. — Não liguês. É pura ignorância.

— Ah, mas que bem, — aproveitou Suzy com exultação, — és tu quem acha que quinta-feira se escreve com c, e a ignorante sou eu! Além disso, — prosseguiu, — se o Jaz não quer que os convidados bebam à frente dele, porque é que tem álcool em casa?

A cabeça de Harry oscilava entre Suzy e Celeste como se estivesse a assistir a um jogo de ténis. Em frente da lareira, Jaz sorria largamente e deixava-as continuar.

— Devias experimentar deixar a bebida — disse Celeste a Suzy. — Tenho a certeza de que perdias logo os quilos a mais.

— Que coincidência, estava a pensar exatamente a mesma coisa, — retaliou Suzy com doçura, — acerca de ti e do rímel.

Porque Celeste usava quilos dele. *Quilos.*

Aproveitando com bravura a breve interrupção, como bom agente policial que era, Harry disse: — Então, Celeste, trabalhas?

— Eu? Credo, não! — Celeste desatou a rir-se. — Ser namorada do Jaz é emprego a tempo inteiro.

— Por outras palavras, — disse Suzy, — ela é preguiçosa.

Nem Jaz foi capaz de deixar passar esta.

— Queres dizer, ao contrário de ti, — comentou ele secamente, —

que trabalhaste como uma moira durante o tempo em que estivemos casados.

— Isso foi diferente — ripostou Suzy. — Estavas bêbedo o tempo todo! Precisavas que tomassem conta de ti!

— E tu eras a Florence Nightingale? — Celeste voltou-se para ela em triunfo. — Segundo o que ouvi dizer, não fazias mais nada além de comeres chocolate e ires às compras. Embora, sinceramente, me espante que fosses capaz de encontrar roupa suficientemente grande para ti.

Harry tossiu ruidosamente e começou a fazer um ar alarmado. — Não te preocupes — tranquilizou-o Jaz. — Elas são sempre assim. Então, onde foram vocês os dois esta noite?

Nitidamente aliviado por ouvir uma voz sensata, Harry disse: — Ao Pineapple Bar.

— Para ver a Lucille — acrescentou Suzy. — Ela estava lá a trabalhar.

— A sério? A fazer o quê?

— A servir ao bar — disse rapidamente Harry.

— Suponho que ela também beba. — Celeste fez um ar compassivo. — Não sei, só gostava que as pessoas percebessem que a vida é mais do que isso.

— Como pormos laços na cabeça e tentarmos passar por caixa de bombons? — disse Suzy. — Na verdade, ela também passeia cães. Quem sabe, se eu lhe pedir com jeitinho, talvez ela te leve a passear.

— Sinto tanta pena dela. — Celeste agitou compadecidamente as pestanas em direção a Harry e depois encolheu os ombros e bebeu um gole de café morno. — Imagine-se a decepção que foi para ela conhecer finalmente a irmã e descobrir que és *tu*.

Capítulo 7

— Não sabia que vocês as duas se odiavam assim tanto — disse Harry, depois de a porta da frente se fechar atrás deles.

— Oh, nós não nos *odiamos*. — Suzy acenou desdenhosamente com a mão. Ela e Celeste adoravam picar-se, mas o maravilhoso é que nunca nenhuma se ofendia. — Só gostava que o Jaz tivesse encontrado uma pessoa... melhor.

Harry fez um ar desconfiado.

— Ainda estás apaixonada por ele?

— Não!

— Tens a certeza?

Francamente, pensou Suzy, *o que se passa com as pessoas? Porque é que pensam sempre isso?*

— Claro que tenho a certeza — disse ela pacientemente. — E antes que faças a próxima pergunta, não, não tenho ciúmes da Celeste.

Harry refletiu por alguns segundos.

— Ok, talvez não. Mas a Celeste tem ciúmes de ti?

Tinham chegado ao carro dele. Suzy virou-se de frente para ele e a boca inclinou-se — credo, de moto próprio! — em direção à dele.

— Pareces o Inspetor Morse — murmurou ela. — E nem sequer houve um assassinato.

— Hum. — Harry estendeu a mão e desviou cuidadosamente um fio de cabelo louro-escuro dos olhos dela. — Ainda.

Jaz conhecia-a demasiado bem. Tinha deixado a porta no trinco.

— E então? — disse Suzy, irrompendo de novo na sala de estar. — O que acharam?

— Não devia interessar o que nós achamos — disse-lhe Jaz. — O que conta é o que tu achas.

— Só que nem sempre eu acerto, — disse Suzy, — já que tenho um gosto tão duvidoso no que respeita a homens. Olhem bem com quem é que já fui casada.

Jaz riu-se. Celeste, que retirava lentamente o verniz prateado das unhas dos pés, disse: — Achei-o fixe. Querido.

— *Querido?! —* Suzy olhou horrorizada para ela. — Isso é algo simpático para se dizer de um cachorrinho. É uma coisa *terrível* de se chamar a um homem feito.

Celeste encolheu os ombros e tentou de novo. — Ok, ele é bonitinho. Como aquele tipo no filme que vimos na TV na outra noite. — Deu uma pequena cotovelada a Jaz. — Um filme mesmo muito antigo... oh, como é que ele se chamava? Fazia o papel de um feirante e tu disseste-me que o amigo dele no filme tinha tocado numa banda qualquer.

— *That'll Be The Day.* David Essex — disse Jaz, não se atrevendo a intercetar o olhar de Suzy.

De forma inocente, Suzy disse: — Então, o amigo que costumava tocar numa banda era... o Ringo Starr?

— Esse mesmo! — Celeste anuiu alegremente com a cabeça.

— E a banda onde ele tocou não seria, por acaso, The Beatles?

— Certo outra vez! Sinceramente, tu és uma autêntica fanática no que diz respeito a música antiga, não és? — O tom de Celeste era de admiração. — Até parece que tens quarenta e seis anos e não vinte e seis.

— Tenho vinte e quatro — disse Suzy.

— Ups, desculpa. Não sei porque acho sempre que és mais velha. Deve ser da roupa. — Celeste encolheu os ombros. — Seja como for, o que estou a tentar dizer é que o Harry é parecido com o outro, o querido. O tal David Wessex.

De volta ao querido. Maravilha. Suzy voltou-se para Jaz em busca de apoio.

— E tu?

— Bem, algumas pessoas já disseram que eu era querido. — Jaz sorriu abertamente e parou de fazer troça dela. — Ok. A verdade? Ele parece-me um bom sujeito. Mas...

Sustendo a respiração, Suzy viu-o agitar a mão de um modo evasivo.

— Não achas que seja para mim? É isso que queres dizer? — perguntou ela com indignação. — Por amor de Deus, não podias estar mais errado! Ele é *perfeito!*

Jaz olhou perplexamente para ela.

— A sério?

— A sério.

— Nesse caso, tudo bem.

Suzy constatou que Jaz não ia discutir com ela.

Estava na hora de ir para casa.

...

Ela tinha mentido, claro. Harry não era perfeito.

Mas era *quase* perfeito. *Digamos, noventa por cento*, pensou Suzy, olhando fixamente para o teto do quarto escurecido. *O que, sinceramente, nos tempos que correm, é o melhor que se pode arranjar.*

Oh, não valia a pena, ela não conseguia adormecer. Virou-se de lado, acendeu a luz da mesinha de cabeceira e agarrou no controlo remoto da televisão. Suzy sabia, por experiência, que se tratava de uma daquelas situações de cansaço corporal e cabeça a mil que significava que não havia a mínima hipótese de conseguir dormir.

Havia uma coisa a incomodá-la.

E essa coisa era os dez por cento em falta.

Os cruciais dez por cento que impediam Harry Fitzallan de ser perfeito.

E Suzy constatou que o motivo por que isso a estava a incomodar tanto era ela não fazer ideia do que poderia estar a faltar.

Raios, mas Harry não tinha tudo? Boa aparência? Um corpo fantástico? Inteligência? Vivacidade de espírito? Charme?

Então porque é que ela dava por si constantemente a desejar que ele fosse um pouco mais... um pouco mais «alguma coisa»?

Não valia a pena; a sua cabeça estava em branco. Faltava decididamente alguma coisa em Harry, mas ela não sabia o quê. Esperando sinceramente que não fosse a sua pila, Suzy apontou o comando para a televisão e espreitou alguns canais.

A MTV estava a exhibir um dos videoclipes antigos de Jaz, gravado num concerto no Birmingham NEC. Quando tinha sido? Cinco anos antes? *Quando ainda estávamos juntos*, pensou Suzy, *porque eu fui ao concerto. E quando o Jaz ainda emborcava pelo menos duas garrafas de Stolichnaya por dia, a avaliar pelo aspeto dele.*

A câmara fez um *close-up* vertiginoso e de repente os olhos castanhos pesados de Jaz preencheram o ecrã. Surpreendentemente, apesar de ele estar nitidamente a esforçar-se por focalizar e de precisar de se segurar ao microfone para não cair, o desempenho continuava a ser hipnotizante. Ele podia estar podre de bêbedo, pensou Suzy, mas o carisma não tinha sido afetado.

Era esse o problema com Jaz, claro. Sempre tinha tido carisma aos potes. De outra forma, como teria conseguido chegar tão longe?

A câmara abriu de novo o ângulo. Quando se aproximava o clímax da canção, Jaz rasgou a camisa branca que tinha vestida. Ágil e de tronco nu, envergando agora apenas umas calças de pele azuis-escuras, dirigiu-se à frente do palco. A plateia, enlouquecida, tentava tocar-lhe. Jaz parou por momentos e sacudiu dos olhos o cabelo louro encharcado em suor. Levantou um braço, fez o tão característico sorriso de esguelha e...

— Ora, vai bugiar! — Ainda irritada com ele, Suzy premiu um botão do controlo remoto com a satisfação de um carrasco. Maldito Jaz, para que é que estava a perder tempo a vê-lo, quando ele tinha sido tão mau para ela? E como é que ele se atrevia a criticar Harry, quando se estava a marimbar para a opinião que ela tinha de Celeste?, pensou com indignação.

Depois de fazer zapping por mais algumas dezenas de canais, Suzy decidiu-se finalmente por um documentário sobre operações plásticas, no qual uma mulher assustadora, com uma pele que mais parecia película aderente esticada, se lamentava: «O problema é que eu não suporto pura e simplesmente a ideia de perder a minha beleza.»

Mas a televisão não estava a conseguir prender a atenção de Suzy. Ok, talvez Jaz não tivesse criticado explicitamente Harry, mas a insinuação fora evidente.

Que ela Podia Arranjar Melhor.

Francamente, que lata!

Mas, vendo bem, pensou Suzy, que mais podemos esperar de alguém como Jaz? Alguém que finalmente começa a ganhar juízo, que deixa a bebida, se transforma no tipo de ser humano extraordinário que sempre desejei que fosse enquanto estávamos casados... e que depois desperdiça isso tudo com alguém tão ridículo e completamente inútil como a Celeste?

Suzy desligou o televisor, fechou os olhos e recapitulou a lista de compromissos que tinha agendado para o dia seguinte.

Depois sorriu, indagando-se sobre o que Harry diria se ela lhe dissesse que por vezes sonhava acordada em dormir com Jaz e fazer com que Celeste descobrisse acidentalmente.

Não porque quisesse especialmente dormir com Jaz.

Apenas pela diversão.

Afinal não passava de uma fantasia inofensiva. As pessoas podiam fazer coisas dessas nas suas fantasias.

Para início de conversa, iria apagar do rosto de Celeste aquele sorriso atiradiço de «olhem-quem-eu-tenho, não-sou-mesmo-esperta?» e acabar de vez com toda aquela presunção insuportável.

Depois, Jaz sempre tinha sido bastante espetacular na cama, mesmo quando estava embriagado. Se era assim tão bom bêbedo, como seria ele quando estava sóbrio?, pensara Suzy muitas vezes.

Bem, não era possível deixar de se perguntar isso, pois não?

Os Lennox estavam o dia todo fora a trabalhar. Ansiosos por vender o mais rapidamente possível a vivenda de seis assoalhadas que tinham na Mariner's Drive, tinham entregado as chaves sobresselentes a Suzy e tinham-na assegurado de que poderia mostrá-la a potenciais compradores sempre que quisesse.

— Tem uma porta da rua muito elegante — comentou com aprovação a Sra. Lacey-Jones quando estacionaram o *Rolls* de Suzy em frente da casa.

— Muito. — Suzy também anuiu, satisfeita por os Lennox terem seguido o seu conselho. A primeira regra em vendas imobiliárias continuava a ser: pintar a porta da rua. De preferência num tom azul-escuro brilhante. E polir quaisquer partes em metal. Porque as primeiras impressões contam e as pessoas decidem se estão, ou não, interessadas num imóvel menos de meio segundo depois de lhe porem os olhos em cima.

Um pouco como pôr pela primeira vez os olhos em cima de um homem.

No interior, os passos ecoavam pelo soalho de carvalho encerado. O coronel Lacey-Jones percorreu a casa a passos largos, nas suas chancas igualmente lustrosas, com as mãos entrelaçadas atrás das costas. O seu bigode militar contorceu-se com aprovação quando avistou o jardim através das janelas da sala de visitas. A Sra. Lacey-Jones, que também tinha um vestígio de bigode militar, para não falar num traseiro tão largo e coberto de tweed como o do marido, disse: — Uma decoração muito agradável. — Passou uma mão pela escrivantina georgiana que estava à sua esquerda. — Vê-se que a casa pertence a uma boa família.

— Ah, sim, e são uma família absolutamente encantadora — mentiu Suzy. *Mais snob e condescendente, isso sim.* Ainda assim, sentindo que a Sra. Lacey-Jones ficaria impressionada, disse: — A Esther Lennox é a diretora do WI.

— A sério? Oh, mas nós já fomos apresentadas! — Nitidamente encantada, a Sra. Lacey-Jones apressou-se a subir a escadaria atrás do marido. — Uma mulher maravilhosa! Olha-me para este painel de madeira, Herbert. Excelente. Ah, e que quarto será este?

Tendo chegado à primeira porta do patamar, tinha já a mão na maçaneta.

— Na verdade, é uma casa de banho. — Suzy consultou a lista de detalhes. — Virada a sul, grande e soalheira, com banheira, vai simplesmente adorar...

— AAARRGH! — gritou a Sra. Lacey-Jones quando a porta se abriu.

— Chama a polícia! — berrou o coronel Lacey-Jones, passando por ela de rompante e agarrando na arma mais à mão, que por acaso era um piáçaba com cabo em ónix. — Vá, Daphne, liga para o 112. Não vou deixá-los escapar!

— Oh, meu Deus! — queixou-se a rapariga na casa de banho, completamente arrepiada e a tremer de medo. — Não faça isso, por favor não chame a polícia...

Como tremia, as correntes que tinha em redor dos pulsos e dos tor-

nozelos chocalhavam contra as paredes da banheira de esmalte. O homem que lá se encontrava com ela levantou-se atrapalhadamente e empinou-se como um urso pardo, fazendo quase com que os olhos claros da Sra. Lacey-Jones lhe saltassem das órbitas.

— Que raios se passa aqui?! — vociferou ele.

Ao reconhecer a rapariga da fotografia formal de licenciatura que ocupava lugar de honra sobre a lareira no piso térreo, Suzy sorriu amplamente e disse: — Provavelmente um dia ainda nos vamos rir disto.

Ainda de piaçaba ameaçadoramente erguido, o coronel Lacey-Jones virou-se e dirigiu-lhe um olhar incrédulo.

— Bem, — corrigiu Suzy, — talvez não tão cedo.

Capítulo 8

— **A** pobre rapariga estava em estado de choque — disse Suzy a Donna, — uma hora depois no escritório. — Ela partilha uma casa em Hotwells com mais seis pessoas; não tem qualquer privacidade. O namorado vive em casa dos pais com mais cinco irmãos. Estavam desesperados por algumas horas a sós.

— E é isso que gostam de fazer nos tempos livres? — Donna franziu o nariz, perplexa. — Credo, há gente para tudo. Fornicarem acorrentados à banheira. Como é que isso pode ser confortável?

Suzy encolheu os ombros; sentia pena deles.

— Não estavam a fazer mal a ninguém. Bem, até a Sra. Lacey-Jones ter dado de cara com eles e quase ter tido um ataque cardíaco. — Arrependida, acrescentou: — E, é claro, terem estragado o meu negócio.

— Vais dizer aos Lennox o que aconteceu?

— Ah, sim, ótima ideia, dizer à diretora do Women's Institute que enquanto ela e o marido estão fora de casa, a filha se diverte na banheira deles com uma corrente de seis metros e um tipo mais peludo que um gorila. Não, obrigada.

— Bem, que coisa — disse Donna.

Suzy vasculhou a gaveta da secretária em busca de um pacote de emergência de *Maltesers*; encontrou-o, abriu-o com os dentes e acrescentou com tristeza: — Embora me pareça que a filha lhes vai contar.

Donna estremeceu com pena. Em tempos tinha sido apanhada pela mãe na marmelada com um rapaz numa paragem de autocarro e tinha sido bastante desagradável.

— A sério?

— Bem, a última coisa que a Sra. Lacey-Jones berrou quando saiu disparada da casa foi: «Eu conheço a tua mãe, sua rameira. Espera só até eu lhe contar o que se passou.»

— Não há nada que possas fazer? — perguntou Donna com um ar esperançoso.

Suzy, que já tinha tentado e falhado, mastigou um *Malteser* e disse: —

Sim. De futuro, bater sempre à porta da casa de banho, por mais vazia que a casa possa estar.

Ao regressar ao escritório às cinco horas, Suzy encontrou Rory à secretária a ditar cartas para o dictafone. Martin Lord, com a gravata de seda verde-esmeralda de esguelha, estava a rabiscar anotações na agenda já bastante preenchida.

— Olá. — Suzy atirou a mala para cima da sua cadeira. — Acabei de mostrar ao Marcus Egerton o apartamento na Alma Road e ele fez uma proposta no valor de cento e cinquenta mil libras. A Donna contou-te o que aconteceu hoje de manhã?

— Sim. — Rory desligou o dictafone. — E recebi um telefonema da Sra. Lennox a retirar a casa da nossa agência.

— Raios! — Suzy suspirou. — Já estava à espera que ela fizesse isso.

— Ela estava num estado deplorável.

— Imagina em que estado estará a pobre da filha!

— Alguma vez foste acorrentada a uma banheira, Suze? — Martin Lord sorriu maliciosamente para ela. — Posso fazer-te isso, se quiseres.

O facto de Martin ter uma mulher linda chamada Nancy e dois filhos pequenos adoráveis não o impediam de se fazer desavergonhadamente a qualquer coisa remotamente parecida com uma mulher. Suzy não lhe ligava nenhuma, mas segundo o que constava, resultava maravilhosamente com as clientes. Martin era um sedutor, um autêntico mulherengo.

— Fazemos de outra forma — ofereceu Suzy. — Porque não te acorrento eu a uma banheira? Assim a Nancy podia despejar-te água a ferver em cima, de uma altura considerável.

Ele sorriu.

— Não me parece muito erótico. Talvez óleo de bebé aquecido.

Agitando os dedos em direção a ele, Suzy disse: — Larvas vivas.

— Cobertura de chocolate.

— Entranhas de vaca.

— Natas com aroma a *Cointreau*, diretamente da lata. — Martin levantou uma sobrancelha, estilo James Bond. — Ah, isso sim.

— Formigas — ripostou Suzy com regalo. — Não, Supercola. Não, não, *lagartas*...

— Oh, a propósito, a Nancy ligou hoje de manhã. Enquanto estavas fora. — Donna levantou os olhos do ecrã do computador. — Ela disse para te lembrar de estares em casa às sete.

— *Raios*. — Com um ar perplexo, Martin disse: — Porquê?

— É o vosso aniversário de casamento.

— Raios! Era suposto irmos jantar fora. — Martin bateu na testa. — Eu disse que reservava uma mesa no Neil's Bistrot.

Suzy estava estupefacta com o egoísmo dele.

— Como podes ter-te esquecido do vosso aniversário?

— Não me esqueci. Sabia que era hoje. Mas passou-me. Droga — suspirou Martin. — E agora o que é que eu faço?

— Vais para casa, penso eu — disse Rory.

— Tenho um encontro marcado com um cliente às oito.

Os olhos dele estavam com uma expressão malandra. Suzy calculava que «encontro marcado com um cliente» quisesse dizer «encontro escaldante com loura sedutora». Martin era louco por louras. Nancy, evidentemente, era uma morena deslumbrante.

Na opinião de Suzy, os homens eram todos assim.

— Não tem problema. — Sacou da agenda para ver a reação dele. — Dá-me os pormenores que eu vou no teu lugar.

Martin hesitou e depois abanou a cabeça.

— Não tem importância. Eu marco para outro dia.

Ah! Estava desmascarado!

— A sério. Não me custa nada. Faça questão. — O tom de Suzy era tranquilo. Segurou a caneta acima da página e inclinou inocentemente a cabeça para um lado. — Vá lá, como se chama?

E seria homem ou mulher? A sério? Uma mulher? Céus, que *surpresa!*

— Está bem. — Martin soltou um suspiro de relutância. — Chama-se Hallen.

— Senhora? — Perguntou Suzy com um sorriso radiante. — Senhorita? *Seu adúltero traiçoeiro.*

— Senhor — disse Martin. — E vai encontrar-se contigo em frente ao edifício na Parry's Lane às oito em ponto.

— *Merda!* — gemeu Suzy em voz alta assim que a porta se fechou. Através do vidro, viu Martin, gravata de seda esmeralda esvoaçante, atravessar a rua a correr para chegar à loja de flores de Lloyd antes que fechasse. Com um ar abatido, disse: — Nunca me teria oferecido se achasse que ele tinha mesmo um cliente.

— Eu até ia, — disse Rory num tom apologético, — mas tenho um compromisso.

Suzy sorriu para ele. Seria demasiado esperar que o irmão fanático pelo trabalho tivesse um encontro amoroso. Desde o divórcio que Rory parecia ter desistido de vez das mulheres; naquele momento tinha tanta vida social como uma alface.

Na verdade, menos, já que pelo menos uma alface ainda tinha alguma hipótese de acabar uma noite num restaurante iluminado com velas.

— Não faz mal. De qualquer forma não vou sair com o Harry esta noite. — Com fácil resignação, Suzy enfiou a agenda na mala e deslizou de cima da secretária. — Então, o que vais tu fazer? Alguma coisa fixe? — Dirigiu um olhar de encorajamento a Rory. Bem, a esperança era a última a morrer.

— O chuveiro tem uma fuga. — Rory estava atarefado a meter papéis dentro da pasta. Levantou a cabeça e ajeitou os óculos sobre a cana do nariz. — O canalizador vai lá a casa.

— E o canalizador é mulher? Solteira ou casada? — perguntou Suzy.

— Chama-se Albert. Está na casa dos sessenta, não tem cabelo e tem três dentes — disse-lhe pacientemente Rory. — Dentes esses que nunca lava. Mas sabe bem como tratar de canos.

— Bem... — Suzy sorriu maliciosamente. — Se é isso que te excita.

O imóvel na Parry's Lane era um dos mais exclusivos naquele momento na imobiliária Curtis. Suzy, que não gostava muito dele, estacionou no caminho de acesso pouco antes das oito e verificou rapidamente a sua imagem no espelho retrovisor.

Certo. Entusiasmo exigido, e aos montes. Lá porque ela não era louca por arquitetura tipo anos sessenta — tetos planos, linhas simples e janelas do tamanho de montras de loja —, não significava que não fosse capaz de convencer um cliente de que se tratava da melhor coisa desde o gelado *Baileys*.

Estava a retocar o batom quando atrás dela viu aproximarem-se luzes de outro carro. Suzy passou rapidamente os dedos pelo cabelo, tirou o alarme de ataque pessoal do porta-luvas, enfiou-o no bolso do casaco e saltou do carro.

Um *Volvo M* cinzento-escuro. Oh, lindo! Que interessante deveria ser aquele homem! Mas quando ele saiu do carro, Suzy viu que, caramba, ele era até bastante interessante! Alto, bem mais de um metro e oitenta, devia estar na casa dos trinta. E tinha cabelo, o que era sempre um bónus. Cabelo liso escuro, orelhas bonitas — ela sempre tinha tido um fraquinho por orelhas — e dentes suficientemente brancos para brilharem no escuro, embora, claro, isso pudesse querer dizer que eram falsos.

Ainda assim, os olhos eram bonitos e pelo menos tinham de ser verdadeiros. E, por debaixo do fato escuro, vislumbrava-se um corpo atlético em muito boa forma.

Excelente.

Ainda por cima, pensou Suzy, *viva! Estou a usar o meu casaco da sorte!*

— Sr. Hallen? — Aproximou-se dele de mão estendida. — Sou Suzy Curtis. Lamento, mas o Martin não pôde vir esta noite, por isso vou eu mostrar-lhe o imóvel.

— Ah, certo. Não tem importância. — Apertou-lhe a mão com um ar divertido. — Espero não estar a incomodá-la.

Que sorriso. Que boca. Não havia como negar, pensou Suzy, vender uma casa a uma pessoa com um aspeto agradável era decididamente mais fácil do que fazer negócio com um estafermo.

Além disso, era muito mais divertido.

— A incomodar-me? De todo. — Dirigiu-lhe um rápido e deslumbrante sorriso. *Veem? Eu também consigo.* — O Martin disse-lhe que os proprietários se mudaram? A casa está vazia há quinze dias, mas eles deixaram os tapetes e os cortinados, que serão negociáveis. — Chocalhando as chaves, Suzy encontrou a certa e enfiou-a na fechadura da porta da frente. — Eles estão a pedir quatrocentas e cinquenta mil, mas, duma maneira realista, acho que eles não estão à espera de uma oferta superior a quatrocentas e vinte mil. Bem, aqui estamos, vamos acender as luzes. Já viu muitos imóveis?

— Não. — Ele abanou a cabeça e olhou em redor. — É o primeiro.

— E tem algum para venda, ou...?

Ele sorriu novamente, apercebendo-se da delicadeza da pergunta.

— Vendi a minha casa de Londres no ano passado. Desde que regressi a Bristol que tenho andado a arrendar. Agora, com o negócio estabilizado, achei que estava na hora de comprar uma.

Aliviada, Suzy anuiu com a cabeça. Gostava daquela resposta. Do que já não gostava tanto era de quando um homem desatava de repente a chorar compulsivamente e a despejar a história de como a mulher se ia divorciar dele e se recusava a deixá-lo ver os filhos. Aquele não parecia ser desse tipo, mas nunca se podia ter a certeza. Não seria a primeira vez que ela era apanhada de surpresa.

As luzes da cozinha acenderam-se para revelar muitos metros de aço polido e um luzidio chão de mármore preto.

— Céus — disse o Sr. Hallen.

— Eu sei. É um bocado como a Starship Enterprise. — Suzy viu-o percorrer a cozinha para a frente e para trás e viu os ombros dele ficarem tensos quando ele parou em frente ao lava-louça. — Está tudo bem?

— Sim, sim. — Ao ouvir os saltos altos dela aproximando-se por trás, ele virou-se e esticou um braço. — Não! *Não olhe...*

Capítulo 9

Suzy olhou.

Bem, não havia como evitar, pois não?

E ali, a debater-se freneticamente para conseguir sair da pia — e a fracassar horrivelmente —, estava uma aranha do tamanho de uma bolacha digestiva *McVitie's*.

— Oh, pobrezinha, aposto que estás aí presa há dias! — Suzy colocou-a rapidamente na mão, abriu a janela por detrás da pia e sacudiu cuidadosamente a aranha para a rua. — Pronto, já está, querida. Fico sempre preocupada quando faço isto — acrescentou por cima do ombro. — Será que conseguem encontrar o caminho para casa, para ao pé da família? Ou a mulher e os filhos passam o resto da vida a perguntar-se o que terá acontecido ao papá?

Enquanto falava, Suzy virou-se de frente para o potencial cliente. Seria imaginação sua, ou o Sr. Figurão Hallen estaria a reprimir um estremecimento?

— Bem, estou impressionado. Pensei que você ia fugir a sete pés quando visse a aranha — disse ele secamente. — É o que faz a maioria das raparigas.

Para não falar em si, pensou Suzy com um prazer secreto.

Em voz alta, disse: — Não sou como a maioria das raparigas.

— Já tinha reparado. Mas deve dar imenso jeito. — Acenou com a cabeça em direção à janela através da qual ela tinha largado a aranha. — Evita aquela gritaria toda, os saltos para cima de cadeiras e os ataques de pânico.

— Mas, por outro lado, às vezes o tiro sai totalmente pela culatra. Quer que lhe conte uma coisa verdadeiramente embaraçosa? — Encostando-se à pia, Suzy confidenciou: — Certa vez, eram duas da manhã, recebi um telefonema de um ex-namorado do qual ainda gostava. Ele pediu-me para ir até casa dele para tratar de uma aranha. Claro que eu sabia o que ele queria realmente, por isso saltei para o duche, coloquei maquilhagem e fui até ao apartamento dele nua debaixo do casaco. E lá estava a aranha, no teto mesmo acima da cabeça dele. E quando o livreiro da aranha, o meu ex-namorado agradeceu-me, levou-me à porta e chamou-me porreira.

Ele riu-se.

— Espero que lha tenha devolvido pela caixa do correio.

— Oh, era o que eu teria feito, num ápice, mas é esse o problema com as aranhas. São como polícias, nunca estão por perto quando precisamos delas. Não está interessado nesta casa, está? — disse Suzy de repente.

Ele levantou uma sobrancelha.

— É assim tão óbvio?

— Não olhou para dentro dos armários.

— Lamento.

— Quer que lhe mostre o resto da casa, — ofereceu Suzy, — ou não é preciso dar-me ao trabalho?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não vale a pena. Não gosto.

— Eu também não — disse Suzy.

— E lamento se a fiz perder o seu tempo. — Contorceu a boca. — Bem, pelo menos salvámos a aranha.

— Na verdade, — disse Suzy, — não salvámos, eu salvei.

— Acha que eu fiquei com medo, não acha?

— Sim.

— Não fiquei.

— O cliente tem sempre razão — disse-lhe Suzy. — Claro que não ficou com medo.

Ele desviou o cabelo dos olhos azuis-escuros e sorriu para ela.

— Não sei, isto pode ser contra as regras, mas quer jantar fora comigo? Safa, que rapidez!

De hoje em diante, este é definitivamente o meu casaco da sorte, pensou Suzy.

— É casado? — Ao falar, olhou para o dedo anelar dele. Nada. Viva!

Ele sorriu e abanou a cabeça.

— E você?

— Oh, não. Decididamente não.

— Anda com alguém?

— Nããã. — Suzy cruzou os dedos atrás das costas. Afinal, quão envolvida com Harry estava realmente? Só saíam juntos há uma semana e meia. Até então, três encontros: alguns copos, uma refeição italiana e uma ida ao cinema para ver um filme que Harry tinha detestado. Nem sequer tinham ainda dormido juntos. Isso não contava como andar com alguém, pois não? Além disso, não se podia recusar levemente um convite para jantar de um homem tão lindo como aquele.

— Jantar seria ótimo — disse Suzy alegremente.

Seguiu-se uma longa pausa.

— Oh, céus — suspirou o Sr. Hallen.
— Oh, céus, o quê?
— Estou desiludido.
— Desiludido? — Ela piscou rapidamente os olhos, assustada. — Quer dizer, com a casa?
Ele estava a abanar a cabeça.
— Com... *comigo*? — Suzy engoliu em seco e a voz começou a vacilar.
Ele olhou-a com uma expressão a raiar a compaixão. — Você não sabe quem eu sou, pois não?
Dentro do bolso do casaco, os dedos de Suzy agarraram no alarme de ataque pessoal.
— Eu não pretendia enganá-la — continuou ele descontraidamente.
— Na verdade, indaguei-me se você reconheceria a minha voz.
O problema é que ele não tem voz de assassino em série nem de louco fugido do manicômio, pensou Suzy.
Com a mão livre, desviou o cabelo dos olhos.
— Reconhecer a sua voz? Não, porque deveria?
— Falámos ao telefone.
Telefone, telefone...
Nesta altura completamente confusa, Suzy disse: — Está a dizer-me que ligou para a Curtis?
— Não nessa altura, mas talvez eu deva explicar. — Fez uma pausa e depois disse calmamente: — Quando falei com o seu colega, Martin Lord, ele deve ter-me entendido mal. O meu nome não é Hallen, é Fitzallan.
— Ah. *Oh!*
Num instante, tudo se tornou claro. Suzy levou a mão à boca.
— Você é irmão do Harry!
Ele acenou concordantemente com a cabeça. — Leo.
— O do cão!
— Baxter — disse Leo Fitzallan com seriedade.
— Não se parece nadinha com o Harry. — O olhar de Suzy era acusador.
— Desculpe. Não sabia que era obrigatório. Para ser franco, — salientou ele, — você também não se parece muito com a Lucille.
— Espere. — Suzy franziu o sobrolho. — Porque é que não me disse logo quem era?
Lá estava outra vez aquele sorriso devastador... mas Suzy já não tinha tanta certeza de confiar nele.
— Como eu já disse, isto não foi planeado — disse-lhe Leo Fitzallan.
— Mas às vezes vemos uma oportunidade que é demasiado boa para deixar passar. O jantar pode ser no Jameson's? Ou podíamos experimentar o Le

Gourmet. — Enquanto falava, conduziu-a à porta da rua. — Sabe, há cerca de dez dias que o meu irmão não fala em mais nada a não ser em si. Está verdadeiramente apaixonado. Você deve saber isso.

Sim, obrigada, pensou Suzy. Já tinha percebido.

Em voz alta, disse tensamente: — Nós damo-nos muito bem.

— Hum.

— Hum, o quê?

— Fiquei interessado. — Leo parecia divertido. — Em descobrir o que você sentiria por ele.

Suzy arregalou os olhos com indignação— Oh, fantástico! Então, convidar-me para o Le Gourmet não passou de um truque, não foi? Um plano astucioso para ver se eu dizia «Oh, não, muitíssimo obrigada, mas não posso sair para jantar com mais ninguém, o meu namorado não ia gostar».

As sobranceiras expressivas dele diziam tudo.

— Bem, — disse Leo de forma arrastada, — valeu a pena tentar.

Ela trancou a porta da casa horrorosa atrás dela.

— Ok, lamento se esta casa não faz o seu estilo. Se quiser passar pelo escritório, posso dar-lhe pormenores de outros imóveis que...

— O seu carro ou o meu? — interrompeu Leo.

— Desculpe? — Suzy estava já a entrar para trás do volante do *Rolls*.

— Para jantar.

— No Le Gourmet?

— Se quiser.

— Credo, você é mesmo um autêntico cavalheiro. — Suzy esticou-se, abriu a porta do lugar do pendura e sorriu para ele. — Entre, vamos no meu.

Milagrosamente, havia um lugar de estacionamento mesmo em frente do Le Gourmet na Whiteladies Road. Quando estacionava habilmente de marcha-atrás, Suzy disse: — Seja como for, não vou jantar consigo por estar perdida de amores.

— Não?

— Não. Estamos aqui simplesmente porque sou agente imobiliária e você quer comprar uma casa.

Eles não tinham feito reserva. As mesas do restaurante estavam todas ocupadas. Se esperassem no bar e tomassem um copo, poderiam sentar-se daí a meia hora, disse o gerente a Leo.

Já instalados no bar, Suzy girou o pé do copo de vinho e continuou: — Sabe, o meu trabalho é mesmo assim. Preciso de descobrir exatamente o que você procura. Depois tenho de o convencer a deixar-me encontrá-lo.

Principalmente quando estamos a falar de quase meio milhão de libras...

— E é nisso que você é boa? — perguntou Leo.

— É no que eu sou melhor.

Ela viu-o sorrir para si próprio enquanto examinava o cardápio. Aromas fantásticos chegavam da cozinha; o estômago dela começou a roncar como um vulcão.

— E a estacionar carros grandes em espaços pequenos — comentou Leo. — E a domar aranhas grandes. Para não falar em conseguir livrar-se de multas por excesso de velocidade.

Espantada por se sentir enrubescer, Suzy disse: — Oh, então o Harry contou-lhe isso.

Num tom sério, Leo respondeu: — Como eu já disse, estamos a falar de paixão a sério. O Harry contou-me tudo a seu respeito. E eu quero dizer mesmo tudo. — Fez uma pausa. — Eu sei até da... — pausa mais longa — ... da música.

Ela encolerizou-se, instantaneamente na defensiva. Lá estava aquela sobranceira acerba a levantar-se outra vez. Francamente, porque é que as pessoas adoravam tanto escarnecer das outras?

Se alguém tinha um defeito na fala ou um pé deformado, nenhum ser humano decente sonharia em fazer troça, pensou Suzy. Mas bastava uma pessoa ser minimamente diferente em termos de gosto musical e toda a gente se sentia livre para gozar, criticando abertamente a sua escolha e rindo geralmente a bandeiras despregadas à sua custa.

Aparentemente, Leo não era exceção.

Encantador.

Só porque ela gostava de música divertida. E de um bom ritmo alegre.

— Por acaso gosto de Abba — disse Suzy.

— E da «Macarena».

— Um dos grandes sucessos de todos os tempos.

— E da «YMCA».

— E então?

— E da «Agadoo».

— «*Doo, doo, push pineapple shake the tree*» — disse Suzy prontamente.

Na verdade, quase cantou. Não era capaz de se controlar; era um daqueles reflexos involuntários, como respirar.

Engraçado, Jaz sempre lhe dissera que ela deveria ter casado com o vocalista dos Black Lace.

— E da banda sonora de *Febre de Sábado à Noite* — insistiu Leo.

Ele estava a começar a irritá-la seriamente.

— Olhe, eu podia *fingir* que gosto de KD Lang e de Schubert e de Jami-roquai — protestou Suzy. — Mas não finjo. Gosto do que gosto, e gosto de coisas que me fazem feliz. Gostos não se discutem, ok? Você não goza com

a minha coleção de discos e eu não gozo com as lapelas do seu fato nem do facto de você conduzir um *Volvo*.

As lapelas dele não tinham nada de errado, mas como ele não passava de um homem, ela tinha a certeza de que ele não saberia isso.

E ele conduzia realmente um *Volvo*.

— *Touché* — disse Leo Fitzallan erguendo o copo de vinho.

— Você pode também ter um péssimo gosto para casas. — Suzy apoiou os cotovelos no bar, entusiasmada com a discussão. — Pode preferir casas horrorosas tipo Southfork, com uma decoração verdadeiramente labrega.

Aproximando-se discretamente de Leo, o empregado de mesa murmurou a Leo: — O que vão desejar, senhor?

— Desculpe, temos estado a falar de mais. — Suzy dirigiu-lhe um sorriso apoloético. — Ainda nem sequer olhei para a ementa. Pode dar-nos mais cinco minutos?

O empregado acenou afirmativamente com a cabeça e retirou-se.

Examinando o cardápio, Leo disse: — O pato fumado soa-me bem. — Levantou os olhos e acrescentou calmamente: — Não, não gosto de decoração labrega. E prefiro casas vitorianas.

— Caras? Quatrocentos e cinquenta?

— Talvez quinhentas.

Quinhentas mil libras, pensou Suzy. O negócio devia estar a correr bem. O que tinha Harry dito que o irmão fazia? Ah, sim, tinha uma cadeia de casas de comida rápida. Segundo Harry, Leo era a resposta britânica ao Ronald McDonald.

— E onde quer viver? Clifton? Sneyd Park? Stoke Bishop? Leigh Woods?

Leo encolheu os ombros.

— Não estou preocupado. Quero apenas ver uma casa e apaixonar-me por ela.

Suzy sorriu. Ela sabia exatamente o que ele queria dizer. E aprovava. Alguns clientes só estavam interessados numa casa que «encaixasse no orçamento», que fosse «o tipo de coisa que estamos à procura». Outros queriam uma casa pela qual pudessem apaixonar-se. Tal casa não era necessariamente a escolha sensata, mas assim que se pousava os olhos em cima dela, o coração dava um salto e a pessoa sabia que era aquela que Tinha de Ter.

O primeiro tipo de cliente era, de longe, o mais fácil, claro, mas o segundo era infinitamente mais compensador.

Como em *Encontro às Cegas*, quando a Cila compra um chapéu novo...

Nesse instante Suzy foi tomada pela inspiração.

— Tenho um lugar fabuloso para lhe mostrar. Pode ser a casa dos seus sonhos. — Pousou o copo de vinho, vasculhou o interior da mala e retirou a agenda. — Pode ser amanhã?

— Não, estou...

— No dia seguinte.

— ... em Nova Iorque — concluiu Leo. — Durante uma semana. — Olhou para o relógio. — Tenho de partir daqui a pouco mais de oito horas.

Mordendo o lábio em sinal de frustração, Suzy sentiu o estômago roncar de fome. Viu o jovem empregado aproximar-se deles novamente. Inalou os celestiais aromas a alho que emanavam da cozinha...

Vá, age agora!

— Ok. — Deslizou abruptamente do banco. — Vamos embora.

Capítulo 10

— Eglefim, batatas fritas e puré de ervilhas — anunciou Suzy, saltando para o banco do condutor e enfiando duas embalagens quentes no colo de Leo. — E comprei-lhe uma *Fanta* laranja. Está bem?

— Perfeito. Quem precisa de *Châteauneuf du Pape* quando se pode beber *Fanta* laranja? — Leo abriu uma das embalagens aromáticas e ofereceu-lhe uma batata frita. — Céus, o que é *isso*?! — Estremeceu quando o som de mil pés irlandeses começou a retumbar nos altifalantes do carro.

Orgulhosa, Suzy disse: — *Riverdance*.

Ah, aquela música já estava a correr-lhe nas veias! Os pelinhos da nuca estavam a eriçar-se todos.

— Pelo menos não pode dançar isto em público — comentou Leo.

Talvez não, pensou Suzy, mas devia ver-me na privacidade do meu quarto, a dançar a jiga em frente do espelho de corpo inteiro.

Mas, pensando bem, talvez fosse melhor ele não ver.

— É assim que normalmente faz negócio? — perguntou Leo, quando atravessavam velozmente o parque de Downs.

— Chama-se aproveitar o momento. — Na verdade, chamava-se intuição. — Vou mostrar-lhe primeiro uma casa da qual acho que vai mesmo gostar. Se deixarmos para depois do seu regresso dos Estados Unidos pode ser tarde de mais.

— Não me diga — disse Leo num tom de voz seco. — Há outra pessoa louca pela casa e se eu não fizer nenhuma proposta esta noite, ela passa-me à frente.

— De todo. Ainda nem sequer mais ninguém a viu. — Suzy esticou-se e roubou mais uma batata. — Mas acho que você era capaz de bater com a cabeça nas paredes se isso acontecesse.

Os cantos da boca dele levantaram ligeiramente.

— O Harry disse-me que você era uma vendedora genial.

— Eu tenho um talento especial para combinar pessoas com os imóveis certos — disse-lhe Suzy alegremente. — É a minha especialidade. É isso que me torna genial.

— Realmente, este peixe é até bastante bom. — Leo ergueu os olhos, alarmado. — Credo, que barulho é esse?!

Ela sorriu.

— Não entre em pânico. É apenas o meu estômago tragicamente vazio.

Assim que entraram na casa, Suzy ligou o forno e enfiou lá a sua embalagem de eglefim com batatas fritas ainda intacta para a manter quente. Após quarenta minutos, depois de ter dado a visita guiada completa a Leo — incluindo o jardim iluminado por holofotes —, conduziu-o de regresso à cozinha, tirou a embalagem do forno e começou a devorar o conteúdo.

Com voracidade.

— Desculpe, estou morta de fome. E então? O que acha?

— Gosto. Muito. Acho que pode ser exatamente aquilo que procuro. Mas, — continuou Leo lentamente, — não pode estar mesmo à espera que eu faça agora uma oferta de quatrocentas e oitenta mil libras por uma coisa que ainda nem vi à luz do dia.

— Ora, onde está o seu sentido de aventura? — protestou Suzy. — É ainda melhor à luz do dia! Não vai acreditar na vista.

Leo viu-a levantar-se de um salto, atravessar a cozinha a correr, abrir o armário e tirar uma garrafa de ketchup *Heinz*.

— Então foi aqui que você cresceu.

Suzy fez uma careta.

— Bem, isso é discutível. Provavelmente só cresci quando me divorciei do Jaz. — Agitou o frasco como uma vencedora de um grande prémio e derramou generosamente o molho sobre as batatas fritas. — Mas foi aqui que vivi.

— E foi feliz aqui?

— Feliz? Ah, sim. — Suzy sorriu ligeiramente. — Apesar da minha mãe.

Leo deu mais uma vista de olhos pelo piso térreo enquanto ela devorava o resto da refeição. Quando regressou, encostou-se à soleira da porta de mãos nos bolsos e viu-a enfiar os pacotes vazios no balde de lixo da cozinha.

— Estou decididamente interessado, mas teria de a ver novamente. Como deve ser. À luz do dia.

Desmancha-prazeres.

— Ok.

— É melhor irmos andando. Tenho de estar no Heathrow às sete.

— Certo. — Suzy desligou as luzes da cozinha. — Vou levá-lo de volta ao seu carro.

...

O *Volvo* ainda lá estava, estacionado no escuro caminho de acesso à casa horrorosa no cimo de Parry's Lane. Depois de estacionar atrás dele — felizmente não tinha sido roubado —, Suzy saiu do carro para poder apertar a mão a Leo Fitzallan à maneira de um verdadeiro agente imobiliário.

Quando meteu a mão na mala em busca de um cartão de visita, um pássaro fez um voo picado a partir de uma das árvores que delimitavam o caminho, não lhe acertando por pouco na cabeça.

— Cá estamos. Ligue-me quando regressar dos Estados Unidos. Se ainda estiver interessado e a casa não tiver sido vendida, podemos arranjar... céus, o que é aquilo?!

A sombra escura fez de novo um voo rasante, desta vez ainda mais perto dela.

— É um morcego — disse Leo.

— Aaarrgh! — Soltando um grito sufocado, Suzy agarrou nas alças da mala e girou-a em volta da cabeça. Aranhas, tudo bem, podia lidar com aranhas, mas morcegos... ugh, eram *outra* história. Tinham pequenos dentes afiados e asas pontiagudas e a sua missão na vida era emaranharem-se nos cabelos das pessoas. Abaixando-se repentinamente, em pânico, e vagamente ciente de que pequenos gemidos indignos emanavam da sua garganta, Suzy agitava freneticamente a mala, como um lançador de martelo olímpico em busca da medalha de ouro.

Só que o segredo do lançamento olímpico do martelo é saber quando o largar. Antes que pudesse evitar, as alças de cabedal já se tinham enrolado embaraçosamente em redor do seu pescoço e a mala — com o pesado fecho metálico — bateu-lhe violentamente na cara.

CLAAANKK, fez o fecho contra o nariz dela, e Suzy soltou outro grito, desta vez de dor.

— Auuuu! O meu *dariz!* Oh, não...

Ao levar as mãos à cara, sentiu o denunciador fio de sangue quente. Oh, fantástico, o nariz estava a sangrar, exatamente o que uma rapariga precisava quando tinha vestido o casaco lilás da sorte e um top branco *Donna Karan*.

Pelo menos o morcego tinha-se ido embora. Com alguma sorte, tinha-lhe acertado em cheio e mandado para o jardim vizinho.

Céus, eu sabia que odiava esta casa!

O sangue começou a ganhar velocidade, o fio transformando-se numa torrente. Reflexivamente, para salvar a roupa, Suzy atirou prontamente a cabeça para trás. Alterando imediatamente o seu curso, o sangue deslizou pelo interior do nariz e garganta. Quando ela tentou respirar, o ar saiu numa espécie de ronco borbulhante.

Ela gemeu: — Socorro, socorro, estou a afogar-me!

Saiu como: «Estou a *afodar-me!*»

— Tome. — Leo tirou um lenço branco limpo do bolso do blusão. Suzy colocou-o rapidamente sobre o nariz e a boca. Passados poucos segundos estava carmesim. Os sangramentos de nariz dela sempre tinham sido bastante violentos.

— Abra a *mida* mala... tire as chaves. — Apontou para a mala de mão que estava no chão, depois para a casa, lembrando-se que os anteriores proprietários tinham deixado algumas toalhas na casa de banho do rés-do-chão.

Felizmente, Leo não discutiu. Em poucos segundos encontrou as chaves, abriu a porta da casa e acendeu as luzes. Ainda a balbuciar, mas desesperada para não deixar cair sangue no tapete da entrada, ela seguiu-o e deu uma corrida até à casa de banho.

Suzy empalideceu ao ver-se no espelho acima do lavatório branco imaculado. Oh, sim, muito *Entrevista Com o Vampiro*. E apesar de todo o esforço, o top favorito estava cheio de sangue.

Apertando com força a cana do nariz e limpando-se com uma das toalhas de mãos verde-lima, encostou-se ao lavatório. Atrás dela à porta, Leo disse: — Está partido?

Suzy abanou cuidadosamente a cabeça. Depois, afastando a toalha da boca, cuspiu uma boca cheia de sangue para dentro do lavatório.

Oh, céus, elegante ou quê?

— Não. Sempre tive tendência para sangrar do nariz. Já para.

Os proprietários tinham atenciosamente deixado também um rolo de *Scottex*. Suzy rasgou duas folhas, enrolou-as e enfiou uma — ainda mais elegante — em cada narina. Ao ver o olhar de Leo no espelho — estaria ele a fazer uma tentativa heroica para não se rir? —, explicou: — Não quero pingar os bancos do carro.

Leo endireitou-se.

— Que barulho é aquele?

Ciente de que estava a fungar como um Pequinhês, Suzy disse: — Provavelmente, eu. A tentar respirar.

— Não, lá fora.

Logo em seguida ouviram passos de corrida sobre a gravilha. A porta da frente, já aberta, foi escancarada com violência.

— Muito bem, ninguém se mexe! — berrou uma voz masculina atrás deles. — Mãos para cima! Fiquem onde estão!

Quando Suzy se estava a virar lentamente, o tampão de *Scottex* en-sopado caiu-lhe da narina esquerda e foi aninhar-se no decote salpicado de sangue. Ela viu a expressão de horror nos olhos do agente policial que estava à porta.

— Está bem, menina? Não se preocupe, agora está em segurança. — Sacou de um par de algemas, agarrou nos pulsos de Leo e torceu-lhos atrás das costas. — Credo, o que foi que ele lhe fez?!

— Na verdade ele não... — começou Suzy quando um segundo par de passos ressoou no hall.

— É melhor chamar uma ambulância — berrou o primeiro agente por cima do ombro.

— Ela não precisa — disse calmamente Leo.

Suzy ouviu uma voz espantada exclamar: — *Leo?!*

Num tom severo, o primeiro agente disse: — Ah, conhece-lo?

— Bastante bem, na verdade — disse Leo.

Suzy conseguiu, a custo, fazer um sorriso tranquilizador quando o segundo agente apareceu à porta. Bem, o mais tranquilizador possível com fios de sangue e saliva escorrendo-lhe dos dentes.

— Olá, Harry.

Harry insistiu em levá-la a casa no *Rolls*.

— Os vizinhos telefonaram-nos para denunciar um assalto. Sabiam que a casa estava vazia. Ouviram tumulto no jardim...

— Morcegos — disse Suzy.

— De todo. Pensaram que se tratava de ladrões. Fizeram a coisa certa.

— O que eu queria dizer é que estava um morcego a voar-me em volta da cabeça. Entrei em pânico e tentei acertar-lhe com a minha mala. Em vez disso, acertei no meu nariz.

— Já tinhas dito. — Harry estacionou em frente à casa dela. Virou-se de lado no banco do condutor com uma expressão preocupada. — O que eu não compreendo é o que estavas lá a fazer. Não é propriamente normal, pois não? Mostrar casas às pessoas às onze e meia da noite?

— Fazemos o que temos de fazer. — Suzy encolheu os ombros. — Vamos uma oportunidade e agarramo-la.

Harry fungou.

— E porque é que cheira a peixe e batatas fritas neste carro?

— Porque parámos no caminho para comer peixe com batatas fritas.

— Pacientemente, Suzy explicou: — Vamos colocar a casa da minha mãe à venda. Por aquilo que o Leo estava a dizer, calculei que pudesse estar interessado. Ele viaja para os Estados Unidos daqui a poucas horas e eu queria mesmo que ele a visse antes de partir. — Piscou os olhos; estava a começar a perder a paciência. — Harry, por favor, para de olhar para mim dessa maneira! Quando um cliente tem assim tanto dinheiro para gastar numa casa, temos de fazer o que for preciso para lhe vender uma. O Leo contratou mais três agências para além da nossa. Gostava que fosse com

a Curtis que ele acabasse por fazer negócio. Decerto consegues compreender isso, não?

— Ah, sim, consigo compreender isso. O dinheiro fala, — disse Harry, — e o meu irmão é podre de rico. — Fez uma pausa. — E então? Ele fez-se?

— Fez-se?

— Ora, não te armes em inocente. Sabes do que estou a falar.

Estupefacta, Suzy protestou: — Claro que não! Por amor de Deus, isto são *negócios!*

Com uma voz calma, Harry respondeu: — E tu acabaste de me dizer que farás o que for preciso para fechar um negócio.

Ufa!, ciúmes ou quê?

— Agora estás a ser ridículo. — Suzy abanou a cabeça, incrédula.

— Ele é meu irmão — disse Harry. — Sei como ele é. Para ser franco, estou espantado que ele não tenha tentado levar-te a jantar fora.

— Bem, eu não jantei com ele.

Verdade, *por pouco*. Ufa outra vez.

— Só peixe com batatas fritas — resmungou Harry.

— E fui eu que paguei. — Nesse momento um carro da polícia parou atrás deles iluminando o carro com os faróis. Grata pela interrupção, Suzy saiu do carro. — A tua boleia chegou. Obrigada por me teres trazido a casa. Lamento que aches que eu passei a noite a fazer de tudo para seduzir o teu irmão. — Esticou abruptamente a mão. — Chave, por favor.

Harry fez um ar de surpresa.

— Suzy eu não queria...

— Não, não, não tem qualquer problema. — Ela podia sentir os músculos do maxilar a enrijecerem. — Agora vou tomar um banho. Boa-noite.

Capítulo 11

Avida doméstica nunca tinha sido um dos fortes de Suzy. Na manhã seguinte, antes de ir trabalhar, passou pela casa do lado e encontrou Maeve sozinha na cozinha a cantar e a fritar energicamente salsichas e cogumelos.

Suzy parou à entrada com um ar desamparado.

— Maeve, como tiro sangue de um top branco? Não me lembro se tenho de o pôr em água a ferver ou se o cubro de sal.

— Achas que nasci ontem? — repreendeu Maeve por cima do ombro.

— Maeve! — Suzy fez um sorriso rasgado. — Não sei do que estás a falar.

— Traz-mo que eu trato disso mais tarde — disse Maeve, tal como Suzy previra. Aproximando-se alegremente por trás dela, plantou um beijo na bochecha macia da mulher mais velha.

— Obrigada, Maeve. És um anjo. Oh, e essas salsichas têm um aspeto fantástico.

— Não são nada fantásticas. Nem sequer são salsichas. — Com uma expressão de repugnância, Maeve deu-lhes uma espetadela com a espátula de madeira. — São aquelas coisas vegetarianas. Para a Celeste.

— Feitas de quê?

— Pfff. Pelo sabor, de pó do chão do talho.

Observando as salsichas com menos entusiasmo, Suzy disse: — Devias estar a fritá-las assim, se são para a Celeste?

Celeste era uma pessoa magra.

— A Celeste está deitada, a preguiçosa — resmungou Maeve. — O que ela não sabe não me faz mal. Agora vê se me mexes esse rabo grande. — Empurrou suavemente Suzy para a desviar do caminho, desligou o bico a gás e foi buscar uma pilha de pratos. — Porque não vais buscar esse teu top branco para eu dar uma olhadela no estrago?

Como um mágico, Suzy tirou o saco volumosos de trás das costas. Com um floreado, retirou as peças afetadas.

— Jesus, um banho de sangue — cacarejou Maeve. — As travessuras que vocês jovens aprontam hoje em dia!

A coisa verdadeiramente fantástica que Maeve tinha era nunca se chocar com nada, pensou Suzy. Se uma pessoa aparecesse com uma picareta espetada na cabeça, Maeve diria: «Queres que te vá buscar umas aspirinas, querida? E que tal uma boa chávena de chá para as empurrar?»

Nesse momento, Jaz e Fee entraram, depois de terem terminado o exercício matinal na piscina. Num vibrante fato de treino turquesa, Fee estava a secar o curto cabelo liso com uma toalha. Ainda a escorrer água, e de pés descalços, Jaz tinha vestido um roupão turco azul-escuro.

— Sessenta piscinas — disse ele, cumprimentando Suzy com um sorriso. Depois, ao reparar na roupa ensanguentada: — Céus, o que andaste a fazer?! A treinar cirurgia de coração aberto em ti própria?

— Ainda bem que não vim cá à procura de compaixão. — Suzy tocou na leve nódoa negra na cana do nariz. Mas Maeve estava a tirar uma enorme travessa de *kedgeree* do forno, seguida de um tabuleiro de bacon cozinhado na perfeição. Incapaz de resistir a aromas tão sublimes, Suzy puxou de uma cadeira e sentou-se. — Na verdade, estava com o irmão do Harry quando tudo aconteceu.

— Então o Harry tem um irmão? — Esparramado em frente dela e equilibrando a cadeira nas pernas traseiras, Jaz disse: — Como é ele?

Hum. Ali estava uma questão crucial. Suzy hesitou por instantes, mas o impulso de falar foi demasiado forte. E — para o melhor e para o pior — ela sempre fora sincera com Jaz.

Preparando-se mentalmente, disse: — Parece-me simpático.

— *Simpático*?!

— Mais velho que o Harry — acrescentou Suzy, aos poucos. — Cinco anos.

— Continua.

Ela encolheu os ombros.

— Um pouco mais alto, acho. Metro e oitenta, metro e noventa.

— Não me digas. E, por acaso, não dirias que ele é... mais atraente?

Jaz estava a fazer-lhe um dos seus cúmplices sorrisos de esguelha, como se todos soubessem que a única coisa que importava realmente para ela era a aparência de um homem. O que não era, de todo, verdade, pensou Suzy mal-humorada. A aparência não era assim *tão* importante, claro que não.

Lá porque ela nunca tinha sido capaz de sair com um homem feio... não significava necessariamente que era uma pessoa frívola, pois não? Afinal, ninguém comprava deliberadamente um sofá feio.

De qualquer forma, Leo não era mais bonito que Harry. Harry era lindo. Não se podia dizer de modo nenhum que Leo era lindo.

— Na verdade, ele é bastante feio — mentiu Suzy. — Alto, moreno, mau e assustador.

— Estás a dizer que ele te esmurrou? — Assustado, Jaz gesticulou com a cabeça em direção ao nariz ferido dela.

— Não!

Enquanto tomavam o pequeno-almoço, ela relatou os acontecimentos da noite anterior, culminando nas palavras de despedida a Harry.

— E foi isso — concluiu Suzy. — Entrei na casa como um furacão. Ele foi-se embora no carro de polícia. — Encolheu os ombros e enfiou uma garfada de *kedgeree* na boca. — Parece que as coisas entre mim e o Harry chegaram ao fim.

— Bem, se queres saber a minha opinião, é melhor assim — disse Jaz confortavelmente.

— Não te perguntei a opinião. — Suzy lançou-lhe um olhar fulminante.

Ele ignorou-o.

— Vê as coisas desta forma: se vocês os dois brigassem, o mais provável era que tu ganhasses.

— Não vamos brigar. A partir de hoje estou oficialmente solteira outra vez.

— Há sempre esse tal Leo — disse Maeve, servindo mais chá. — E ele tem muito dinheiro, segundo consta. Não é para desprezar.

Suzy teve uma visão vívida de Leo a estender maços de notas de vinte libras enquanto ela os desprezava.

— Maeve, devias ter vergonha — disse Jaz em tom de brincadeira. — A insinuares que a Suzy se interessaria por um homem com dinheiro. Francamente, que *ideia!*

Jaz começou a rir-se. Suzy nem sequer se deu ao trabalho de se esticar sobre a mesa e de o espetar com o garfo.

Ela sabia que não era o dinheiro que a atraía em Leo Fitzallan.

Quando se apercebera de que Harry era porreiro, mas que faltava alguma coisa que o impedia de ser perfeito, não tinha sido capaz de perceber o que era.

Ela só tinha desejado que ele pudesse ser um pouco mais... *qualquer coisa.*

De repente, naquele momento, a resposta surgiu-lhe.

Ela tinha desejado que ele pudesse ser um pouco mais... como Leo. Ah!

— Desculpa — disse Harry.

Ele estava sentado à secretária dela e tinha vestidas uma camisa e umas calças de ganga desbotadas, estava com um ar penitente e cheirava maravilhosamente bem. Quando Suzy se aproximou dele, ele levantou-se

e estendeu um ramo de lírios amarelos que tinha comprado na florista da esquina.

Nitidamente impressionada, Donna disse: — Ele estava à espera lá fora quando eu cheguei para abrir. Queres que as ponha dentro de água?

Suzy pegou nos lírios e olhou para Harry.

— Não estava à espera de voltar a ver-te.

— Eu sei. — Ele parecia envergonhado. — Comportei-me como um idiota ontem à noite. Perdoas-me?

— Harry...

— Olha, estou de serviço esta noite, mas podíamos almoçar, — disse ele avidamente, — não podíamos? Diz-me a que horas te posso apanhar e eu levo-te a algum sítio jeitoso. Se quiseres, podemos ir ao Le Gourmet.

Oh, magnífico. Encontrar de novo o chefe de sala iria correr lindamente.

— Hoje tenho de trabalhar durante a hora de almoço. — Pelo menos isso era verdade. Suzy olhou para os pés. Estava a pingar água dos pés das flores para cima dos sapatos dela. — Harry, não sei...

— Por favor, — interrompeu ele com insistência, — não quero que acabemos por causa disto. Eu exagerei na reação, só isso. Não costumo ser ciumento. O problema foi ver-te ali com o Leo.

Donna agarrou diplomaticamente nos lírios gotejantes.

— Deixa-me tratar disso. Há uma jarra na sala dos fundos.

— Tens de entender — disse Harry depois de Donna ter saído. — O Leo não é a pessoa mais fácil do mundo de se ter como irmão. Ele faz o que gosta, consegue o que quer e não se rala minimamente com os outros. É um sacana implacável, sabes? Aquela coisa do charme é apenas fachada. Assim que consegue o que quer, perde o interesse.

Suzy reprimiu um arrepio de... quê? Excitação? Oh, socorro.

— Harry, eu só quero vender-lhe uma casa.

— Podes pensar isso agora. — O tom dele era amargo. — Mas não o conheces como eu.

— Ok, talvez não. Mas continuo a achar que estás a exagerar. — Suzy olhou para o relógio. — Olha, tenho mesmo uma tonelada de trabalho para fazer.

— Eu tinha dezoito anos, — continuou Harry, ignorando-a, — quando me apaixonei pela Sophia. Éramos loucos um pelo outro. Pedi-a em casamento. Ficámos noivos. Nunca tinha sido tão feliz na vida.

Fez uma pausa.

Uma pausa longa e significativa.

— E? — Suzy sentiu-se na obrigação de perguntar, embora não fosse necessário ser-se o Inspetor Morse para calcular o resto.

— O Leo estava a trabalhar no centro financeiro de Londres. A fazer muito dinheiro, a conduzir um carro de luxo. Veio a casa um fim de semana, conheceu a Sophia... e decidiu que a queria. — A expressão de Harry era sombria. — Foi numa sexta-feira à noite. No domingo de manhã já era uma missão cumprida. A Sophia disse-me que o noivado estava cancelado. Estava apaixonada (assim achava ela) pelo Leo.

Suzy sentiu pena dele. Era uma coisa muito má de acontecer. Mas coisas dessas aconteciam. A toda a hora. Uma pessoa tinha de as encarar como mais uma experiência, continuar com a sua vida e não deixar que tal a assombrasse por não se sabe quantos anos mais.

— Mas conseguiste esquecê-la — disse ela para o encorajar.

— Oh, eu esqueci. — Harry olhou para cima, os olhos azuis cheios de dor. — Foi a Sophia que não conseguiu esquecer o Leo, depois de ele a deixar passados seis meses.

Ohh, Leo *mauzinho!*

— Porque é que ele a deixou?

— Quem sabe? Acho que se aborreceu simplesmente. Assim que a novidade passa, ele segue para a conquista seguinte. Ele nunca foi capaz de resistir a um desafio.

— E a Sophia ficou destroçada. — Suzy indagou-se por momentos se Harry teria tentado voltar para ela e teria sido rejeitado. Isso explicaria o rancor.

— A Sophia cortou os pulsos — disse Harry.

— Oh.

— Depois teve algumas *overdoses*. Passou os três meses seguintes numa unidade psiquiátrica.

— Céus.

Inadequado, claro, mas que mais podia ela dizer?

— Quando ela saiu, envolveu-se com más companhias. Poucas semanas depois, estava viciada em heroína. Apareceu à porta do Leo uma noite a implorar-lhe que a aceitasse de volta.

— O que fez ele?

— Chamou a polícia. — Harry fez uma pausa. — A Sophia foi presa e passou a noite numa cela. No dia seguinte libertaram-na. Ela apanhou o metro até ao apartamento do Leo em Hampstead, enfiou um bilhete debaixo da porta dele (ele estava a trabalhar na altura) e depois regressou ao estúdio onde morava e tomou heroína pela última vez.

Ciente de que estava a tentar agarrar-se a qualquer coisa, Suzy disse esperançosamente: — Queres dizer que ela conseguiu largar o vício?

— Não — disse Harry. — Quero dizer que ela teve uma *overdose* brutal e que se matou.

...

Assim que a porta se fechou atrás de Harry, Donna emergiu da sala dos fundos com a jarra de vidro azul com os lírios, nas mãos.

— Fartei-me de os arranjar. Pensei que seria melhor ficar fora do caminho até ele se ir embora.

— Tenho de relatar tudo outra vez ou ouviste tudo?

— Oh, eu ouvi. Cada palavra. — Donna arqueou as sobrancelhas góticas. — Até ouvi os beijos molhados.

— Não foram molhados — protestou Suzy. — Foram carinhosos.

— De qualquer forma, vocês fizeram as pazes. Está tudo bem outra vez. Devo dizer-te que ele é lindo.

Era um enorme elogio, vindo de Donna, que preferia os seus homens de cabelos longos e com maquilhagem *Herman Munster*.

— Eu sei. — Suzy tentou não soar convencida.

— Atenção, posso compreender porque é que ele não te confia o irmão. O que estavas tu ontem à noite a fazer com ele?

— Não mexas as sobrancelhas assim. Nada de sórdido. — Suzy fez um ar ofendido. — Estava apenas a tentar vender-lhe uma casa.

— E como é ele? Esse tal Leo terrível?

O bom acerca de Donna era ser uma pessoa a quem se podia contar tudo. E, ao contrário de Jaz, ela não retaliava com coisas que a pessoa não queria ouvir.

— O que posso dizer? Certamente, perigoso de conhecer. — Suzy sentiu o coração começar de novo a acelerar e encolheu os ombros. — Alto, moreno, cheio de massa... e um autêntico e completo canalha.

— Céus — disse Donna com um sorriso malicioso. — Exatamente o teu tipo.

— Alguma alegria com o tal Hallen ontem à noite?

Quando passou pela agência à hora do almoço, Martin encontrou Suzy a comer um *Cadbury* e a escovar o cabelo.

Ela olhou para ele.

— Por acaso estás a falar do tal Fitzallan?

— Oh. Pensei que Fitz fosse o nome próprio dele. — Olhou para o telemóvel. — A bateria está a ficar fraca. Que tal a casa em Parry's Lane? Ele gostou?

— Odiou. — Suzy pousou o *Cadbury* meio comido e pegou no seu telefone. — Como é que correu?

Martin fez uma expressão em branco.

— Correu o quê?

— O jantar. Ontem à noite. Para comemorar o teu aniversário de casamento.

— Ah, isso. Correu bem.

Bem? Que entusiasmo.

— Romântico? — disse Suzy.

— Suzy, controla-te. — Martin fez-lhe um olhar de «não-és-assim-tão-tapada». — Estive com a Nancy. Ela é minha *esposa*.

Suzy desistiu. Marcou o número de Lucille e ouviu o telefone tocar do outro lado da linha.

— Estou?

— Olá, sou eu. Esta noite continua de pé?

— Oh... sim. — Lucille parecia satisfeita. — Se tens a certeza de que queres.

— Claro que quero! Podemos ficar a conhecer-nos melhor. Primeiro, bowling — disse Suzy alegremente. Ela adorava bowling. — Depois vamos tomar um copo e depois vamos a uma discoteca. Apanho-te às sete.

Lucille hesitou.

— Não precisas. Posso ir ter contigo.

— Não sejas parva, deixa-me dar-te boleia! Ainda não vi o teu apartamento, pois não?

— Olha, não é exatamente o Kensington Palace. Não esperes demasiado. — Lucille parecia embaraçada.

— Há morcegos a voar pela tua sala de estar?

— Eh... não.

— Nesse caso, não há problema — garantiu-lhe Suzy alegremente.

Capítulo 12

Às seis e meia, quando saía do duche, Suzy ouviu bater à porta de casa. Celeste estendeu-lhe um saco de compras. — Comprei-te isto. A Mãe disse que conseguiste tirar as nódoas de sangue.

— Ótimo. Obrigada. — Suzy pegou no saco.

Celeste não se mexeu.

— Posso entrar?

— Porquê?

— Estou *tããã* aborrecida — queixou-se Celeste, como uma irascível criança de seis anos.

— Céus, entra lá então. — Com um suspiro, Suzy desviou-se para um lado. — Mas eu vou sair daqui a vinte minutos.

Animando-se de imediato, Celeste disse: — Não faz mal, posso ajudar-te a decidir o que hás de vestir.

Preferia morrer.

— Eu já sei o que vou vestir.

Celeste inclinou a cabeça para um lado.

— Sim, mas nem sempre escolhes a coisa certa, pois não?

Era bom ouvir aquilo, pensou Suzy, vindo de uma pessoa que naquele momento envergava um baby-doll cor-de-rosa, um casaco de lã salpicado de prata do tamanho da Barbie e uns sapatos de saltos altos fúchsia com pompons à frente. Ela regressou ao quarto, onde a sua t-shirt de manga comprida preta e as suas calças de ganga pretas a esperavam estendidas sobre a cama.

— Vês? — disse Celeste com um ar de triunfo. — É exatamente isto que quero dizer. Chato, chato, *chato!*

— Porque é que estás aborrecida? — Ignorando-a, Suzy despiu o roupão turco e começou a vestir-se. — Onde está o Jaz?

— Nos Alcoólicos Anónimos. — Celeste fez uma careta.

— Não devias ir com ele?

— Céus, estou tão farta das reuniões nos AA. São a coisa mais ente-

diante do mundo. Seja como for, já não preciso delas. — Celeste atirou-se para cima da cama e viu Suzy vestir as calças. — Alguma vez pensaste em fazer dieta?

— Pensei nisso uma vez, mas não queria acabar como tu.

Suzy enfiou a t-shirt pela cabeça, puxou-a até às ancas e entalou-a nas calças. Depois observou com satisfação a sua imagem refletida no espelho. — Seja como for, nunca tive queixas. Porque não vais ao cinema com a Maeve, se estás aborrecida?

— É a noite de bailarico dela no Jumping Prawn. — Irritada, Celeste beliscou a borda de uma almofada violeta.

— Ela não se importaria de te levar. — Fitando o baby-doll, Suzy disse: — Eles gostam muito de se rir.

— O quê? E passar o resto da noite a ser assediada por um bando de irlandeses geriátricos desdentados? Não, obrigada.

— E a Fee?

— Tem uma aula noturna. A maldita arqueologia. Como é que ela pode estar interessada naquelas velharias?

— Então podes passar uma tranquila noite em casa — disse Suzy. Francamente, aquilo era pior do que tentar lidar com uma criança de seis anos. — Pinta as unhas, toma um banho, vê um filme. — *Brinca com as tuas bonecas, faz um colar de Cheerios, pinta desenhos.*

Celeste fez beicinho.

— Não quero.

Dobrando-se, Suzy começou a escovar vigorosamente o cabelo.

— Sabes que és um problema, não sabes? — Olhou para Celeste, de cabeça para baixo. — Não tens amigos nenhuns.

— Ficaram todos com ciúmes quando eu comecei a andar com o Jaz. — Celeste suspirou. Virou-se de barriga para cima e olhou esperançosamente para Suzy. — Onde vais?

— Ao bowling.

— Com quem?

— Com a Lucille.

— Posso ir contigo?

— Não.

Suzy levantou-se e sacudiu os cabelos para trás. Depois dirigiu-se ao toucador e passou pó bronzeador no rosto.

— Oh, *por favor!*

— Não!

— Vá lá! — gritou Celeste. — Deixa-me ir contigo! Estou tão aborrecida que sou capaz de morrer! De qualquer forma, — acrescentou persuasivamente, — a Lucille ia adorar conhecer-me.

Quando Celeste começava, nada a parava. Já bronzeada, Suzy inclinou-se para mais perto do espelho e abriu o rímel.

— Não.

— Suze, não seas *má*. Eu adoro bowling! Por favor, diz que sim, por favor!...

— Oh, por amor de Deus — disse Suzy com um suspiro. — Está bem. — Atirou de novo o rímel para dentro do estojo de maquilhagem e escolheu um batom. — Podes vir connosco. — Olhou seriamente para a alegre imagem de Celeste refletida no espelho. — Mas não assim vestida.

No banco do pendura do *Rolls*, Celeste apoiou os pés descalços em cima do tablier de nogueira. Depois de ter trocado de roupa e vestido uma microsaia amarela e um top rasgado *Little Miss Mischief* — nitidamente a sua versão de vestido de noite —, estava naquele momento a repintar atarefadamente as unhas dos pés. O cheiro a verniz chocava violentamente com o seu perfume. Depois de abrir completamente ambas as janelas, Suzy olhou primeiro para os dedos dos pés de Celeste e depois para o frasco retangular *Chanel* que ela tinha entalado entre os joelhos.

— Esse verniz é meu!

— Eu sei. — De pincel levantado, Celeste recostou-se para admirar o seu trabalho. Agitou alegremente os dedos dos pés rosa-choque. — Vi-o em cima do teu toucador. Bonito, não é?

— Comprei-o ainda ontem!

Suzy estava indignada. Pegar em coisas sem pedir era uma das especialidades de Celeste.

— Eh, relaxa. Não to vou roubar. De qualquer forma, já terminei. — Celeste enroscou novamente a tampa e revirou os olhos. — Francamente, tanto alarido por causa de um bocado de verniz de unhas.

Suzy abandonou a marcha quando chegaram ao cimo da Gloucester Road, onde Boshopston fazia fronteira com Horfield. Espreitou para os números das casas, franzindo os olhos contra o brilho do Sol da tarde.

— Ali está. A da porta castanha — anunciou Suzy finalmente.

— Ugh! — Celeste enrugou o nariz. — É horrível.

— A Lucille ficou com o apartamento do sótão.

— Mais horrível ainda.

— Pois. Bem, seria bom se não lhe disseses isso.

Suzy estacionou o carro um pouco mais acima na rua e as duas dirigiram-se à casa. Esta tinha um jardim descuidado, coberto de vegetação, e o portão de madeira estava desencaixado das dobradiças. Ela tocou a campainha do apartamento do último andar e enfiou as mãos nos bolsos das calças de ganga.

Após o que lhe pareceu uma eternidade, Lucille abriu a porta.

— Credo. — Suzy ficou boquiaberta. — O que se passa? O que foi que te aconteceu?

Lucille tinha estado a chorar. Tinha os olhos vermelhos e borrões de rímel nas bochechas. A t-shirt branca estava toda coberta com marcas de mãos encardidas e bastante rasgada no pescoço.

— Desculpa. Não posso ir ao b-bowling. — A voz era baixa e vacilante. — Aconteceu... um imprevisto.

— Quem te fez isto? — Suzy apontou, horrorizada, para a t-shirt dela.

— O meu senhorio.

— Céus! Onde está ele? No teu apartamento?

Agarrada com força ao caixilho da porta, que já estava a descascar, Lucille abanou a cabeça. Apontou para uma porta fechada no hall sombrio atrás dela.

— Está ali dentro. Hum... inconsciente.

Celeste soltou um ganido.

— Deste-lhe um tiro?

— Não.

— Esfaqueaste-o? Com uma faca de cozinha? — Celeste esbugalhou os olhos. — No coração?

Apesar de tudo, Lucille conseguiu fazer um ligeiro sorriso.

— Não. Nada disso. Ele está apenas bêbedo. A dormir profundamente e a roncar como um comboio. Olha, eu estou bem, a sério. Desculpa não ir ao bowling, mas ligo-te amanhã...

— Não ligas, não — afirmou Suzy, escancarando a porta do apartamento. — Olha para ti! Não podes ficar aqui.

Lucille suspirou e deixou-as entrar.

— Eu sei.

No andar superior, a sua pequena sala de estar estava repleta de sacos de compras cheios de roupa, pilhas de livros e de CDs e um edredão enrolado.

— Passei a última hora a reunir as minhas coisas. — Enquanto falava, Lucille arrancou uma série de posters das paredes e enrolou-os. — Oferecia-vos café, mas já guardei a cafeteira. Quero sair daqui antes que ele acorde.

— Não te censuro — disse Celeste com um arrepio. — Este sítio é *sinistro*.

— E, falando em sinistro, — afirmou Suzy, — esta é a Celeste.

— Já calculava. — Lucille dispensou-lhe um breve sorriso antes de se baixar para desligar as colunas da aparelhagem de som. — A namorada do Jaz, certo?

— Noiva — corrigiu Celeste, agitando presunçosamente a mão esquerda a Lucille. Três pesados diamantes cintilaram à luz empoeirada do Sol que entrava pela janela do sótão. — Vinte mil libras, custou este anel. Eu disse-lhe para não gastar tanto, mas ele disse que eu valia.

— Conta-nos o que aconteceu — disse Suzy.

— Oh, foi tão romântico! Estávamos a descer a Princess Victoria Street e eu olhei de relance para a montra daquela joalheria na esquina...

— Celeste, cala-te. — Suzy abanou a cabeça em desespero. — Eu estava a falar com a Lucille.

— Ele é um porco bêbedo gordo — disse Lucille, enrolando lentamente o fio de um dos altifalantes em torno do pulso. — Chamou-me lá abaixo ao apartamento dele e disse que precisávamos de ter uma conversa acerca da renda. Quando eu descí, disse-me que sabia que eu me sentia atraída por ele, que já tinha reparado na forma como eu olhava para ele e porque não chegarmos a um acordo que interessasse a ambos? Depois agarrou-me e começou a tentar beijar-me. Quanto mais eu me debatia, mais ele tentava prender-me contra o sofá. — Estremeceu com a lembrança. — Tinha as mãos pelo meu corpo todo. Cheirava horrivelmente. Disse-me que fantasiava comigo há meses e eu quase vomitei.

Horrorizada, Suzy disse: — Ele...?

— Não. — Lucille abanou a cabeça. — Graças a Deus. Consegui libertar-me e ele tentou perseguir-me. Lançou-se para a frente, tropeçou na caixa de cerveja, soltou um rugido e caiu de queixo em cima do sofá. E pronto. Ele não bateu com a cabeça, nem nada. Apagou simplesmente.

— Céus, que horror! — Celeste franziu o nariz. — Então não te sentes nada atraída por ele?

— Por estranho que pareça, não — respondeu Lucille com louvável paciência.

— E o que aconteceu em seguida?

— Ele tinha a cara apertada contra as almofadas. Eu virei-o de lado para ele conseguir respirar. — A voz dela começou a vacilar. — Depois eu vim aqui para cima e comecei a fazer as malas.

— Devias tê-lo deixado sufocar — disse Suzy. Arregaçou rapidamente as mangas da camisola preta. — Bem, nós vamos ajudar-te... oh, não chores, já passou — disse ela apressadamente quando as lágrimas recomeçaram a escorrer pelas faces morenas de Lucille. — Eu sei que deve ter sido horrível...

— Não estou assim por causa dele — disse Lucille, limpando os olhos com uma expressão de completa infelicidade. — Estou a chorar porque esta era a minha casa... e agora aqui estou eu a empacotar as minhas coisas todas... e não faço ideia p-para onde vou.

Capítulo 13

Celeste, que tinha estado a admirar a sua imagem no espelho pendurado por cima de uma estante rachada e reparada com cola, disse alegremente: — Há um albergue do Exército de Salvação na Ashley Road. Acho que eram capazes de te aceitar. Mas atenção, são capazes de te obrigar a usar boina e a tocar tamborim.

— Eu não queria trazê-la comigo, juro que não — disse Suzy a Lucille.

— O que foi? — Celeste esbugalhou, mais do que nunca, os olhos azuis-claros. — Eu só estava a fazer uma sugestão sensata.

— Vês a frente da t-shirt dela? — perguntou Suzy. — O que lá devia dizer era *Little Miss Estúpida como uma Porta*. Achas que serias capaz de a suportar como vizinha do lado?

Lucille pestanejou rapidamente.

— Não podes...

— Olha, és minha irmã. E eu ia adorar que fosses morar comigo.

— *Tu* até podias adorar, — afirmou subitamente Celeste, — mas e a Lucille? Porque é que ela haveria de querer morar contigo?

Suzy ignorou-a e tocou no braço de Lucille.

— Por favor, diz que sim.

— É muito simpático da tua parte ofereceres, mas sinto-me um pouco...

— ... nauseada com a ideia? — disse Celeste.

— Pelo menos podíamos tentar — insistiu Suzy. — Quero dizer, tu precisas mesmo de um lugar para ficar e eu tenho um quarto vago. Se preferires ter a tua própria casa, muito bem, mas continuas a precisar de um sítio para dormires até a encontrares.

Lucille lançou-lhe um olhar de gratidão.

— É mesmo muito simpático da tua parte.

— Então aceitas? — O rosto de Suzy iluminou-se. — Maravilha!

Mas Lucille continuava com um ar relutante, a abanar a cabeça. — O problema é...

— Oh, por favor, não te preocupes com dinheiro, eu não te vou cobrar renda!

— O problema é que não sou só eu.
— Então quem mais? — perguntou Suzy, confusa. — Oh, meu Deus, não me digas que tens um bebé!
Lucille sorriu fracamente.
— Receio que seja pior do que isso.
— Credo! — Celeste parecia espantada. — O que pode ser pior que um bebé?

— Venham ver — disse Lucille.
Seguiu para fora da sala de estar, atravessou o patamar e entrou na minúscula cozinha.

— Olhem pela janela.
Juntas, Suzy e Celeste espreitaram para baixo para o pequeno quintal desarrumado. No centro do relvado coberto de erva estava uma espreguiçadeira de plástico. E na espreguiçadeira estava esparramado um grande — na verdade, muito grande — cão. Ao sentir movimento por cima, levantou a cabeça que tinha pousada entre as patas da frente, olhou para elas e abanou lentamente a cauda.

— Chama-se Baxter — disse Lucille.
— É enorme! — disse Celeste, espantada.

O cão do Leo, constatou Suzy.

Esperem...

— E o que estava o Baxter a fazer enquanto estavas a ser atacada pelo teu senhorio? — perguntou ela a Lucille.

— A tomar banhos de sol. É o cão de guarda mais inútil do mundo — admitiu Lucille. — Violência não é para o Baxter. Para ser franca, ele é um banana autêntico. O Leo pediu-me para tomar conta dele até regressar dos Estados Unidos — explicou ela.

— Vá lá, então — disse Suzy. — Conseguiste convencer-me.

Alegremente, Lucille disse: — Tens a certeza?

— Venham. — Suzy afastou-se da janela. — Quanto mais depressa acabarmos de arrumar as coisas, mais rapidamente sairemos daqui. — Fez um sorriso rasgado. — Ainda bem que tenho um carro grande.

Demoraram menos de uma hora a tirar todos os pertences de Lucille do apartamento. Finalmente, ficou tudo arrumado no *Rolls*.

Baxter agitou alegremente a cauda quando Lucille abriu a porta dos fundos que dava para o quintal e o chamou. Desceu da espreguiçadeira, galopou até elas e — em jeito de apresentação — tentou enfiar a cabeça por debaixo da saia de Celeste.

— Ele é adorável — garantiu-lhes Lucille. Fechou a porta dos fundos

e depois hesitou. — Antes de irmos, é melhor eu ir ver como está o Les. Verificar se ainda está vivo.

Na sala em frente, que tresandava a álcool e suor, Les não se tinha mexido. Estava a ressonar ruidosamente e a camisa verde imunda estava aberta até à cintura, revelando uma barriga montanhosa que estremecia como um manjar-branco sempre que ele respirava.

— Ele atacou-te — disse Suzy. — Devias denunciá-lo à polícia.

Lucille abanou a cabeça.

— Mais trabalho do que vale. De qualquer forma, já estou de partida. Para mim isso basta.

— Mas parece-me uma pena — disse Celeste — deixá-lo sair impune. — Com uma expressão pensativa, olhou através da encardida janela dos fundos.

— Podíamos sempre destruir-lhe a casa. — Enquanto acariciava a cabeça de Baxter, Suzy olhou sem entusiasmo para a sala que era, francamente, nojenta. — Quem é que iria reparar?

— Ele está mesmo apagado? — Debruçando-se sobre as costas do sofá, Celeste beliscou com força as costas da mão rechonchuda de Leo. Não houve reação.

— O que tens em mente? — perguntou Suzy.

— Esperem aqui. — Celeste saiu disparada da sala. Ouviram a porta dos fundos abrir-se. Momentos depois, ela estava de regresso arrastando a espreguiçadeira encardida.

— Celeste, estás doida? Não queremos a espreguiçadeira dele — disse Suzy com um estremecimento.

— Vá lá, somos três, vamos conseguir. — Empurrou a espreguiçadeira contra o sofá, tomou fôlego atrás da cabeça dele e enfiou os braços debaixo dos ombros gordos de Les. — Segurem numa perna cada uma. Muito bem. Um, dois, três, levantar...

Les resfolegou como um rinoceronte quando o içaram para cima do plástico imundo. Agitou um braço e resmungou: — Ainda não são os últimos pedidos, pois não? Mais uma cerveja, companheiro.

Depois adormeceu novamente.

— E agora? — sussurrou Suzy.

— Acho que é o jardim da frente, não acham? — Celeste sorriu maliciosamente, pegou na mala e tirou de lá o frasco de verniz de unhas cor-de-rosa.

Debruçou-se e desabotoou os últimos botões da camisa de Les, e em seguida pintou com todo o esmero: «SACANA GORDO E FEIO» em letras garrafais no peito claro e sem pelos.

Alarmada, Lucille disse: — Podemos fazer isto?

Celeste olhou para o frasco quase vazio de verniz de unhas, fez uma careta e atirou-o por cima do ombro.

Ao segurar na zona de apoio dos pés da espreguiçadeira, Suzy descobriu que, graças às rodas, esta era surpreendentemente fácil de manobrar. Sorriu primeiro para Celeste e depois para Lucille. — Oh, eu acho que devíamos, não acham?

O toque final, assim que Les foi instalado no jardim de sua casa à vista de todos os transeuntes, foi inspirado por Baxter. Ao vê-lo levantar a perna e fazer xixi no portão, Celeste tirou uma garrafa meio vazia de *Evian* tépida da mala e despejou-a cuidadosamente sobre a virilha vestida de ganga de Les.

Invejosa por não ter ela própria pensado em tal coisa, Suzy disse: — Sabes, às vezes eu era capaz de quase gostar de ti.

Um autocarro passou ruidosamente e elas viram os passageiros espreitarem para Les, chamarem a atenção uns dos outros e rirem-se.

— É curioso que digas isso, — respondeu Celeste alegremente, — porque eu nunca penso que posso quase gostar de ti.

O carro estava atafalhado com os pertences de Lucille. No banco do pendura, Celeste tinha sacos empilhados debaixo dos pés e em cima do colo. Lucille e Baxter, e mais algumas dezenas de sacos, iam espremidos atrás.

— Adoro ver as coisas das outras pessoas. — A vasculhar alegremente um dos sacos equilibrados sobre o colo, Celeste retirou um estojo de maquilhagem. — É tão bom descobrir do que realmente gostam. — Abriu o estojo. — Quer dizer, olhem para isto... *Rimmel*, *Miners*... Céus, Lucille! Porque compraste maquilhagem tão reles?

— Atiça-lhe o cão — disse Suzy a Lucille. Com a mão livre, fechou o estojo de maquilhagem quase arrancando os dedos de Celeste. — E tu não sejas tão coscuvilheira.

— Está bem, está bem, não precisas de te exaltar. — Celeste continuava impávida. Espreitou para dentro do saco mais próximo, escarafunchou um pouco e desenterrou um álbum de fotografias. — Eh, e então isto? A tua mãe com o pai da Lucille. Olhem-me para aqueles penteados!

— Põe isso onde estava! — ciciou Suzy, exasperada.

— E o que é isto? — Depois de voltar a meter o álbum de fotografias no saco, Celeste agarrou numa mão-cheia de cassetes, todas idênticas, apenas com o nome Lucille impresso em letras prateadas em cada uma das caixas.

— Nada. Não é da tua conta — disse Suzy.

No banco traseiro, Lucille disse abruptamente: — Podias, por favor, deixar as minhas coisas em paz?

— Tanto trabalho, — disse Celeste, encolhendo os ombros, — e é este o agradecimento que recebo.

Suzy olhou para as cassetes ainda fechadas na mão de Celeste.

— Vais comportar-te ou vou ter de parar o carro e expulsar-te?

— Pareces aquele velho que costumava conduzir a carrinha da escola — resmungou Celeste. Abriu os dedos e largou as cassetes dentro do saco.

— Pronto. Satisfeita?

— Extasiada — disse Suzy.

Celeste esperou virarem para a Zetland Road. Enquanto a atenção de Suzy estava focalizada em evitar um reformado numa motoreta, pegou numa das cassetes e enfiou-a na sua mala.

Por amor de Deus, não estava a roubar nada! Estava apenas a levar emprestado.